



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Vera Alexandra Pessoa da Silva

**O papel dos livros informativos para
a infância na conformação de uma
educação histórica**

julho de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Vera Alexandra Pessoa da Silva

**O papel dos livros informativos para
a infância na conformação de uma
educação histórica**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Sara Raquel Reis Silva

julho de 2015

DECLARAÇÃO

Nome: Vera Alexandra Pessoa da Silva

Endereço eletrónico: veraslva@sapo.pt

Número do Cartão de Cidadão: 13055374 3ZZ5

Título do relatório: O papel dos livros informativos para a infância na conformação de uma educação histórica

Supervisor: Professora Doutora Sara Reis da Silva

Ano de Conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me acompanharam ao longo da minha vida pessoal e académica, pois, de forma direta ou indireta, me ajudaram na concretização deste relatório de estágio.

Agradeço à Universidade do Minho e à minha supervisora, Doutora Sara Reis, pela orientação ao longo do estágio e na realização do presente relatório. À professora Glória Solé pelo seu contributo ao nível das ciências sociais.

Tenho, ainda, que agradecer ao corpo docente e não docente da Escola Básica nº1 de Nogueira. Um obrigado em especial à professora cooperante Dra. Armanda Barata, pelo acolhimento, orientação e disponibilidade ao longo da minha intervenção. Agradeço também às crianças da turma 4º B, pelo modo como receberam as estagiárias.

A todos o meu muito obrigado.

RESUMO

O papel dos livros informativos para a infância na conformação de uma educação histórica

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade do Minho, no ano letivo 2014/2015. Este teve os seguintes objetivos: promover a curiosidade de desenvolver competências de investigação em livros informativos; dotar os alunos de instrumentos e técnicas de análise de livros informativos; avaliar o impacto das intervenções para o desenvolvimento de competência de aprender a aprender.

Assim, situado no domínio do Estudo de Meio, este projeto procurou “cruzar” a abordagem de livros informativos, de autores diversos, com o trabalho em torno do manual escolar, procurando averiguar a recetividade e as vantagens deste percurso de ensino-aprendizagem, de raiz intertextual, dos/para os alunos.

Neste documento, encontra-se relatado criticamente o trabalho desenvolvido ao longo da minha prática. Implementei uma metodologia de investigação-ação que assentou numa prática construtivista, tendo em vista várias estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. São exemplo destas estratégias a intertextualidade entre os livros informativos analisados em aula e o manual de Estudo do Meio. Uma vez que foi desenvolvido numa turma do 1º ciclo, 4º ano, de modo, a tornar as aulas mais aliciantes houve muito diálogo, visualização de vídeos sobre os reis em estudo, entre outras estratégias. Embora se tratasse de História, logo a área adjacente do Estudo do Meio, este englobou outras áreas curriculares, como Matemática, Português, Cidadania, Expressões. O projeto partiu da seguinte questão orientadora: “Qual o papel dos livros informativos para o estudo da História no 1º ciclo?”

ABSTRACT

The role of informative books in forming historical education for children

The following report was carried out under the Prática de Ensino Supervisionada II of the Masters in Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico at the University of Minho, in the academic year 2014/2015. This report had the following objectives: promote the curiosity to develop research skills in informational books; provide students with the instruments and analysis techniques for informative books; evaluate the impact of interventions in the development of the learning-to-read skill.

Located in the Middle Study domain, this project sought to "cross" the approach of informative books, from several authors, with work concerning the textbook, trying to determine the receptivity and the advantages of this teaching-learning intertextual method for students.

Herein lies critically reported and discriminated the work done throughout my practice. I developed a methodology and implemented a research-action based on a constructivist practice, with a view of several strategies to improve the teaching-learning process. Examples of such strategies intertextuality between informative books that were analyzed in class and the Environmental Studies Manual. Since it was developed for the 4th grade and in order to make the most attractive classes, there was a lot of dialogue, video viewing about historical loyalty at study, among other strategies. Although this was history, an immediately adjacent area of Environmental Studies, this encompassed other curriculum areas such as Mathematics, Portuguese, Citizenship and Expressions. The project started from the following guiding question: "What is the role of informative books in the study of history in the 4th grade?".

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
ÍNDICE.....	VII
CAPITULO I – Contexto de intervenção e investigação.....	11
1.1-Caraterização da instituição.....	12
1.2-Caraterização da turma.....	12
1.3-Identificação da problemática da intervenção pedagógica.....	12
CAPITULO II- Enquadramento de suporte teórico.....	15
2.1- Enquadramento de suporte didático.....	15
2.1.1- Caraterização do ensino da História de Portugal.....	16
• Promoção de uma atitude positiva face ao estudo da História de Portugal	
2.2- Enquadramento.....	16
2.2.1- D. Afonso Henriques - O Conquistador.....	16
2.2.2 – D. Fernando – O Formoso.....	28
2.2.3 – D. João I – O de boa memória.....	39
CAPITULO III – Plano geral de intervenção.....	51
3.1- Metodologia.....	51
3.1.1- Conceito e características de intervenção-ação.....	51
3.1.2- Objetivos.....	52

3.1.3 – Estratégias pedagógicas.....	55
3.1.4- Planos de ensino-aprendizagem.....	56
3.1.5 – Métodos de recolha de dados.....	103
CAPITULO IV- Apresentação e análise dos resultados.....	104
4.1- Análise de resultados.....	104
4.2 – Avaliação das aprendizagens individuais dos alunos.....	105
CAPITULO V – Considerações finais.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
ANEXOS.....	125

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	18
Figura 2.....	18
Figura 3.....	20
Figura 4.....	20
Figura 5.....	21
Figura 6.....	23
Figura 7.....	23
Figura 8.....	24
Figura 9.....	26
Figura 10.....	27
Figura 11.....	28
Figura 12.....	38
Figura 13.....	40
Figura 14.....	43
Figura 15.....	57
Figura 16.....	58
Figura 17.....	59
Figura 18.....	61
Figura 19.....	62
Figura 20.....	62
Figura 21.....	63
Figura 22.....	66
Figura 23.....	68
Figura 24.....	68
Figura 25.....	69

Figura 26.....	70
Figura 27.....	71
Figura 28.....	71
Figura 29.....	72
Figura 30.....	73
Figura 31.....	73
Figura 32.....	73
Figura 33.....	73
Figura 34.....	73
Figura 35.....	74
Figura 36.....	75
Figura 37.....	78
Figura 38.....	80
Figura 39.....	81
Figura 40.....	82
Figura 41.....	82
Figura 42.....	83
Figura 43.....	86
Figura 44.....	87
Figura 45.....	88
Figura 46.....	90
Figura 47.....	90
Figura 48.....	91
Figura 49.....	95
Figura 50.....	96
Figura 51.....	97
Figura 52.....	106

ÍNDICE DE TEXTOS

Texto 1.....	99
Texto 2.....	99
Texto 3.....	100
Texto 4.....	100
Texto 5.....	100
Texto 6.....	101
Texto 7.....	101
Texto 8.....	102
Texto 9.....	102
Texto 10.....	102
Texto 11.....	102
Texto 12.....	103

1.1. Caraterização da Instituição

A Escola Básica nº 1 de Nogueira, pertencente ao Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. Localiza-se na Rua de Barreiros, freguesia de Nogueira, em Braga. Foi construída em 1981 e inaugurada em 1982. É uma escola tipo P3, de área aberta, na sua origem, sendo fechados os espaços posteriormente.

Esta escola é composta por dez salas de aula, duas salas pequenas onde funciona a sala dos professores e a secretaria, uma cozinha, uma sala de refeições, um polivalente e uma biblioteca integrada na Rede de Bibliotecas Escolares. Tem um espaço exterior coberto, recentemente ampliado e outro espaço descoberto. A escola utiliza, ainda, um ringue anexo. A utilização deste é semanal. Cada turma tem um tempo/dia por semana. A turma em que estagiei ocupa-o à segunda-feira.

Devido às obras de melhoramento a que os edifícios foram sujeitos, os espaços tornaram-se acolhedores e seguros.

Os edifícios encontram-se em bom estado de conservação e limpos, tendo boas áreas de trabalho, espaço e conforto.

O pavilhão grande está decorado com trabalhos das crianças, esta decoração é alterada durante o ano.

No exterior existem espaços verdes.

A escola insere-se numa freguesia de cariz urbano.

O projeto educativo encontra-se em fase de atualização.

1.2. Caraterização da turma

No início da minha prática supervisionada, a turma do 4º ano B era constituída por 25 elementos, 15 crianças do sexo masculino e 10 do sexo feminino, sendo que duas delas foram transferidas de escola em meados de Outubro e outra durante as férias de Natal. Assim, no final de Janeiro a turma ficou apenas 22 crianças, 12 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

Um dos alunos tem necessidades educativas especiais (NEE). Este, apesar do problema cognitivo, que afeta o seu desenvolvimento global. Demonstra um raciocínio matemático razoável, para um 2º ano. Já no domínio da língua portuguesa, nomeadamente na produção de textos, fica rapidamente saturado da tarefa; tem momentos de concentração reduzidos, com repetidas idas à casa de banho, limpar o nariz ou para levar um pequeno papel ao lixo. Por vezes, rasga uma folha de papel para poder sair do lugar. Apesar de se encontrar oficialmente inscrito no 4º ano de escolaridade, está a desenvolver aprendizagens inerentes ao 2º ano de escolaridade. Após conversa com a professora titular, comecei a trabalhar com este aluno alguns conteúdos do terceiro ano, mas ainda o faz com muita dificuldade.

Este aluno é pela professora de ensino especial, e tem um plano individual de trabalho.

No geral, posso dizer que a turma é autónoma. Ao longo da observação fui-me apercebendo dos diferentes ritmos de trabalho. Acontece por vezes que alguns já terminaram a tarefa e cerca de 5 crianças continuam a dar resposta à primeira pergunta. É uma turma que tem de estar sempre ocupada com algo. As intervenções têm de ser dinâmicas. Caso contrário, há alunos que “desligam” completamente. No geral, é uma turma atenta, que gosta de aprender, é ativa na procura de informação, como por exemplo, o significado de palavras desconhecidas. Revela-se frequentemente argumentativa na procura de resolução problemas decorrentes das atividades. Por outro lado, tem dificuldade em resolver conflitos fora da sala de aula, recorrendo frequentemente à professora titular ou a nós estagiárias.

1.3. Identificação da problemática da investigação pedagógica

Na sociedade em que vivemos, cada vez mais as crianças têm acesso a vários tipos de textos, como se pode observar nos que surgem em novos suportes como a internet, as redes sociais, os e-books, blogues ou noutros, já convencionais, como revistas e livros diversos. Por

vezes, sendo elevada a quantidade da informação, acabam por não distinguir o essencial do acessório, nem verificar a sua veracidade. Face a este facto e como a escola deve acompanhar este desenvolvimento, cabe ao professor como o ser mais próximo da criança a trabalhar estes conceitos. Assim, visto que cabe ao *professor recriar o programa, de modo a atender (...), aos interesses e necessidades* dos seus alunos.(Educação, Organização Curricular e programas Ensino, 2004, p. 102). Orientei a turma para um trabalho assente no princípio da intertextualidade entre o manual e os livros/textos informativos.

Na verdade, considero os textos informativos importantes para a aprendizagem histórica, dando-lhes destaque no decorrer das aulas. Creio que, se os alunos se habituarem desde cedo a pesquisar em várias fontes, distinguindo a informação essencial da acessória (Buescu, Morais, Rocha, & Magalhães, 2012, p. 27), terão aprendizagem para a vida e não só os conteúdos concretos a abordar. Neste seguimento, posso dizer que vão aprender a aprender.

Para ir ao encontro desta realidade, desenvolvi a minha prática de ensino de História com base em livros informativos. Não sendo de todo desconhecidos para a turma, nunca os tinham usado como ferramenta de trabalho de pesquisa.

Este tipo de trabalho veio ao encontro da problemática existente na área curricular de Estudo do Meio, área cujo manual adotado é desprovido de informação de alguns fatos históricos.

Os estudos que encontrei sobre os livros informativos falam essencialmente na área da literatura. Porém, ao longo da minha investigação pretendi demonstrar que os livros informativos podem ser utilizados nas outras áreas curriculares, focalizando-a na área de Estudo do Meio, mais propriamente alguns conteúdos da História de Portugal.

“Entre as finalidades da escola está a de formar cidadãos independentes, e a ajuda para compreender textos informativos é um caminho direto.”(Garraón, 2012)

Ao longo da minha prática, fui alterando as minhas estratégias de intervenção conforme as crianças se iam familiarizando com os livros informativos.

Numa primeira fase, levei a turma a refletir sobre o uso dos livros informativos na sala de aula. Esta reflexão teve como ponto de partida o manual que, tendo pouca informação, ajudou a que facilmente se interessassem por outros textos/livros.

Na segunda fase, orientei a turma para a escolha de informação, neste momento os alunos tinham acesso ao manual e a textos informativos diferentes. Para assim, fomentar o espírito crítico, questionei-os sobre a veracidade dos factos e mesmo para que percebessem também que era tudo uma questão de linguagem. Na realidade, foi fundamental enfatizar que os acontecimentos eram os mesmos, foi exemplo disso a comparação que fizeram entre os textos que lhes facultei e o texto informativo que uma aluna levou para a aula (Barros, 1948), pois, no texto informativo que levei, falava de Leonor de Lencastre (Inglaterra) e no da aluna em Leonor de Aragão. Esta situação levou a um confronto de ideias e de conhecimentos, lembraram a Reconquista Cristã e os seus reinos. Nesta aula, expliquei que esta denominação se pode dever à interpretação que cada escritor / historiador fez da História e também devemos ter em conta o ano de edição de cada um dos livros.

Por fim, perceberam que é importante ler e buscar dados em mais que uma fonte, para confrontar a informação e perceber a verdadeira História ou, pelo menos, a mais próxima da realidade.

Numa terceira e última fase, visto que o estudo não foi muito longo, as crianças já conheciam melhor os textos informativos, passei a orientar as suas aprendizagens.

Importa salientar que, na segunda e terceira fases do projeto, adotei o guia de estudo como estratégia de trabalho em sala de aula.

Esta estratégia torna os alunos mais autónomos na procura de informação (Moss & Loh, 2012). No entanto, não dispensa obviamente a orientação do professor.

2.1. Enquadramento de suporte didático

2.1.1. Caracterização do ensino da História de Portugal

Promoção de uma atitude positiva face ao estudo da História de Portugal

No início do estágio, quando me propuseram o ensino de História, fiquei reticente, pois, para mim, ensinar História não é simplesmente ensinar/debitar conteúdos de acontecimentos passados. Devemos ter em conta a idade e o quotidiano do público-alvo, 4º ano de escolaridade.

Por outro lado, era evidente a falta de informação no manual escolar. Porém, e devido a esta problemática, realizei pesquisas em livros informativos de modo a que o ensino – aprendizagem fosse eficaz. Uma vez que pode pesquisar e abordar além do que tinha escrito no manual, para facilitar a compreensão da História, procurei textos com informação sequenciada, facilitando às crianças a construção de conhecimentos históricos, não as “obrigando” decorar factos.

“Os professores reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade (...). Denunciam, também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos (...) reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, (...)” (Caimi, 2007, p. 18)

Tendo este estudo em conta torna-se necessário refletir sobre ele, e pensar qual a melhor forma de abordar estes conteúdos de modo a que a turma consiga entender os factos e o tempo histórico.

A compreensão da História pressupõe que se estabeleçam “*relações históricas entre o passado e o presente. Situar os acontecimentos históricos em múltiplas temporalidades; reconhecer semelhanças, diferenças, mudanças e permanências conflitos e contradições em / entre diversos contextos históricos dominar procedimentos de pesquisa, lidando com fontes textuais, iconográficas, sonoras e materiais; valorizar o património sociocultural e o direito à cidadania, respeitando a diversidade social, étnica e cultural dos povos dentre outros.*”(Freitas, Solé, & Pereira, 2010)

Neste seguimento, não pretendi apresentar apenas conteúdos que, ao longo do tempo, se vão fragmentando e desconectando dos factos. Procurei relacionar, sempre que possível, o presente com o passado, com o intuito de que as crianças vivenciem a História, que se imaginando que viveram naquela época. De facto, vale a pena aprimorar o raciocínio das crianças, que assim constroem e descobrem o seu pensamento histórico, obtendo realmente aprendizagens mais significativas, construindo também noções e conceitos que até ao momento desconheciam. Neste sentido, o meu papel como professora é o de selecionar o conhecimento que deve ser aprendido; partilhar com os alunos esses conhecimentos, ainda que pesquise com eles, guiando-os na sua aprendizagem.

É de salientar que o que pretendi, com a minha prática, não foi apenas que a turma aprendesse conteúdos de História, mas também que aprendessem a aprender/estudar, que conseguissem ao fim de algum tempo, realizar pesquisa de conteúdos em livros informativos e que lhes fosse possível selecionar a informação mais importante, bem como realizar a seleção de alguns textos/livros.

2.2. Enquadramento de suporte teórico

O que entendemos por “livros informativos”?

Os livros informativos ou não literários tem como função informar, são diretos, ao contrário dos textos literários que pretendem cativar o leitor pelo uso criativo da língua.(Azevedo, Freitas M. Pinto, & Azevedo Lopes, 2009)

Segundo o Ministério da Educação de Espanha, os livros informativos começaram a ter mais relevo desde os anos 80, desde então se tem publicado livros para crianças. Inicialmente, estes seguem completamente desligados da vida escolar, espaço onde permanecem as ditas obras de referência com o objetivo de completar o currículo. Estes livros tem duas funções complementares, a de informar e dar respostas aos leitores, bem como abrir horizontes, ou seja, cativar o leitor para querer saber mais de um assunto e suscitar interesse para outros. (Ministério de Educación), Citado em http://www.ite.educacion.es/formacion/materiales/8/cd_2013/m5_5/el_libro_informativo.html.

A seleção dos livros informativos:

Ao escolher os livros/textos informativos, tive em atenção alguns critérios, em particular, a idade das crianças. Os textos não podiam ter uma linguagem muito complexa, deviam ter ilustrações de qualidade, apelativas para cativar as crianças, como para fornecerem detalhes interessantes para analisar. Os textos teriam de ser concisos e pouco extensos. Além disso, é necessário aumentar o vocabulário das crianças. Neste sentido, tive de analisar alguns livros/textos informativos, ou seja, verificar a sua qualidade global.

Neste seguimento, a escolha dos textos não foi estanque, nem mesmo inflexível, pois, mesmo tendo escolhido todos os textos numa fase inicial do projeto, estes foram alterados ao longo da prática, indo ao encontro dos interesses e motivações das crianças. Quero com isto dizer que alterei parcialmente a seleção dos livros conforme ia conhecendo as crianças da turma e ia percebendo o que lhes interessava mais em cada conteúdo da História, não fugindo do objetivo de estudo do projeto.

Durante a minha prática de ensino supervisionada, fui desenvolvendo o projeto da História, não só pensando no que eu pretendia com o estudo, mas também tive em conta o que elas queriam aprender. É de salientar que dei importância aos livros informativos que as crianças levaram para as aulas.

O projeto sobre História de Portugal que, agora, neste relatório, se dá a conhecer, congregando atividades realizadas por duas professoras estagiárias, procura revelar que cada

uma usou uma estratégia diferente ou vertente e, assim, cada uma ficou de abordar com a turma uma parte da História, deste modo, eu ficaria com D. Afonso Henriques, D. Fernando, e D. João I e a outra professora estagiária com D. Pedro, D. Dinis e D. Manuel. Porém, não fazia sentido para mim, começar a falar de Reis sem explicar primeiro como tudo começou.

Deste modo, e embora não fizesse parte do projeto em estudo, este facto está intimamente ligada a ele. Antes de dar início ao projeto propriamente dito, abordei com a turma os primeiros povos da península ibérica, segui com a Reconquista Cristã até à fundação do reino, ou seja, o Condado Portucalense.

Uma vez que a compreensão do tempo histórico é difícil para as crianças destas idades, por ser abstrato, elaborei, juntamente com a outra professora estagiária, um friso cronológico que colocámos na parte superior de duas paredes da sala de aula. Neste, foram colocados os acontecimentos conforme íamos “descobrir” a História.



Figura 1 e 2: Friso Cronológico

Para que as crianças identificassem a data de cada acontecimento, foi-lhes explicado o que era um friso cronológico, para que servia e como se dividia, (décadas, anos, séculos) e, deste modo, as crianças conseguiram compreender o tempo com mais facilidade.

Foi minha intenção, desde o início, ajudar a criar seres mais autónomos na sua pesquisa, de acordo com Piaget, *“educação do pensamento, da razão e da própria lógica, é necessário e é condição primeira da educação da liberdade. Não é suficiente preencher a memória de conhecimentos úteis para se fazer homens livres: é preciso formar inteligências ativas”* (Piaget, 1998). Por conseguinte, apesar da escolha dos livros ser minha, tudo o resto foi a criança a ter de descobrir, designadamente através de várias estratégias, leitura em voz alta, leitura e pesquisa individual, pesquisa em grupo ...

2.2.1. D. Afonso Henriques – O conquistador

Até chegar a D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, fiz uma introdução ao estudo, explicando como se formou o reino de Portugal, que, nesta altura, se chamava Condado Portucalense. Para abordar estes conteúdos, servi-me, além do manual da turma, de mais dois livros: o livro auxiliar *História de Portugal* 1º e 2º ciclo da Porto Editora (s/n, 2013) e o livro *Portugal Histórias e Lendas* da Editorial Caminho (Magalhães & Alçada, 2001).

Como tudo começou...

Para perceberem como tudo principiou, começámos por ler o manual em voz alta. De seguida, as crianças sublinharam a informação que acharam mais pertinente e conversamos sobre a leitura. Analisámos as imagens que estavam no manual.

No dia seguinte, levei-lhes dois livros informativos que lemos e analisámos, comparando a informação com a que encontrava se contida no manual.

Nas tabelas que se seguem, estão transcritos os textos abordados em aula. Alguns foram abordados na íntegra. Outros valorizámos apenas alguns parágrafos, de acordo com a informação que se pretendia a cada momento.

A Reconquista Cristã

Manual de Estudo do Meio 4º ano (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014, p. 48)	Livros informativos (s/n, 2013) e (Magalhães & Alçada, 2001)
Perante a conquista muçulmana, parte dos Cristãos refugiou-se no Norte da Península Ibérica e iniciou a luta contra os Invasores. Durante esse processo, formaram-	Os muçulmanos habitaram na Península Ibérica, durante cerca de 800 anos, desde 711 até 1492, até serem expulsos da Península para o Norte de África. (Foram ao

se vários reinos cristãos: Leão, Castela, Navarra e Aragão.

Nessa altura, o rei de Leão, Afonso VI, aceitou a ajuda de cavaleiros franceses na luta contra os Muçulmanos. Entre esses cavaleiros chegaram os condes D. Henrique e D. Raimundo. Como recompensa pelas batalhas ganhas aos Muçulmanos, Afonso VI recompensou D. Henrique doando-lhe o Condado Portucalense, que correspondia à região entre o Minho e o Douro, e entregando-lhe a sua filha, D. Teresa, em casamento.



D. Henrique e D. Teresa.

Figura 3. D. Henrique e D. Teresa

Apesar de dever lealdade ao rei de Leão, D. Henrique manifestou vontade de autonomizar¹ o condado do reino de Leão, aliando-se aos interesses do clero e da nobreza portucalenses. No entanto, acabou por morrer sem o conseguir.

D. Teresa sucedeu a D. Henrique, mas a

mapa mundo localizar a Península Ibérica e o Norte de África). A saída deste povo aconteceu de modo residual, mas em 1249 foram definitivamente expulsos. (s/n, 2013, p. 27)

Esta expulsão deu-se através do processo Reconquista Cristã, esta teve várias etapas e Batalhas. Nas aulas abordamos a batalha de Covadonga, em 722 os cristãos derrotaram os muçulmanos. A partir dessa batalha foi criado o reino das Astúrias, chefiado por Pelágio.(s/n, 2013)

Partindo das Astúrias, os Cristãos foram conquistando as suas terras aos Mouros². Os combates prolongaram-se durante vários séculos, as fronteiras oscilaram, e tanto do lado cristão como do lado do mouro surgiram e desapareceram reinos.(Magalhães & Alçada, 2001, p. 33)



Figura 4: Península Ibérica no século VIII(Magalhães & Alçada, 2001)

¹Automizar: tornar o reino autónomo/ independente de Leão e Castela

²Expliquei à turma que em alguns livros poderiam encontrar mouros e outros muçulmanos, as duas denominações estão corretas e representam o mesmo povo.

sua governação não favoreceu os interesses portugalenses, tendo mesmo colocado no governo um conde da Galiza, o que desagradou ao seu filho, D. Afonso Henriques.

Com a ajuda de alguns nobres, que possuíam terras no Condado Portucalense, D. Afonso Henriques travou contra D. Teresa a Batalha de São Mamede, perto de Guimarães, em 1128.

Vencida a batalha, D. Afonso Henriques continuou a luta contra os Muçulmanos, prosseguiu a conquista do território para Sul, até ao rio Tejo, e luta pela independência relativamente a Afonso VII, rei de Leão e Castela.

Ao longo do tempo outros reinos cristãos se foram formando, como foi o caso de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Durante o século XI, o reino de Castela absorveu o reino de Leão.



Figura 5: A Península Ibérica século XI

No reinado de Afonso VI de Leão e Castela, no século XI, os Mouros pediram auxílio aos Almorávidas³, que, em conjunto, com seguiram vencer os cristãos na batalha de Zalaca.(s/n, 2013). Perante este acontecimento os cristãos também pediram ajuda a outros reinos cristãos vindo do Centro da Europa.

A ajuda militar chegou através da chegada de nobres franceses pertencentes às Cruzadas⁴.

Entre outros cavaleiros vieram em auxílio de D. Afonso VI de Leão e Castela dois que se

³Almorávidas: Tribos muçulmanas que viviam no Norte de África.



⁴Cruzadas: expedições dos cristãos com o objetivo de libertar os lugares santos do domínio islâmico (Islamismo: religião dos muçulmanos).

	<p>destacaram pela sua coragem e bravura, sendo eles, D. Henrique de Borgonha e o seu primo D. Raimundo. Pelos seus feitos o rei achou por bem compensá-los com a doação de territórios e o casamento com as suas duas filhas.</p> <p>D. Raimundo casou com a sua filha legítima, e concedeu-lhe o governo da Galícia. E D. Henrique casou com D. Teresa, filha ilegítima e ainda criança, e doou-lhe o governo dos territórios entre o rio Mondego e o rio Minho, que vieram a formar o Condado Portucalense.</p> <p>D. Henrique passou a prestar vassalagens ao rei, devendo-lhe fidelidade e ficou obrigado prestar-lhe auxílio militar. Empenhou-se também na defesa do território perante a ameaça muçulmana.</p> <p>Quando D. Henrique morreu, em 1112, seu filho D. Afonso Henriques era ainda uma criança com cerca de três ou quatro anos, ficando D. Teresa sua mãe a governar o Condado. (s/n, 2013, p. 29)</p> <p>Durante a sua governação, D. Teresa deixou-se influenciar por uma família nobre da Galiza, um dos membros dessa família teve grande protagonismo a época, pois dizia-se que a D. Teresa mantinha um romance com Fernão Peres de Trava. O que não agradava aos nobres portucalenses, nem a D.</p>
--	--

³Vassalo: Indivíduo dependente de um senhor a quem deve auxílio e obediência e de quem espera proteção.

	<p>Afonso Henriques.(s/n, 2013, p. 30)</p> <p>Por este motivo, em 1128, D. Afonso Henriques com a ajuda dos nobres travou a batalha de S. Mamede contra a sua mãe.</p>
--	--

A fundação do Reino

<p>Manual de Estudo do Meio 4º ano (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014, p. 49)</p>	<p>Livros informativos (Lopes, 2001)</p>
<p><i>“Depois de várias batalhas, em 1143, com a assinatura do Tratado de Zamora, Afonso VII aceitou que D. Afonso Henriques usasse o título de rei, apesar de a independência do Reino de Portugal só se ter consolidado com o reconhecimento do papa Alexandre III em 1179.</i></p> <p><i>D. Afonso Henriques prosseguiu com a reconquista aos Mouros, conquistando Santarém e Lisboa, em 1147.</i></p>  <p>Cerco e conquista da cidade de Lisboa aos Mouros.</p> <p>Figura 7- Cerco e conquista da cidade de Lisboa aos Mouros</p>	 <p>Figura 6 – D. Afonso Henriques, Primeiro rei de Portugal</p> <p><u>Resumo: “Nasceu em Guimarães, em 1109. Era filho do conde D. Henrique e de D. Teresa. Casou com D. Mafalda de Saboia.”(Lopes, 2001, p. 30) “ Mas há quem tenha descoberto que, aos dezoito anos, se apaixonara por uma linda galega, Flâmula Peres de Trava, exatamente a sobrinha do conde que o príncipe derrotara na batalha de S. Mamede.</u></p> <p><u>A corte não permitiu o casamento e só se puderam encontrar em segredo.</u></p>

Chegou também a conquistar terras a sul do rio Tejo, mas foi só no reinado de D. Afonso III, mais de um século depois, em 1249, que os Portugueses conquistaram o que faltava do atual território português aos Muçulmanos.

Esta luta entre Cristãos e Muçulmanos teve a ajuda dos cruzados, cavaleiros que combatiam em nome de Cristo e da população.”



Castelo de Guimarães, a cidade «berço» da nacionalidade portuguesa.

Figura 8: Castelo de Guimarães, a cidade “berço” da nacionalidade portuguesa.

Tiveram dois filhos.”(Marcelo, 2004, p. 5)

“A História de Portugal atribui a todos os reis um cognome ou alcunha. D. Afonso Henriques teve o cognome de o Conquistador pelas numerosas conquistas feitas aos Mouros.

A primeira dinastia chama-se Afonsina ou de Borgonha porque o seu primeiro rei foi

D. Afonso, filho de D. Henrique de Borgonha.

D. Afonso Henriques recebeu do Papa a homenagem de vassalo leal, por conquistar para a Igreja a faixa da Europa que será a primeira do Ocidente ao serviço da civilização cristã. Faleceu em 6 de Dezembro de 1185. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, que ele mandou edificar.”(Lopes, 2001, p. 30)

“Após o êxito da batalha de S. Mamede, Afonso Henriques foi aclamado soberano do Reino. Os destinos do Condado ficaram nas suas mãos.

A sua ação desenvolveu-se em três frentes;

-contra o seu primo D. Afonso VII, rei de Leão e Castela, para consolidar o seu domínio e garantir que reconhecesse a independência do Condado Portucalense;

- Contra os Muçulmanos (Mouros); para alargar o seu território;

- Declarou-se vassalo da Santa Sé, para que o Papa o reconhecesse como rei, e a Portugal como reino independente.

Batalha de Cerneja–grande desejo de D.

Afonso Henriques era libertar-se de Leão e alcançar a independência.

Auxiliado pelos cavaleiros portugalenses, invadiu a Galiza, em 1137, e derrotou as forças leonesas na batalha de Cerneja. Sacudiu, assim jugo leonês.

Paz de Tui- Aproveitando o facto de D. Afonso Henriques se encontrar em lutas no Norte, os mouros invadiram o Condado a sul e conquistaram Tomar e Leiria.

D. Afonso Henriques viu-se forçado a pedir a paz a seu primo D. Afonso VII - a Paz de Tui que assinou em 1137, e entregou as terras conquistadas a norte do rio Minho.

Batalha de Ourique - D. Afonso Henriques venceu os Mouros na batalha de Ourique, em 25 de Julho de 1139; desbaratando⁶ um poderoso exército comandado por cinco reis mouros.

Segundo a lenda, na véspera da batalha, D. Afonso Henriques e os seus soldados tiveram uma visão que os deslumbrou: Cristo apareceu-lhes, incitando-os⁷ à batalha.

Alcançada a vitória, D. Afonso Henriques mandou pintar no escudo da Bandeira Nacional cinco pequenos escudos azuis (quinas), para se lembrar da vitória sobre os cinco reis mouros; e

⁶Desbaratando: vencendo, derrotando.

⁷Incitando-os: incentivando-os, motivando-os.

em cada um dos cinco escudos mandou pintar as cinco chagas de Cristo.

Depois desta vitória, D. Afonso Henriques intitulou-se REI DE PORTUGAL”.(Lopes, 2001, pp. 30-31)



Figura 9: Bandeira Nacional do tempo de D. Afonso Henriques (1143-1185)(Editores, 2001)

“Torneio de Arcos de Valdevez- D. Afonso Henriques anulou a Paz de Tui e invadiu de novo a Galiza, mostrando ao rei de Leão o seu enorme desejo de se tornar independente. D. Afonso VII avançou sobre o território do Condado até Arcos de Valdevez. Aqui, em 1140, travaram-se combates à moda de torneio, isto é, entre dois cavaleiros, à espada ou à lança, saindo vitoriosos os Portugueses.

D Afonso VII propôs a paz. Foi assinado o convênio de Valdevez, para pôr termo às lutas.

Conferência de Zamora- Em 1143, na Conferência de Zamora, foi reconhecida por. D. Afonso VII, rei de Leão, a independência do Condado Portucalense, que passou a designar-se Reino de Portugal, e concedido o título de rei a D.

*A bandeira foi projetada na tela de projeção.

⁹Convênio: tratado.

Afonso Henriques. Esteve presente o cardeal Guido de Vico, legado do Papa.

Assim nasceu uma nova Pátria – PORTUGAL-que, no século XVI, viria a tornar-se o maior império do Mundo”.(Lopes, 2001, p. 31).

Após a independência do reino, D. Afonso Henriques continuou a conquistar terras aos mouros. Nesta altura a fronteira do reino situava-se a sul de Coimbra. Porém, com a ajuda dos seus homens conquistou Leiria, onde se construiu o castelo para servir de defesa e apoios aos ataques muçulmanos.

Em 1147 conquistou Santarém e Lisboa, aqui destacaram-se Mem Ramires e Martim Moniz, respetivamente. Este último “*deixou-se esmagar para que os mouros não fechassem uma das portas da cidade.*”(Lopes, 2001, p. 32)

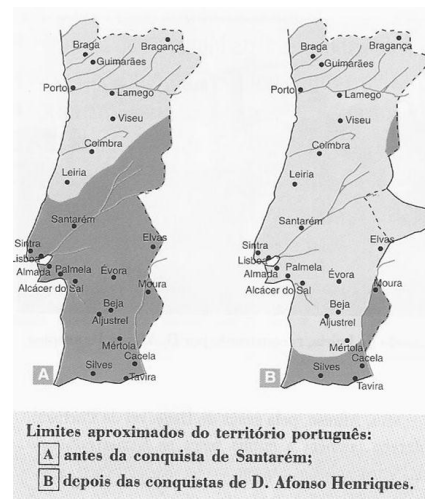


Figura 10: Mapas dos limites aproximados do território português antes e depois das conquistas de D. Afonso Henriques.(Lopes, 2001, p. 32)

	<p>Desastre Político-militar de Badajoz: Depois da morte de D. Afonso VII de Leão, D. Afonso Henriques teve algumas desavenças com o seu sucessor. Em 1169, D. Afonso Henriques atacou Badajoz, e teve de se retirar. A quando da sua retirada caiu do cavalo, fraturando uma perna. Indefeso ficou prisioneiro do rei de Leão. Este exigiu que D. Afonso Henriques lhe devolvesse as terras da Galiza, que D. Afonso conquistara, em troca da sua liberdade.</p>
--	---

2.2.2. D. Fernando – O Formoso

Apesar de existirem vários reis entre D. Afonso Henriques e D. Fernando, não foi necessário explicar exaustivamente a sequência dos reis, uma vez que a colega estagiária já o tinha feito, sendo que tinha acabado de abordar com a turma o antecessor de D. Fernando. Fiz apenas uma breve introdução, explicando que começámos por falar no primeiro rei de Portugal e, agora, íamos conhecer as razões para o *términus* desta dinastia.

<p>Manual de Estudo do Meio 4º ano (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014, p. 50)</p>	<p>Livros Informativos</p>
<p><i>“O rei D. Fernando, para desenvolver a marinha e o comércio, fundou a Companhia das Naus, em 1380 (encarregada dos seguros marítimos). Mandou construir embarcações grandes para fazer crescer o comércio externo e desenvolveu também a indústria extração de sal. Com a Lei das Sesmarias (as terras que não eram cultivadas eram retiradas aos seus donos e passavam a pertencer ao rei), conseguiu fixar a população rural às terras e diminuir o despovoamento, evitando a fuga</i></p>	<div data-bbox="890 1442 1203 1823" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="877 1832 1401 1921"> Figura 11: D. Fernando “O Formoso” 1345-1383 </p>

para as cidades, onde os salários pagos pelo trabalho artesanal eram mais altos.”

Resumo: “Nasceu em Coimbra, em 1345. Era filho de D. Pedro I, a quem sucedeu, e de D. Constança. Casou com Leonor Teles, contra a vontade do povo.

D. Fernando teve o cognome de o Formoso, devido à sua beleza e distinta figura.

Protegeu a agricultura, o comércio e a marinha. Transferiu a universidade de Coimbra para Lisboa, em 1377, e concedeu-lhe novos privilégios. Fundou povoações, reparou castelos e protegeu as cidades de Lisboa e Porto com fortes Muralhas.

Morreu em 1383, deixando uma única filha, D. Beatriz, casada com D. João I, rei de Castela. Terminou, assim, a primeira dinastia, conhecida por «Afoncina» ou «de Borgonha». (Lopes, 2001, p. 46)

D. Fernando foi o último rei da primeira dinastia, isto deveu-se às políticas inconstantes que manteve durante o seu reinado,

D. Fernando...

(...) subiu ao trono com 22 anos. O cronista Fernão Lopes descreve-o assim: Era mancebo valente, ledo e namorado. De formoso parecer, bem composto de corpo e muito vistoso. Tinha grande força nos braços e não havia homem que mais tivesse. Cortava muito bem com a espada e arremessava bem (a lança), a cavalo.

Além destas qualidades era prestável, generoso e muito liberal para todos, recebendo muito bem os estrangeiros. Era ainda grande caçador e não

perdia nenhuma ocasião para fazer montaria.

De seu pai, o rei D. Pedro I, D. Fernando herdara um reino rico e em paz. (...) ”

Maria de Lurdes Mendes in (Marcelo, 2004)

(Excerto do texto informativo, página 44)

Guerras com Castela. Aliança com a Inglaterra:

D. Fernando julgava-se com direito ao trono de Castela, com quem sustentou três guerras, mas em nenhuma delas os Portugueses foram felizes.

O rei castelhano invadiu Portugal e cercou Lisboa, terminando a luta com a paz de Santarém.

Na terceira guerra, D. Fernando pediu auxílio aos Ingleses e terminou com um tratado que estabeleceu o casamento de D. Beatriz, única filha de D. Fernando, com D João I de Castela.

*Em 1373 foi assinado um tratado de aliança e amizade entre Portugal e Inglaterra - a **Aliança Anglo-Portuguesa** - que facilitou e desenvolveu o nosso comércio externo.*

Proteção à Agricultura: *Devido às guerras com Castela, à Peste Negra e ao êxodo das populações do campo para a cidade, a agricultura ficou ao abandono.*

Para combater a crise agrícola, D. Fernando. Publicou, em 1375, a lei das Sesmarias.

LEI DAS SESMARIAS

...Todos os que tivessem herdades próprias ou alugadas fossem obrigados a lavrá-las e semeá-las; se o não pudessem fazer lavrassem uma parte e

entregassem a restante para outrem lavrar; de modo que todas as herdades que pudessem dar pão fossem semeadas de trigo, cevada e milho. E que todos os que eram lavradores e também filhos e netos dos lavradores e todos aqueles que morassem em vilas, cidades ou fora delas, desde que tivessem ofício de lavrador, fossem obrigados a lavrar terras, Mandou el-rei que quaisquer homens, mulheres ou crianças que andassem a pedir ou não tivessem profissão, fossem obrigados a servir nas terras.

Crónica de El-Rei D. Fernando

Proteção à Marinha- D. Fernando, para fomentar²⁶ a construção de barcos com mais de 100 toneladas, para transporte de mercadorias, permitiu a utilização das madeiras das matas reais, e isentou de direitos a importação de ferro e outros materiais para a construção de barcos.

Criou em Lisboa e no Porto a «Companhia das Naus, em 1370, que era uma Bolsa de Seguros marítimos para indemnizar os proprietários dos navios, no caso de naufrágio ou de danos sofridos.

Os donos dos navios pagavam uma percentagem, sobre os lucros recebidos.

Proteção ao comércio: Desenvolveu o comércio interno e o comércio marítimo com o estrangeiro. Facilitou a exportação de mercadorias,

²⁶Fomentar: favorecer, estimular.

tornando-as isentas de impostos alfandegários.¹¹

*Apareceram ricos mercadores que deram origem a uma nova classe social, denominada **burguesia**. (Lopes, 2001, pp. 46-47)*

“Compromisso com três promessas de casamento ou o caso das três Leonores

A primeira: Leonor de Castela

Aconteceu que, por morte do rei de Castela, o trono ficou vago. Vários eram os pretendentes a ocupá-lo. Como parente que era, D. Fernando I tentou também fazer valer os seus direitos ao trono. Envolveu-se em várias lutas e gastou muito dinheiro. Não conseguiu realizar a sua pretensão e acabou por ter de assinar o Tratado de Paz de Alcoutim, onde entre outras obrigações, estava a de se casar com D. Leonor, filha do pretendente que ganhou o direito a ser rei de Castela.

A segunda: Leonor de Lencastre (de Inglaterra)

Mas já antes deste compromisso de casamento, Fernando I se tinha comprometido a casar com a filha do duque de Lencastre (Inglaterra) que o viera ajudar.

Como D. Fernando não podia casar com as duas e não ia cumprir prometido, o duque exigiu várias terras e bens para não atacar Portugal com o seu exército. O rei D Fernando I teve de dar tudo o

¹¹Imposto Alfandegário: imposto que se paga para a entrada ou saída de mercadoria.

que o duque quis para manter a paz.

A terceira: Leonor Teles de Meneses

Como se duas promessas de casamento a duas Leonores não bastassem, aconteceu que o rei D. Fernando I conheceu uma outra Leonor, essa bem portuguesa, nascida em Trás-os-Montes, por quem se apaixonou perdidamente. Não lhe prometeu casamento, mas era com ela que queria casar, o que viria a acontecer: apesar da oposição do Clero, da Nobreza e do Povo.

A rainha (1372-1383)

Dama de grande beleza, Leonor Teles descendia pelo lado da mãe de uma filha bastarda de D. Sancho II. Muito nova casou com o fidalgo João Lourenço da Cunha. Numa visita a sua irmã Maria, dama da infanta D Beatriz, irmã do rei, D. Fernando ficou tão seduzido por ela que pediu ao Papa a anulação do seu casamento.

E, apesar de ser casada e de ter um filho, o Papa concedeu a anulação do casamento.

*A Corte desaprovou a escolha do rei. Mas foi o povo quem mais se opôs. Ao saber que o rei ia realmente casar com D. Leonor Teles, ficou revoltado e chamou D. Leonor Teles a **Aleivosa** (palavra que já não se usa hoje, mas naquela época continha um forte insulto), segundo conta o cronista Fernão Lopes. “(Marcelo, 2004, pp. 44-45)*

“Lisboa contra a Rainha

No Mosteiro de Leça do Bailio, a 15 de Agosto de 1372, o rei casou com Leonor Teles, desafiando

o reino. Desta rainha, a História conta acções terríveis: atribui-lhe ter mandado assassinar sua irmã D. Maria, casada com o príncipe D. João, filho de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, meio-irmão do rei, e de o enviar para o exílio por ser um possível candidato ao trono de Portugal. Terá perseguido, igualmente, D. João, o Mestre de Avis, também meio-irmão do rei e tentou mandar matá-lo várias vezes, ainda que sem êxito, porque o Mestre de Avis conseguiu sempre escapar.

O Rei

Depois de ter casado com D. Leonor Teles, é opinião dos cronistas que o rei era dominado pela rainha e que as declarações de guerra a Castela tiveram influência sua. Essas guerras serviram os interesses da nobreza, a única classe que delas tirou benefícios.” (Marcelo, 2004, p. 47)

“ A única filha de D. Fernando e de sua mulher D. Leonor Teles era D. Beatriz, casada com D. João I, rei de Castela. No contrato de casamento ficou estabelecido que, por morte de D. Fernando, o trono português seria ocupado por um filho de D. Beatriz quando o mesmo atingisse 14 anos de idade. Até que isso acontecesse, governaria a rainha D. Leonor Teles.(Lopes, 2001, p. 48)

O Interregno – 1383-1385

A Luta do Povo pela independência

Quando D. Fernando faleceu, em 1383(Lopes, 2001, p. 48)D. Beatriz tinha apenas 11 anos de idade, logo não tinha descendentes.(Marcelo, 2004, p. 47) Assim, D. Leonor Teles declarou-se Regente do Reino e proclamou sua filha Rainha de Portugal.(Lopes, 2001, p. 48)

Organizou uma *“cerimónia solene, estando presente toda a Corte, os fidalgos declararam, sob juramento, reconhecer como herdeira do trono a princesa Beatriz e prestaram-lhe o juramento de a defender como futura rainha de Portugal.”* (...)(Marcelo, 2004, p. 47). Naquele tempo, *“ Um juramento feito era para toda a vida.”*(Marcelo, 2004, p. 47)Leonor Teles conseguiu o que pretendia, agora tinha a nobreza comprometida, não podendo voltar atrás com a palavra dada.

Tomou ainda a decisão de apressar o casamento da sua filha com o rei de Castela, pois como temia os portugueses, julgava ter nele (rei de Castela) um aliado contra os portugueses.

“ O povo ficou descontente não só por esta medida, que nos podia levar á perda da independência, mas também porque não queria ver D. Leonor no governo do País. “(Lopes, 2001, p. 48)

Quando a nobreza e o clero se deram conta que a princesa Beatriz se tinha casado com o rei de

Castela, ficaram perante um dilema, ou quebravam o juramento ou aceitavam o governo do rei castelhano.(Marcelo, 2004, p. 48)

Enquanto a nobreza e clero viviam o dilema, o povo que não tinha feito nenhum juramento revoltou-se e cercou o palácio de Lisboa, com o intuito de expulsar a Regente.(Marcelo, 2004, p. 48) *“Organizou-se uma revolta chefiada por D. João, mestre da Ordem de Avis, para afastar D. Leonor do governo, assim como o seu influente conselheiro galego, conde Andeiro.”*(Lopes, 2001, p. 48) *“ (...) com quem (D. Leonor) andava de amores e com quem decidiu viver abertamente. (...) Havia apenas um mês que D. Fernando tinha morrido.*(Marcelo, 2004, p. 48)

“Foram ao paço real e o mestre de Avis matou o conde Andeiro. D. Leonor fugiu para Alenquer e depois para Santarém. Daí, pediu ao rei de Castela para invadir Portugal”.

Ao saber da morte do conde Andeiro os habitantes de Lisboa elegeram o mestre de Avis, «Regedor e protetor do Reino», esta era uma tarefa muito difícil, pois ele contava apenas com o povo e com a burguesia, uma vez que a nobreza e o clero estavam “presos” a D. Beatriz. Os portugueses não tinham um exército organizado, enquanto o *“exército de Castela era muito poderoso.”*(Lopes, 2001, p. 48)

A guerra pela independência: O rei de Castela

	<p>invadiu Lisboa com um exército numeroso, a cidade ficou cercada por terra e por mar. Os combates duraram cerca de 5 meses, rapidamente a fome e a miséria reinou. Os portugueses foram resistindo com valentia. Mas, valeu-lhes a peste negra que atacou fortemente o exército castelhano, incluindo a rainha D. Beatriz. O monarca castelhano ao ver o que acontecera aos seus homens e esposa levantou o cerco e regressou a Castela.</p> <p>Porém, o rei castelhano não desistiu de Portugal, e em 1384, invadiu as terras do Alentejo, as quais tinham como defensor D. Nuno Alvares Pereira. Este era um jovem e arrojado cavaleiro, que ao saber da pretensão do Rei do país vizinho, “<i>reuniu as suas reduzidas tropas e encontrou-se com o inimigo junto da vila de Fronteira. O terreno era pantanoso, por isso de chamava Atoleiros.</i></p> <p><i>Um conjunto de homens formava sobre a terra um quadrado, táctica usada pelos ingleses.</i></p> <p><i>D. Nuno encomendou-se a Deus e à Virgem.</i></p> <p><i>Ao longe via-se uma bandeira (Fig. 12) a esvoaçar, (...).</i></p> <p><i>Este punhado de homens manteve-se firme. Ao lado, os Castelhanos contavam-se aos milhares. (...) a batalha foi dura, mas os Portugueses derrotaram os Castelhanos, que se puseram em fuga.”(Lopes, 2001, p. 49)</i></p>
--	---



Figura 12: Bandeira de Nuno Álvares Pereira

Em 1385, Portugal continuava sem rei. Foram convocadas as cortes de Coimbra, onde o “*júris consulto e orador Dr. João das Regras defendeu que nenhum dos pretendentes à sucessão de D. Fernando – D. Beatriz, D. João de Castela, o mestre de Avis, os infantes D. João e Dinis (filhos de Inês de Castro) – era herdeiro de direito. Sendo assim, o trono estava vago. O único que merecia ser rei era o mestre de Avis, por ser filho de rei e merecer a honra e a dignidade de rei.*” (Lopes, 2001, p. 49) Foi aclamado rei de Portugal a 6 de Abril de 1385. Terminando assim, a primeira dinastia, dando origem à dinastia de Avis.

2.2.3. D. João I – O de Boa Memória

Manual de Estudo do Meio 4º ano (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014, p. 53)	Livros Informativos
<p><i>“Dinastia de Avis</i></p> <p><i>Em 1383, o rei D. Fernando morreu e o País preparou-se para o pior. D. Fernando havia casado a sua única filha, D. Beatriz, com o rei de Castela. Quando foi aclamada a nova rainha, muitas pessoas ficaram descontentes, pois Portugal corria o risco de perder a independência, surgiram assim dois partidos:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• Os que apoiavam D. Beatriz e sua mãe, D. Leonor Teles, que tinha ficado regente do reino – a nobreza e o clero.</i> <i>• Os que apoiavam D. João I, Mestre de Avis, meio-irmão de D. Fernando e tio de D. Beatriz – alguns nobres e o povo. (os comerciantes e os mais pobres).</i> <p><i>D. João I, com o apoio do povo de Lisboa., foi aclamado regedor e defensor do reino, o que levou Castela a invadir Portugal. Mas o exército de Castela dói derrotado na Batalha de Atoleiros, onde se destacou D. Nuno Alvares Pereira.</i></p> <p><i>No verão de 1384, Lisboa foi cercada, mas resistiu aos Castelhanos, que foram definitivamente derrotados na Batalha de Aljubarrota, em 1385. Desta forma Portugal</i></p>	<p><i>D. João I</i></p> <p><i>Guerra da independência</i></p> <p><i>Batalha de Trancoso</i></p> <p><i>João I de Castela, no entanto, não desistiu de ser rei de Portugal, pelo que invadiu Portugal pela região da Guarda e avançou até Trancoso.</i></p> <p><i>Em 1385, um pequeno exército português venceu as tropas castelhanas na vila de Trancoso. A vitória portuguesa deveu-se ao desempenho, no comando das tropas, de Martim Vasques da Cunha e de Gonçalo Vasques Coutinho.</i></p> <p><i>Batalha de Aljubarrota</i></p> <p><i>Os Castelhanos não se deram por vencidos: reuniram um poderoso e numeroso exército, entre 20 000 e 30 000 homens e invadiram o território nacional. Portugal, por seu lado, organizou um pequeno exército com cerca de 10 mil homens e acampou em Aljubarrota, onde ambos os exércitos ficaram ladeados por dois riachos.</i></p> <p><i>O local onde a batalha se travou, perto de Aljubarrota, foi estrategicamente escolhido pelas tropas portuguesas, esperando com isso obter vantagem perante um exército mais numeroso do que o seu, através dos obstáculos naturais oferecidos pelo terreno e por outros entretanto</i></p>

manteve a sua independência e D. João I foi aclamado rei.

O rei D. João I casou com uma princesa inglesa, D. Filipa de Lencastre, e iniciou-se uma nova dinastia - a dinastia de Avis. “

improvisados. Cavaram fossos e "covas de lobo" e construíram abatises, de modo a dificultarem o avanço do exército castelhano, e seguiram uma tática de combate conhecida como tática do quadrado.

Ambos os exércitos contaram com os seus aliados. Castela obteve o apoio dos Franceses, cujas tropas terão sido as primeiras a atacar o exército português e a sofrer a derrota, contando os Portugueses com a ajuda dos Ingleses que foram, aliás, quem trouxe a tática do quadrado para Portugal.

D. Nuno Álvares Pereira destacou-se, mais uma vez, no comando do exército português que derrotou as tropas castelhanas.

A vitória portuguesa e a independência foram assim confirmadas pelas armas na Batalha de Aljubarrota.



Figura 13 – Disposição dos exércitos português e castelhano na Batalha de Aljubarrota.

Batalha de Valverde

D. Nuno Álvares Pereira, como bom estratega, entendeu que a vitória das tropas portuguesas nas batalhas de Trancoso e Aljubarrota precisava de ser consolidadas², pelo

²Consolidar: firmar, tornar definitivo.

que organizou um pequeno exército e invadiu as terras castelhanas para garantir que o exército castelhano não voltasse a invadir Portugal.

Em 1385, perto de Olivença travou-se a Batalha de Valverde. De novo, os exércitos eram muito desiguais, mas mais uma vez o pequeno exército português venceu o numeroso exército castelhano, confirmando-se a independência de Portugal.

Povo

D. João I concedeu privilégios em diversos casos, pelo que se apoiou no povo para nele concentrar a sua autoridade.

Os representantes do povo passaram a fazer parte do Conselho do Rei, mantiveram assento e preponderância nas Cortes e passaram a desempenhar funções públicas que até aqui eram ocupadas por membros da nobreza. Em consequência, os rendimentos de alguns aumentaram e o nível de vida melhorou de certa forma.

Como agradecimento pela ajuda prestada, D. João I fundou a Casa dos Vinte e Quatro, que era uma assembleia ou corpo ração da qual faziam parte 12 grémios dos principais ofícios portugueses. Entre os vários ofícios havia os ourives, os sapateiros, os alfaiates, os tanoeiros, entre outros.

Cada grémio tinha de eleger dois representantes da sua profissão e como os

grêmios eram 12, existiam então 24 representantes. Estes representantes elegiam um chefe ou presidente que era chamado de Juiz do Povo e que iria apresentar ao rei as reclamações das várias profissões.

Aliança com a Inglaterra

D. João I pretendeu reforçar as relações de Portugal com a Inglaterra de modo a obter um aliado contra Castela, pelo que foi essencial a ação dos delegados portugueses em Londres.

A ideia de um acordo anglo-luso foi recebida com grande entusiasmo pelo duque de Lencastre (em inglês, Lancastre), que, além de pretendente ao trono de Castela, via com bom agrado as vitórias portuguesas em relação a Castela.

O rei Ricardo II de Inglaterra acedeu ao apelo de D. João I e assinou, a 9 de maio de 1386, um tratado de paz e aliança entre os dois reinos, que compreendia também o auxílio mútuo em caso de guerra.

Trata-se do Tratado de Windsor, ainda hoje em vigor.

Casamento do rei



Figura 14 - Casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre na Sé do Porto

A assinatura do tratado entre Portugal e Inglaterra foi reforçada com o casamento de D. João I com D. Filipa, filha do duque de Lencastre, realizado a 2 de fevereiro de 1387, na Sé do Porto.

D. Filipa de Lencastre era dotada de grande formosura, muito culta, modesta e piedosa. Terá sido um exemplo de esposa, mãe e rainha.

Quando D. Filipa veio para Portugal trouxe consigo hábitos, costumes e uma cultura que transmitiu à sua corte e em especial aos seus filhos.

Ínclita Geração

O casamento de D. João I e de D. Filipa de Lencastre deu origem à denominada Ínclita Geração, nome pelo qual ficaram conhecidos os infantes D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. Isabel, D. João e D. Fernando.

	<p><i>Devido à sua educação primorosa¹³ e à grande cultura que possuíam, todos os infantes se distinguiram na vida nacional em diversas atividades:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>D. Duarte, como futuro rei;</i> • <i>D. Pedro, como regente do reino durante a menoridade de D. Afonso V, seu sobrinho;</i> • <i>D. Henrique, como mentor e dirigente da expansão portuguesa;</i> • <i>D. Fernando, o chamado "Infante Santo" pelos martírios que sofreu em Fez, após o desastre de Tânger.</i> <p><i>Portugal nos séculos XV e XVI</i></p> <p><i>De Portugal às ilhas atlânticas e ao Cabo da Boa Esperança</i></p> <p><i>Condicionalismos da expansão</i></p> <p><i>São várias as razões que explicam o facto de serem os Portugueses os primeiros na expansão ultramarina. Crê-se que terá sido devido às seguintes condições:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Condições geográficas: Portugal possui uma longa costa marítima atlântica e bons portos, o que permitiu uma tradição piscatória e marítima;</i> • <i>Condições técnicas e científicas: Portugal tinha pessoas com bons</i>
--	--

¹³Educação primorosa: educação impecável, excelente, admirável.

conhecimentos sobre navegação, conseguidos pela navegação de cabotagem¹⁴ e pela atividade piscatória; os portugueses já utilizavam instrumentos náuticos que permitiam a navegação astronómica¹⁵ (bússola, quadrante, astrolábio e balestilha), assim como as cartas-portulano; a Portugal se deve o desenvolvimento da caravela, que substituiu a "barca", utilizada durante a Idade Média;

- *Condições políticas: Portugal era o único reino europeu com estabilidade política, na sequência da crise de 1383-85 e com as suas fronteiras definidas, além de que tinha uma sociedade estruturada e com ambições a vários níveis.*

Motivações da expansão

A crise económica do século XIV e as diversas guerras travadas com Castela nesse mesmo século, agravaram as condições económicas de Portugal nos inícios do século XV.

A sua situação geográfica não permitia aumentar o seu território pobre em metais preciosos e insuficientes na produção de cereais. A expansão marítima surgiu, portanto, como uma alternativa à sua situação económica.

¹⁴Navegação de cabotagem: navegação junto à costa, sem perder a terra de vista.

¹⁵Navegação astronómica: Navegação em que os marinheiros se orientam através dos astros.

	<p><i>A cidade de Ceuta afigurava-se como um local estratégico, na medida em que a sua conquista permitia trazer uma maior segurança às embarcações e territórios cristãos, pois era dessa cidade que saíam as embarcações dos muçulmanos que atacavam os cristãos. Por outro lado, ali passavam as rotas de comércio do Norte de África, nomeadamente de ouro e especiarias.</i></p> <p><i>Além do interesse económico da expansão, ela permitia que a nobreza aumentasse os seus rendimentos, através do saque⁶, e exercitasse a sua principal atividade, a guerra. A Coroa, por sua vez, via legitimada a sua posição, pois o combate aos muçulmanos permitia que D. João I, filho ilegítimo, se apresentasse perante a Cristandade como um defensor da Fé. O clero, por sua vez, via uma oportunidade de expandir o cristianismo.</i></p> <p><i>Conquista de Ceuta</i></p> <p><i>A conquista de Ceuta, em 1415, marcou o arranque da expansão portuguesa.</i></p> <p><i>Ceuta está situada no Norte de África, próximo do estreito de Gibraltar, e, nessa altura, constituía um importante centro de comércio, pelo que todos os grupos sociais estavam de acordo com a decisão da sua conquista. Por Ceuta passava todo o comércio entre o Norte de África e o Atlântico e o mar Mediterrâneo.</i></p>
--	---

⁶Saque: assalto, roubo...

Em 1415, D. João I partiu, com o seu exército e com os seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique para conquistar Ceuta.

Sob uma perspetiva militar, a conquista foi um êxito, mas a nível económico constituiu um fracasso, porque os muçulmanos desviaram as rotas comerciais para outras cidades. Como defesa aos ataques muçulmanos, os Portugueses tiveram de fortificar a cidade e nela manter sempre alguns militares. O lucro que tanto se ambicionava depressa deu lugar a despesas para a Coroa portuguesa.

Arquipélago da Madeira

Descoberta

Depois de conquistada a cidade de Ceuta, foi necessário garantir a sua defesa e o seu abastecimento, tendo ficado o infante D. Henrique incumbido de o fazer desde 1416. Esta responsabilidade, bem como o interesse pelo curso², fez com que D. Henrique se voltasse para o mar.

Três anos após a conquista de Ceuta, dois escudeiros seus - João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira -, ao regressarem a Portugal, vindos de Ceuta, foram surpreendidos por uma forte tempestade e arrastados para uma ilha do oceano Atlântico. Gratos a Deus por estarem vivos e por terem encontrado refúgio na ilha,

²Interesse na navegação.

	<p><i>passaram a chamá-la de Porto Santo.</i></p> <p><i>Os navegadores regressaram ao reino para anunciar a descoberta Atlântico, voltando a Porto Santo no ano seguinte, acompanhados de Perestrelo.</i></p> <p><i>Quase a chegar a Porto Santo avistaram um ponto cinzento ao horizonte, descobrindo então uma nova ilha, a Madeira. A ilha descoberta recebeu este nome devido à imensa vegetação que lá existia.</i></p> <p><i>Colonização</i></p> <p><i>As ilhas de Porto Santo e da Madeira começaram a ser colonizadas logo após a sua descoberta. Foram organizadas segundo a divisão em capitanias-donatarias, sob a administração de capitães-donatários que teriam de defendê-las, povoá-las e explorá-las economicamente.</i></p> <p><i>O arquipélago da Madeira foi dividido em três capitanias:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• A capitania do Funchal, entregue a João Gonçalves Zarco;</i> <i>• A capitania de Machico, entregue a Tristão Vaz Teixeira;</i> <i>• A capitania de Porto Santo, entregue a Bartolomeu Perestrelo;</i> <p><i>O povoamento foi feito por</i></p>
--	---

18Colonizar: Ocupar novos territórios com o objetivo de os povoar e explorar as suas riquezas.

19Capitanias-donatárias: Porção de terra entregue pelo rei a um particular para que este explore economicamente.

20Capitão donatário: Responsável pela exploração económica de uma capitania donatária.

	<p><i>colonos</i>²¹provenientes do Algarve, de Entre Douro e Minho e alguns estrangeiros (flamengos, genoveses e ingleses). A cada colono foi dado um pedaço de terra que obrigado a cultivar num determinado período de tempo. Caso não cumprisse a sua obrigação, perderia o direito à terra.</p> <p><i>O solo era muito fértil, pelo que as culturas a semear eram várias tendo em conta a sua adaptação e também o lucro da sua produção. As principais culturas introduzidas neste arquipélago foram a cana-de-açúcar, os cereais e a vinha.</i></p> <p>Arquipélago dos Açores</p> <p>Descoberta</p> <p><i>Em 1427, quase dez anos após a descoberta do arquipélago da Madeira, atingiram-se as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, no arquipélago dos Açores numa expedição comandada por Diogo de Silves.</i></p> <p><i>Só alguns anos depois, se descobriram as restantes ilhas que compõem atualmente todo o arquipélago.</i></p> <p>Colonização</p> <p><i>A semelhança do que ocorreu no arquipélago da Madeira, o arquipélago dos Açores também não era habitado quando os Portugueses lá chegaram. A organização deste território também</i></p>
--	---

²¹Colono: Indivíduo que se desloca da metrópole para uma colónia para aí passar a viver.

	<p><i>foi feita através da sua divisão em capitânias, este caso, quatro.</i></p> <p><i>A exploração e colonização dos Açores tiveram o seu início em 1439, por ação o Infante D. Henrique, que nomeou Gonçalo Velho como capitão-donatário da de Santa Maria.</i></p> <p><i>O povoamento dos Açores foi feito por colonos do reino de Portugal e por alguns estrangeiros, a maioria flamengos.</i></p> <p><i>O clima mais húmido e o solo fértil dos Açores permitiram o desenvolvimento da criação de gado, a produção de cereais, sobretudo trigo, e também e plantas tintureiras - como a urzela e o pastel, muito apreciadas em Portugal e na Europa.</i></p> <p><i>Os lucros obtidos a partir da exploração económica deste território permitiram a construção de navios necessários para o prosseguimento da expansão marítima.(s/n, 2013, pp. 55-65).</i></p>
--	--

3.1. Metodologia

3.1.1. Conceito e características de intervenção-ação

METODOLOGIA esta palavra tem origem na Grécia. Advém de methos, que significa META (objetivos), e HODOS (caminho), ou seja, é o caminho a percorrer para atingir um ou mais objetivos. LOGIA significa estudo.(Manfredi, 1993). Assim, metodologia é, no meu entender, o estudo dos métodos ou estratégias a desenvolver (caminho a percorrer), tendo em conta os objetivos previamente estabelecidos.

Neste seguimento, partindo desta explicação simples (do que é a metodologia), segui uma metodologia ao longo da minha prática de ensino supervisionada, tendo por base a metodologia que assenta numa perspetiva socioconstrutivista. Esta tem em vista várias estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. No decurso da pesquisa, sucintamente, pude verificar a existência de várias perspetivas sobre esta metodologia. Porém, em traços gerais ou de forma resumida, a investigação-ação é:

- Participativa e colaborativa, sendo que comporta e envolve todos os intervenientes no processo;
- Prática e interventiva, indo mais além do que a simples descrição de uma realidade, uma vez que intervém na própria, gerando uma ação deliberada;
- Cíclica, visto que envolvendo uma espiral de ciclos, pode gerar mudanças, através de novas descobertas, e assim sucessivamente;
- Crítica, dado que toda a comunidade participa e colabora, como sendo agentes da própria mudança;
- Auto avaliativa, sendo que todas as ações são continuamente avaliadas, no empreendimento de novos conhecimentos.

A metodologia de investigação-ação desenvolve-se em diferentes fases, sendo, como mencionei, cíclica;

- Identificação do problema/tema;
- Planificação;
- Investigação;
- Análise e revisão da intervenção;
- Revisão do problema;

As planificações que elaborei tiveram, portanto, em conta os seguintes elementos:

- Objetivos de aprendizagem para a construção de conhecimento e da promoção da qualidade do pensamento;
- Identificação do material necessário para cada grupo de alunos;
- Orientação para o processo de ensino-aprendizagem;
- Ter em conta o que a família e a comunidade podem fazer ou intervir para o desenvolvimento das aprendizagens.

3.1.2. Objetivos

O presente projeto de intervenção pedagógica integra-se na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada na Educação de Infância e Ensino Básico do plano de estudos do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O seu desenvolvimento ocorreu numa turma do 4º ano de escolaridade e, neste âmbito, foram abordados conteúdos de História atinentes à área curricular de Estudo do Meio.

Este projeto teve como referencial o que está estipulado nos Programas e nas Metas Curriculares referentes às áreas do Português, do Estudo do Meio, da Matemática e das expressões artísticas. Como as outras áreas curriculares, a disciplina de Estudo do Meio tem conteúdos que favorecem a interdisciplinaridade, ou seja, através desta, é possível a interligação de todas as áreas, favorecendo as aprendizagens, levando o pensamento das crianças ao encontro do seu quotidiano, beneficiando, assim, a resolução de problemas.

“Dewey considera que o conhecimento é um instrumento da ação” (Arenilla, Gossot, Rolland, & Roussel, 2013, p. 162), ou seja, a escola deve proporcionar ambientes de aprendizagem não estanques, pois, ao longo da vida, também não há momentos estanques. Por vezes, para dar respostas, temos de “ir buscar” conhecimentos que aprendemos noutros contextos. Assim, a interdisciplinaridade aprimora o raciocínio das crianças para que resolvam os seus problemas do dia-a-dia mais facilmente.

Também o Ministério da Educação tem legislado que *“todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe á escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar uma sistematização de aprendizagens posteriores mais complexas.”*(Educação, Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo, 2004, p. 101)

Na abordagem da História, em contexto de sala de aula, adotei uma perspetiva de ensino-aprendizagem que colocou grande ênfase na interdisciplinaridade, pois foram trabalhados conteúdos de Estudo do Meio em todas as áreas curriculares. Também teve grande realce a intertextualidade, especialmente entre os livros informativos e o manual de Estudo do Meio adotado pela instituição. Além disso, foram colocados em diálogo outros documentos, como imagens que foram projetadas e analisadas, excertos de filmes como o resumo da História de D. Afonso Henriques (Sampaio, 2010) e um excerto do programa “A Alma e a gente” apresentado pelo professor Hermano de Saraiva, o programa foi sobre o rei D. Fernando. (Saraiva, 2012)

Neste sentido, pretendeu-se:

a) Descortinar conteúdos da História de Portugal, inserindo espaços intertextuais/dialogais que possibilitem dinamismo à análise textual. (Carlos Reis, in Reis. 2011:96);

b) Promover o gosto pelo verdadeiro e pelo juízo fundamentado e crítico baseado em evidências (análise de livros informativos ou de historiografia para a infância utilizados como fonte escrita);

c) Centrar-se no rigor e no questionamento das afirmações e na formulação de hipóteses, com vista ao desenvolvimento da conceptualização e hábitos de reflexão;

d) Usar a narrativa como síntese para a construção das identidades, conjugando o nós/eu e os outros, bem como fazendo um balanço entre as mudanças e as permanências, entre o património e o futuro.

O Centro de Governadores Associação Nacional de Boas Práticas e do Conselho de Diretores Escola Estadual (2010) cita uma base de pesquisa para apoiar a transição para textos mais complexos, não-ficção (livros informativos). Este artigo aconselha diversas estratégias de intervenção.

“Book reports will ask students to analyze, not summarize. Presentations will be graded partly on how persuasively students express their ideas. History papers will require reading from multiple sources; the goal is to get students to see how beliefs and biases can influence the way different people describe the same events.”(MILLER and GOOWIN, 2012/2013, in Educational Leadership, pp 80-82)

Ao longo deste relatório, irei dar respostas às questões que constituíram o núcleo gerador do projeto de intervenção:

- a) Quais as vantagens do uso dos livros informativos em contexto de sala de aula?
- b) Será que este tipo de abordagem contribui para a melhor compreensão do conceito de tempo?
- c) Será que o contato com os livros informativos desde tenra idade promove a curiosidade em saber mais sobre a nossa História? Quem somos? Quem são os nossos antepassados? Como se desenvolveu a nossa cultura?
- d) Quais os benefícios da realização da intertextualidade exoliterária e intertextualidade endoliterária para a compreensão da História?

Neste seguimento, foram objetivos gerais deste projeto:

- a) Promover a curiosidade e desenvolver competências de investigação em livros informativos, de modo a recolher informação verdadeira baseada em evidências.
- b) Dotar os alunos de instrumentos e técnicas de análise de livros informativos.
- c) Avaliar o impacto das intervenções para o desenvolvimento de competências de aprender a aprender.
- d) Avaliar o meu desempenho enquanto estagiária e o impacto desta experiência para o desenvolvimento do meu percurso académico.

3.1.3. Estratégias pedagógicas

O projeto que agora relatamos e sobre o qual refletimos assentou num processo construtivista, em que os alunos se envolvem ativamente no seu processo de aprendizagem dos conteúdos históricos. Para tal, serviram-se da leitura, compreensão e análise comparativa de textos informativos. Pretendeu-se que, através destes, conseguissem realizar sequências de acontecimentos, bem como fossem capazes de investigar e aprender sobre a História nacional, nomeadamente conteúdos da formação de Portugal, e dos reis, D. Afonso Henriques, D. Fernando e D. João I.

No seguimento das observações por mim realizadas, verifiquei que o manual de Estudo do Meio é restrito de informação no que se refere a estes conteúdos. Assim, visto que cabe ao *professor recriar o programa, de modo a atender (...), aos interesses e necessidades* dos seus alunos. (MINISTÉRIO, Educação: (2004). Organização Curricular e programas Ensino, pp. 102).

Orientei a turma para um trabalho assente no princípio da intertextualidade entre o manual e os livros/textos informativos. É fundamental que estes procurem informação verdadeira, sobre os reis acima referidos. Considero os textos informativos importantes para a aprendizagem histórica, dando-lhes destaque no decorrer das aulas. Creio que, se os alunos se habituarem, desde cedo, a pesquisar em várias fontes, distinguindo a informação essencial da acessória, terão aprendizagem para a vida e não só os conteúdos concretos a abordar. Neste seguimento posso dizer que aprenderam a aprender.

“Downey e Lestia na síntese sobre a investigação em ensino e aprendizagem de História, no Handbook on Teaching Social Studies salientam que é necessário desenvolver investigação na sala de aula para obter um conhecimento sobre as melhores formas de promover o desenvolvimento da compreensão histórica nas crianças. Um dos autores que seguiu esta linha de investigação normalmente com crianças dos primeiros anos de escolaridade foi Barton (1994, 1996, 2002).” Citado em (Solé, 2009, p. 3).

Tendo em conta a citação acima, creio também poder dar um pequeno contributo com meu estudo, para promover a compreensão da História, junto da turma.

Quanto às estratégias de intervenção foram várias as inicialmente pensadas para a abordagem da História através de livros informativos, bem como para que percebessem a importância destes na sua aprendizagem. Porém, ao longo da minha prática, fui percebendo que algumas não eram funcionais na turma em questão, o que não quer dizer que não sejam

funcionais noutros contextos. Neste caso, como havia duas professoras estagiárias a implementar projetos de História, poderia incorrer no erro de ser muito entediante para as crianças, perdendo então entusiasmo que demonstravam. Neste sentido, optei por abordar a área de Estudo do Meio, não só através da intertextualidade em livro, mas também através do estudo de lendas, exercícios de cálculo, realização de atividades ao nível das expressões nomeadamente, a construção de uma maquete do Castelo de Guimarães, uma tela com uma caravela Portuguesa, músicas subordinadas ao tema em estudo entre outros.

3.1.4. Planos de ensino aprendizagem e estratégias pedagógicas

Como já afirmei, apesar dos conteúdos de História assinalados para este projeto iniciarem com D. Afonso Henriques, comecei, antes, para que fosse possível compreender o fio da História.

As primeiras aulas que apresento têm como finalidade não só a aprendizagem de conteúdos de Estudo do Meio, mas também de Língua Portuguesa.

De 07 a 14 de Novembro de 2014

Foram objetivos destas aulas identificar e reconhecer a importância dos primeiros povos que habitaram na Península Ibérica (Povos recoletores; As comunidades agropastoris; Iberos, Celtas e Lusitanos; Fenícios, Gregos e Cartagineses.). Saber a sua importância / influência na nossa cultura; Reconhecer a agricultura, pecuária e comércio como atividades importantes para Portugal; Reconhecer personagens e fatos da história nacional.

Para a aprendizagem destes conteúdos, elaborei um jogo com o título “*Somos historiadores à procura de...*” (Anexo I). Para a realização deste, comecei por o que fazia um historiador, e que, como ele, também nós, na sala de aula, podíamos ser historiadores, ou seja, podíamos analisar fontes (neste momento, já tinham aprendido o que são fontes, vestígios...). Estas podiam ser inicialmente o manual e, depois, podíamos buscar outros livros/fontes.

De seguida, lemos em voz alta (LE4⁺) o texto do manual. Após um pequeno diálogo, pedi que sublinhassem a informação que acharam mais pertinente (O4⁺). O passo seguinte foi

⁺Metas Curriculares de Português: Leitura e Escrita 4º ano, ponto 6 – Ler em voz alta palavras e textos.

distribuir cópias de um texto informativo, para que pudessem aprofundar os seus conhecimentos. Embora não concorde que se deva fornecer cópias de textos, principalmente a crianças destas idades, tive de o fazer, pois não acho correto impor aos pais a compra de todos os livros informativos que utilizei. Assim, para colmatar o facto de as cópias serem a preto e branco, projetei na tela, sempre que me foi possível, as imagens. Por outro lado, procurei, sempre que possível, recorrer a livros que fizessem parte da biblioteca escolar, a fim de que pudessem manusear o livro.



Figura 15: Primeira comparação de textos.

Uma vez que o conteúdo a abordar já não era desconhecido de todo, embora não tivéssemos ainda lido todos os textos informativos, apresentei ao grupo o jogo “*Somos historiadores à procura de...*”. Este ajudou-me a perceber como a turma trabalhava em grupos, pois era essa a organização pretendida. Acredito que o trabalho cooperativo desenvolve competências cognitivas e sociais. Este pressupõe que todos os elementos do grupo trabalhem juntos com um mesmo objetivo e que todos atinjam esse objetivo. Deste modo, *cria-se um ambiente rico em descobertas mútuas, feedback recíproco e um partilhar de ideias frequente.*(Fernandes, 1997). Outro aspeto que procurei perceber nesta fase residia na perceção de qual texto as crianças iriam buscar a informação. Neste momento, verifiquei que alguns elementos, ainda que poucos, se baralhavam com os dois textos, dificuldade que foi possível ultrapassar mais para adiante. Nesta fase, não focalizei muito a importância dos livros informativos, pois o que interessava, nesta primeira fase, era perceber a reação ao facto de ter mais material para a procura de informação. Abaixo está um exemplo de um grupo com o jogo.

≡Metas Curriculares de Português: Oralidade 4º ano, ponto 1.1 – Distinguir informação essencial da acessória.

2014/11/14

Jogo: Somos historiadores à procura de ...

Regras:

- 1ª Resposta completas, bem redigidas;
 - 2ª Respeito pelas regras de comportamento (se um elemento de um grupo falar em voz alta sem ter o dedo no ar, esse grupo perde um ponto);
 - 3ª Rapidez.
- No final de cada etapa, o capitão vai para a frente do quadro e pede autorização para falar.

Os povos recolectores

1. Acerca de quantos anos viveram os povos nómadas e recolectores na Península Ibérica?

Os povos nómadas e recolectores viveram há milhares na Península Ibérica.

2. Completa as frases:

- Os povos chamam-se nómadas porque se deslocam de um lado para o outro para procurar alimento.
- Os povos recolectores aproveitavam o que a Natureza lhes dava: colhiam frutas silvestres e raízes, faziam as margens dos rios e caçavam.
- Descobriram o fogo que os protegia do frio e dos animais.

3. Como viviam estes povos?

Estes povos viviam em pequenos grupos e organizavam-se em grupos.

As comunidades agropastoris

4. Quais os utensílios que usavam na agricultura?

Os utensílios que usavam na agricultura eram: enxadões, foices, machados e machos de moer e moedores.

ej. 2

Figura 16: Exemplo de respostas ao jogo: Grupo 2, página 1

5. Estas comunidades dedicavam-se a algumas atividades, indica 3.

Estas comunidades dedicavam-se a
algumas atividades que são: *peixaria*
agricultura e *pastorícia*.

6. Indica 3 técnicas artesanais descobertas pelo povo sedentário.

As comunidades *agropastoras* descobriram:
tecelagem, cestaria e cerâmica.

7. Define por palavras tuas sedentarismo.

(*Os povos sedentários não eram me-*
*droso mas sim *casadores*. Eles descobriam*
*a *tecelagem, cestaria e a cerâmica.**

Iberos, Celtas e Lusitanos

8. Assinala com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas.

V F

Os Iberos e os Celtas viviam na cidade.		<input checked="" type="checkbox"/>
No norte de Portugal ainda existem vestígios destes povos.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Os Lusitanos eram um povo medroso, nunca se envolvia em conflitos.		<input checked="" type="checkbox"/>
As citânias ou castros estavam rodeadas por muralhas, para que a defesa nas frequentes guerras fosse mais fácil.	<input checked="" type="checkbox"/>	

Fenícios, Gregos e Cartagineses.

9. Refere as razões pelas quais estes povos se sentiram atraídos pela Península Ibérica?

Estes povos sentiram-se atraídos pela
Península Ibérica, por causa do comércio.

10. O que traziam estes povos para comercializar com os povos locais?

*Estes povos traziam *armas, vidros, sal,**
*objetos de *eduro* e produtos agrícolas.*

11. Comenta a seguinte afirmação:

"A sua influência foi muito importante, pois introduziram a exploração mineira, a conservação do peixe em sal, a produção de vinho e azeite, a escrita alfabética e a moeda."

Eu acho que esta afirmação é verdadeira,
*por que *trouxeram* isto *mas* conseguiram *as**
letras da mesma forma.

Figura 17: Exemplo de respostas ao jogo: Grupo 2 página 2

De 20 e 21 de Novembro de 2014

Nestes dias, abordámos a Reconquista Cristã e a formação do Reino. É fundamental que as crianças percebam as fases da Reconquista Cristã para que entendam como se formou o Reino de Portugal, que nesta altura se chamava Condado Portucalense. Assim, nestas aulas, intentei: conhecer as etapas da reconquista cristã; compreender fatos e reconhecer personagens associadas à reconquista cristã, reconhecer a sua importância/ influência para a nossa cultura e para a fundação do reino; conhecer personagens e factos da história nacional.

Nestas aulas, realizámos atividades de leitura, compreensão e comparação de textos (intertextualidade) (figura 17), nomeadamente o manual (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014, p. 48) e o livro *História de Portugal* da Porto Editora (s/n, 2013, p. 27). Para tornar as aulas mais interessantes, foram ainda analisadas imagens do livro *Histórias e Lendas* (Magalhães & Alçada, 2001, pp. 33-34), estas entre outras foram projetadas para análise e posteriormente colocadas no friso cronológico da sala de aula (fig. 18).

É de salientar que, durante as aulas, não trabalhámos apenas conteúdos de Estudo do Meio, mas também da Língua Portuguesa, pois sendo ela a nossa língua materna é transversal a todas as áreas. Deste modo, contemplámos algumas Metas de Curriculares de Português, como sendo:

Oralidade:

Subdomínio Escutar para aprender e construir conhecimento:

D1²⁴. Distinguir informação essencial da acessória,

D4. Identificar as ideias-chave de um texto ouvido.

Subdomínio: Utilizar técnicas para reter a informação, ou seja, neste caso sublinharam a informação que acharam mais importante.

A leitura foi realizada em grande parte pelas crianças. Assim, fizeram leitura em voz alta, obrigando a usar as palavras de forma audível, com boa entoação, articulação e ritmo adequado a fim de que todos entendessem o texto.

No final de cada parágrafo, pedia à criança que leu para explicar à turma o que percebeu do texto. Esta pergunta, além da finalidade explícita, tinha como intuito que as crianças debatesses as suas ideias, pois nem sempre estavam de acordo. Este exercício pretendia que

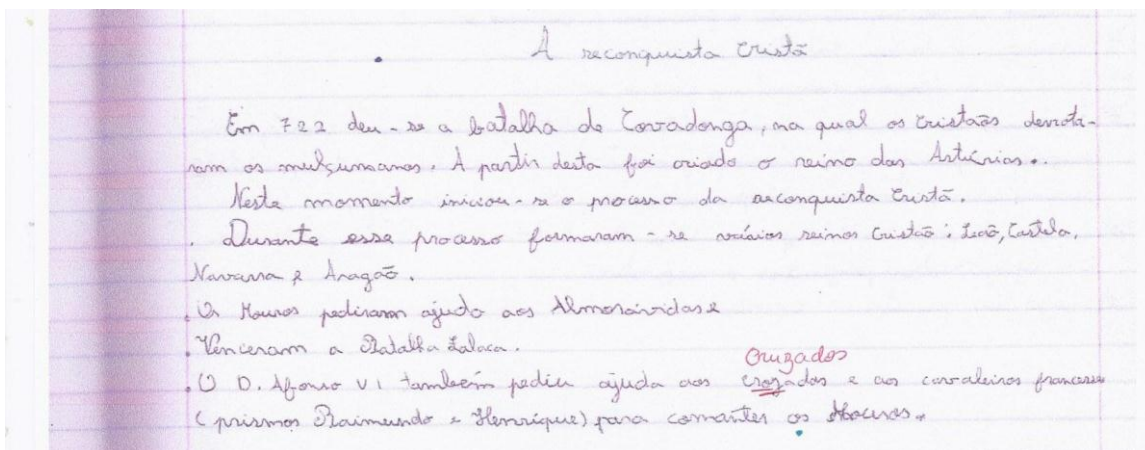
²⁴D1 sempre que aparecer na descrição das metas um D seguido de um número é o descritor, neste caso é o descritor n° 1.

as crianças melhorassem o seu pensamento crítico, pois, ao exporem o seu ponto de vista, tinham que o defender.

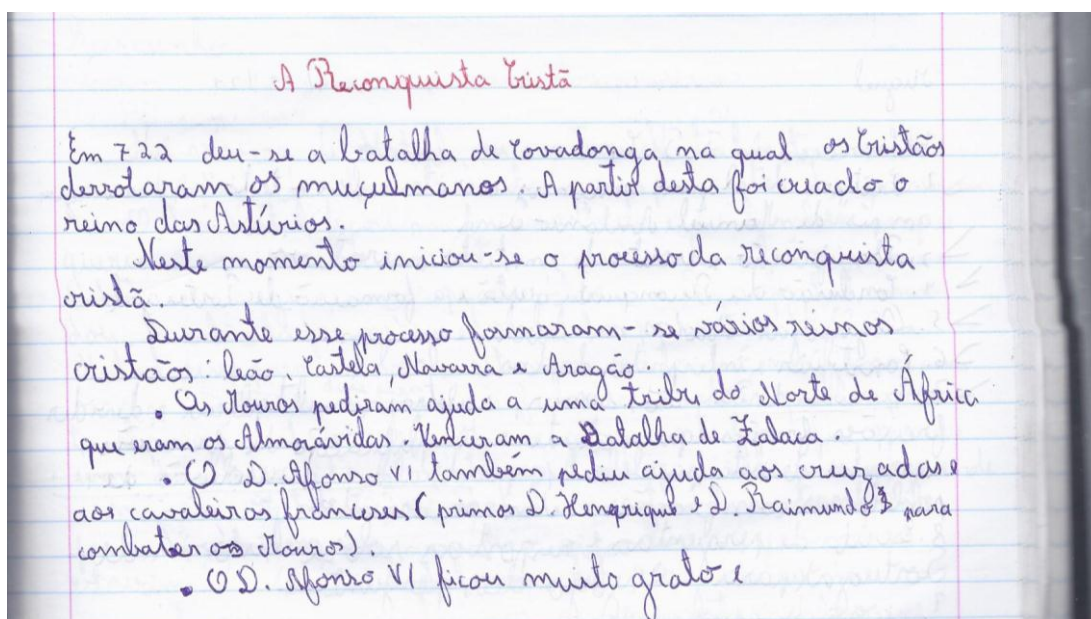
Leitura e Escrita:

Como já referi, houve leitura em voz alta. Durante esta, pedi que sublinhassem a informação mais importante e que rodeassem as palavras desconhecidas. Após a leitura, a turma pesquisou no dicionário as palavras rodeadas. Deste modo, puderam apropriar-se de novos vocábulos.

A seguir à leitura, pedi-lhes que extraíssem para o caderno a informação relevante que tinham sublinhado em forma de texto, abaixo exponho alguns exemplos desses textos (fig. 18 e 19).



Figuras 18: Exemplo de textos realizados pela turma sobre a Reconquista Cristã



Figuras 19: Exemplo de textos realizados pela turma sobre a Reconquista Cristã

Embora pudessem buscar a informação a qualquer um dos livros para explicarem a Reconquista Cristã a turma preferiu o livro que continha mais informação explícita, ou seja, o livro informativo.



Figura 20: Leitura e comparação dos textos

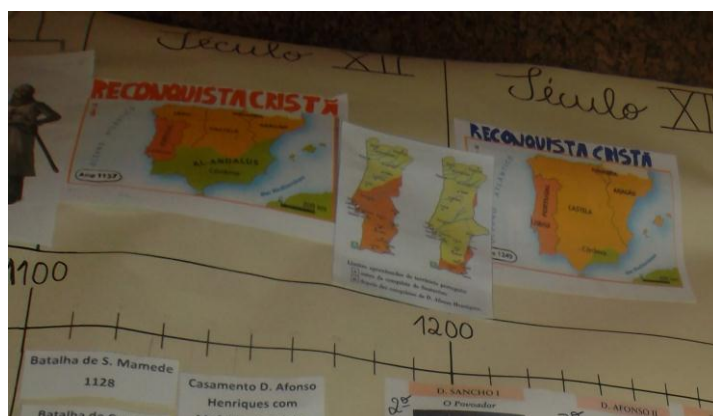


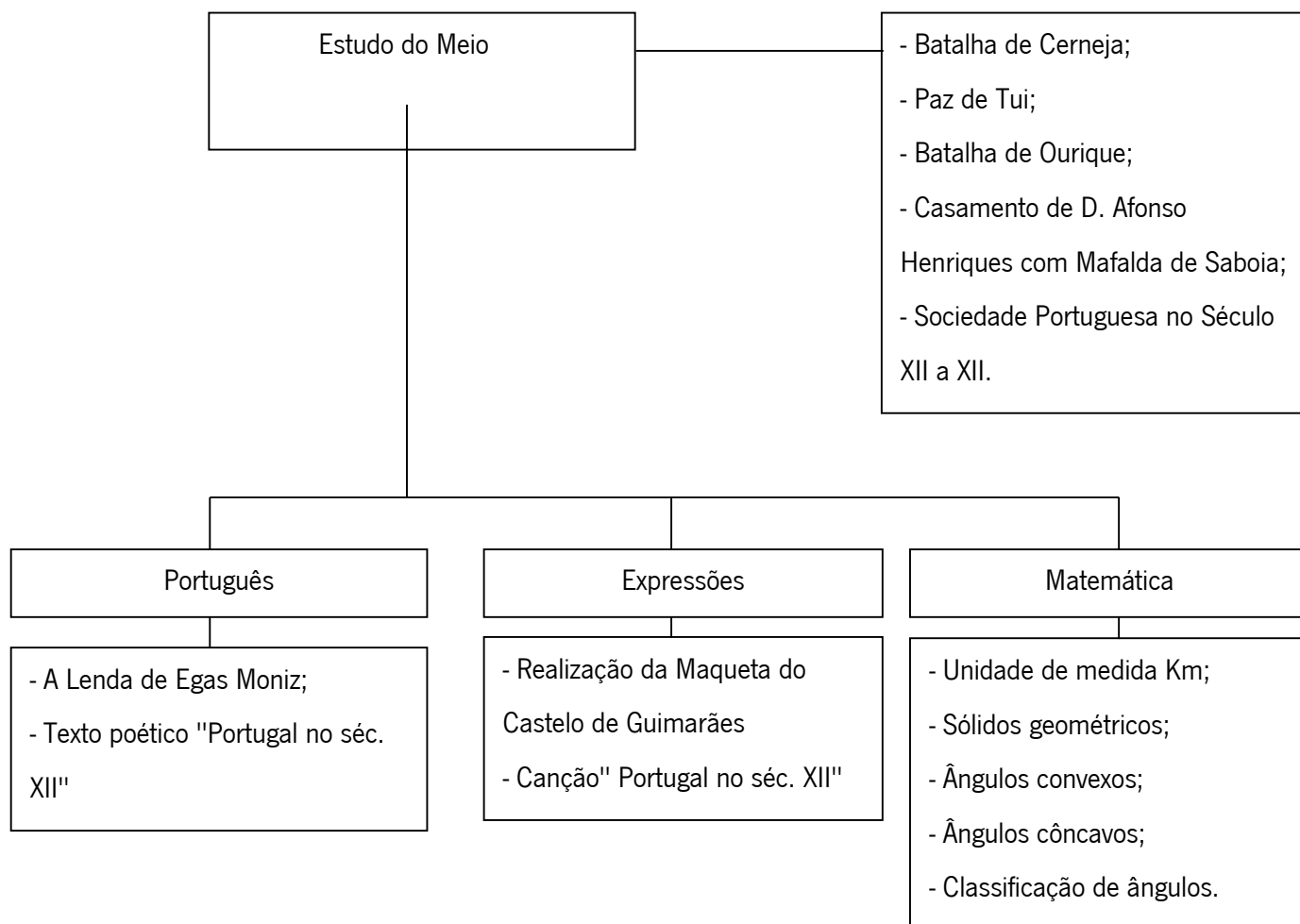
Figura 21: Fases da Reconquista Cristã, colocadas no friso cronológico da sala de aula

Para concluir e de modo a consolidar os conteúdos abordados, resolveram uma ficha de trabalho (Anexo II) em pares. Para poderem debater os seus pontos de vista e a aprendizagem ser mais significativa, sendo que, para defenderem as suas ideias, os alunos desenvolveram técnicas de pesquisa e análise dos textos.

De 25 a 28 de Novembro de 2014

No decurso desta semana, iniciámos o projeto propriamente dito. A área curricular Estudo do Meio é a área que mais possibilita a transversalidade em todas as áreas curriculares, abaixo indico a articulação curricular realizada para explorar a História de D. Afonso Henriques.

Articulação Curricular para explorar a História de D. Afonso Henriques.



No âmbito do Estudo do Meio, procurou-se atingir os seguintes objetivos:

- Conhecer personagens e factos da História Nacional;
- Localizar e colocar no friso cronológico da sala de aula as datas e acontecimentos estudados;
- Desenvolver técnicas para recolher, organizar e reter informação, nomeadamente sublinhar e tomar notas;
- Perceber a importância dos livros informativos para o estudo da História;
- Perceber a importância de ler em mais que uma fonte.

Relativamente à área do Português, além dos objetivos descritos quanto ao Estudo do Meio, acrescento os seguintes:

- Apropriar-se de novos vocábulos;
- Descobrir pelo contexto, o significado das palavras desconhecidas
- ler de modo autónomo, em diferentes suportes;
- Reconhecer características essenciais do texto poético: estrofe, rima e sonoridades.

No que corresponde às experiências de aprendizagem, assinalo:

- Compreender o texto;
- Reconhecer a importância da palavra dada;
- Sublinhar palavras ou expressões que não compreendam
- Fazer analogias entre o texto poético e os conteúdos estudados em Estudo do Meio.

Os objetivos estipulados no âmbito das Expressões são os seguintes:

- Fazer a ampliação de uma imagem
- Fazer construções a partir de representação no plano (maqueta)
- Compreender como se fazem as ampliações, para ampliar o tamanho das imagens do castelo.

No que respeita à Matemática, registo os objetivos:

- Resolução de problemas de vários passos;
- Exercícios sobre sólidos geométricos;
- Ângulos convexos e ângulos côncavos;
- Classificação de ângulos.

No âmbito do projeto da área curricular de Estudo do Meio, os alunos procederam à comparação de textos, nomeadamente de factos históricos sobre: batalha de Cerneja, Paz de Tui, Batalha de Ourique, casamento de D. Afonso Henriques com Mafalda de Saboia, conquista

de Santarém e Lisboa, a sociedade portuguesa nos séculos XII a XIV que compararam com o texto informativo do livro “Portugal no século XII, História Elementar e Cronológica de Portugal”.

É exemplo do registo desta comparação a figura 22.

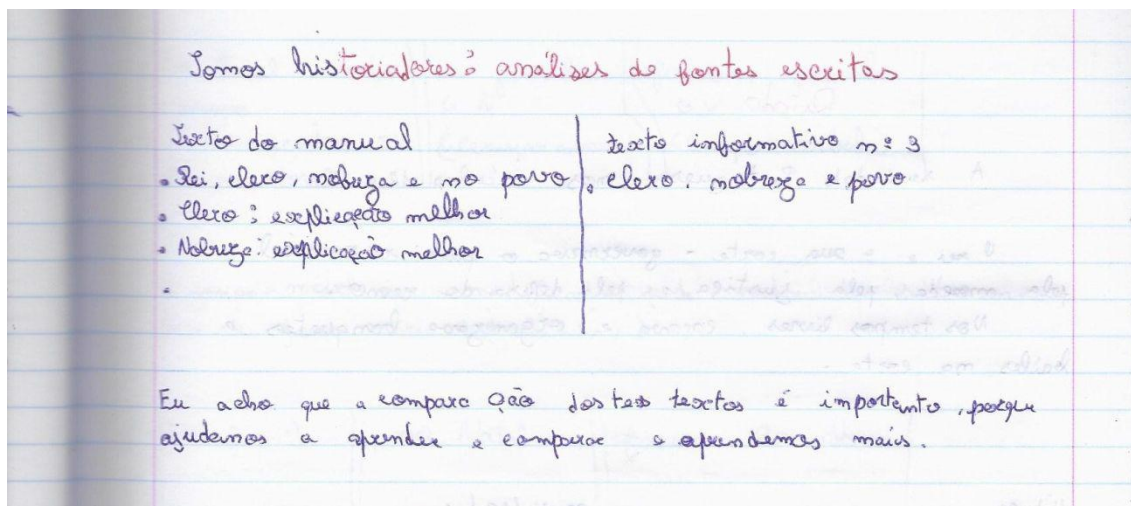


Figura 22: Comparação de textos dos livros (Guimarães, Neto, Neto, & Alves, 2014) e o (Lopes, 2001)

Na área de Língua Portuguesa, exploraram a lenda de Egas Moniz, fizeram a sua leitura e análise. Egas Moniz foi o mestre de D. Afonso Henriques. Foi ele quem o educou, e sentia-se na obrigação de o proteger. Por esta razão, diz a lenda que Egas Moniz deu a sua palavra de honra ao rei de Castela, dizendo-lhe que, quando Afonso fosse rei, lhe juraria obediência. Ao não conseguir cumprir a sua promessa foi com a sua família, ter com o rei D. Afonso IV de Castela e ofereceu-se para ser morto juntamente com toda a família.

Este texto gerou alguma “confusão” entre as crianças, pois, hoje em dia, não é assim, e não queriam acreditar que *a palavra* algum dia tivesse tal valor. Como eles mesmos disseram, “*nós agora dizemos uma coisa e depois fazemos outra logo a seguir*”. E deram exemplo de uma situação que ocorreu com alguns elementos da turma. Houve até quem respirasse de alívio por hoje não ser deste modo.

Quando começaram a ler, rapidamente se aperceberam de que o texto tratava de assuntos da área de Estudo do Meio. Fui interpelada pelo T. e pela M. que me disseram que eu tinha dito que íamos passar para a disciplina Português e que continuamos com Estudo do Meio. Expliquei-lhes que, efetivamente, o texto falava de D. Afonso Henriques, mas íamos analisar e

resumir o texto. Logo tratava-se também da veiculação de conteúdos de Português. Com a leitura e análise deste texto, foi dado a conhecer à turma conteúdos que não constavam no manual, nem nos textos informativos nº 2 e 3. Deste modo, o estudo foi mais abrangente. O resumo foi feito oralmente.

O texto foi lido por partes a fim de facilitar a compreensão do mesmo. Este continha uma linguagem um pouco complexa para a turma em questão. Ao longo da leitura, as crianças foram registando o significado das palavras e expressões que não compreendiam, como demonstram as imagens abaixo indicadas.

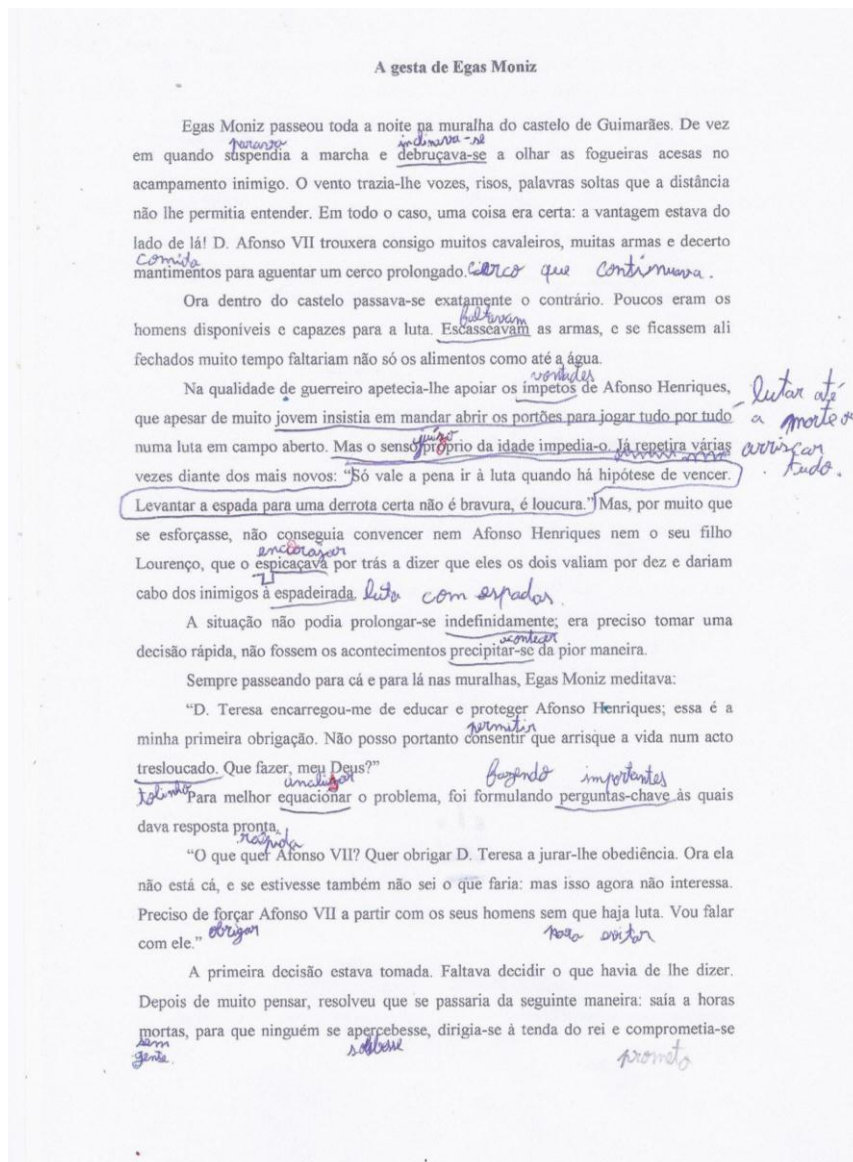


Figura 23: Texto “ A Gesta de Egas Moniz” analisado, página 1.

compria
sob palavra de honra a que no dia que D. Afonso Henriques sucedesse à mãe no governo do Condado Portucalense lhe juraria obediência. *reinar-se ao seguir*

E assim foi. O rei aceitou a proposta; na manhã seguinte *partiu* levantou o cerco e partiu.

No castelo de Guimarães toda a gente festejou o afastamento dos inimigos, e como não sabiam o porquê da *no entanto* retirada inventaram-se logo uma serie de versões. *hipóteses*

No ano seguinte D. Afonso Henriques revoltou-se contra a mãe, derrotou os cavaleiros na batalha de S. Mamede e tomou conta do governo. Só então Egas Moniz lhe contou a verdade sobre o cerco de Guimarães. Em vez de lhe agradecer, Afonso Henriques enfureceu-se: } 1127

— Jurar obediência ao meu primo? Prestar vassalagem a um homem que vale menos do que eu? Nunca! Ele herdou o reino de Leão e Castela mas eu hei-de transformar o meu condado num reino independente.

Egas Moniz orgulhava-se de o ouvir falar assim, e não tentou dissuadi-lo. Mas como tinha dado a sua palavra de honra, pensou que só a morte podia servir de resgate. Então dirigiu-se para a cidade de Toledo levando a mulher e os filhos, pois a vergonha da mentira recaia sobre toda a família. Apresentaram-se diante de D. Afonso VII descalços, com traje dos condenados à morte e uma corda ao pescoço. Perante o assombro da corte, Egas Moniz declarou que, não podendo cumprir o juramento, estava ali disposto a morrer com os seus. Pedia apenas para não serem enterrados como estranhos. Acompanhava-o um criado a quem gostaria que encarregassem do serviço.

Afonso VII ficou profundamente impressionado. Um homem tão leal não merecia a morte! Libertou-o do compromisso e mandou que regressasse a casa com a família em liberdade.



Figura 24: Texto “ A Gesta de Egas Moniz” analisado, página 2.

Estudaram também o texto poético “Séc. XII nasce uma nação”, sendo abordadas as características essenciais deste modo literário: estrofe, rima e sonoridades. Como se pode

observar na figura 25, as crianças foram capazes de identificar o assunto implícito em cada uma das estrofes do texto e sinalizaram as rimas. Para que percebessem a terceira estrofe, tive de lhes explicar quem foi Fernando Bulhões. Ora, este senhor é conhecido na atualidade com o nome de Santo António casamenteiro, e falei-lhes das noivas de Santo António de Lisboa, sobre as quais se faz um programa de televisão. Expliquei-lhes um pouco da sua biografia. Estudou em Coimbra no Mosteiro de Santa Cruz. Mais tarde, conheceu cinco frades franciscanos que foram em missão para Marrocos para profetizar a fé de Cristo. Estes foram assassinados nessa missão. Ao saber do acontecido, o padre Fernando veste o traje da ordem franciscana e vai continuar a missão iniciada pelos seus amigos frades. É neste momento que altera o seu nome de batismo e passa a chamar-se António. Era muito estudioso e chegou a preparar as pregações para as principais festividades religiosas a pedido do Papa. Não escreveu muitas, pois logo adoeceu e regressou para Lisboa. Faleceu antes de chegar ao Condado Portucalense, numa cidade chamada Pádua.

Apesar de, no texto, não existirem datas, as crianças foram capazes de localizar no tempo os conteúdos de estudo do meio que estavam implícitos e escreveram, em frente a cada estrofe, qual o assunto que esta tratava.

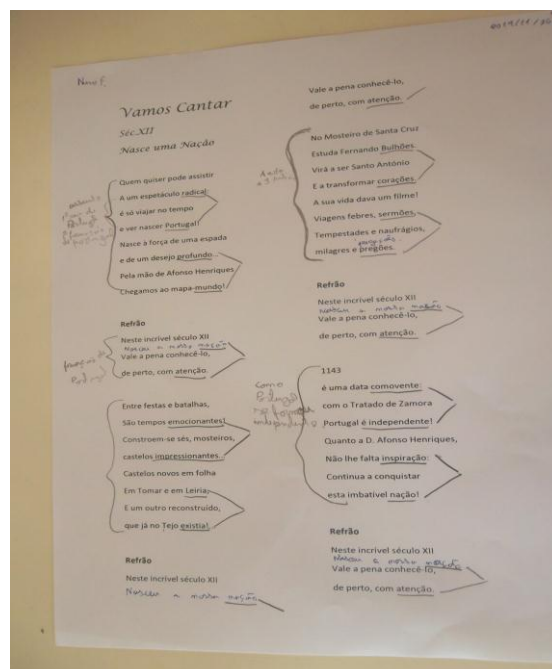


Figura 25: Texto “ Séc XII, Nasce uma Nação” analisado.

Realizaram, ainda, uma ficha de Matemática subordinada ao tema do projeto, com exercícios sobre sólidos geométricos, ângulos convexos, ângulos côncavos e classificação de ângulos, que fizeram com alguma facilidade.

FICHA DE TRABALHO DE MATEMÁTICA

Nome: _____ Nº _____

1. O Vítor marcou, no mapa de Portugal Continental (figura ao lado), o trajeto que D. Afonso Henriques fez com o seu exército para verificar a segurança do reino. Depois, registou, na tabela abaixo, algumas das distâncias percorridas.

Itinerário da viagem desde Braga a Tavira	
Braga – Viseu	
Viseu – Leiria	257 km
Leiria – Elvas	171 km
Elvas – Tavira	380 km

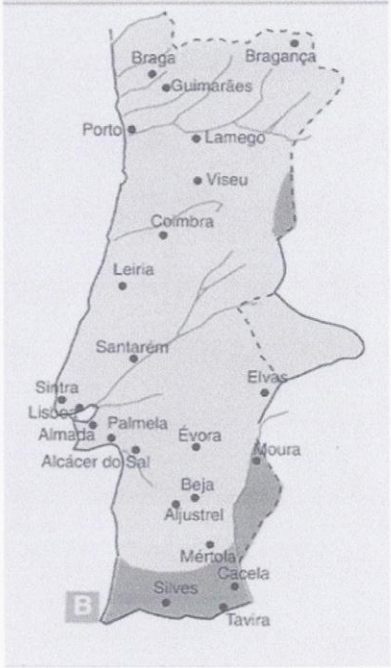
No trajeto entre Braga e Tavira, D. Afonso Henriques percorreu, no total, 1052 km.

a) Quantos quilómetros percorreram no trajeto entre Braga e Viseu?

b) Classifica o ângulo Braga Viseu Leiria.

c) Pinta de azul um ângulo côncavo e de verde um ângulo convexo.

2. Identifica e pinta de verde os sólidos geométricos.



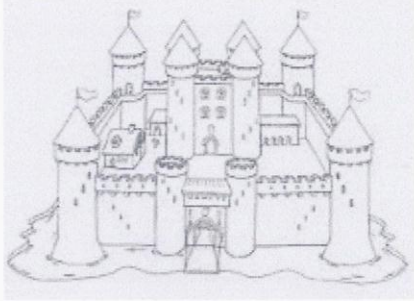


Figura 26: Ficha de Matemática subordinada ao tema do projeto.

Antes de dar início à maquete do castelo de Guimarães, mostrei à turma fotografias do castelo de Guimarães, que fazem parte do *site* http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1060. A imagem que lhes chamou mais a atenção foi a vista de cima, pois era perceptível a forma de escudo. E, assim, a maquete teve também esta forma.



Figura 27: Imagem do Castelo de Guimarães, vista de cima,

Para realizar a maquete, expliquei-lhes como se faz para aumentar e diminuir uma imagem. Assim, podíamos pegar numa imagem do castelo e ampliá-la efetuando a construção da maquete do castelo de Guimarães.



Figura 28: Explicação da realização da ampliação de imagens

Exemplo de uma ampliação efetuada pelas crianças:

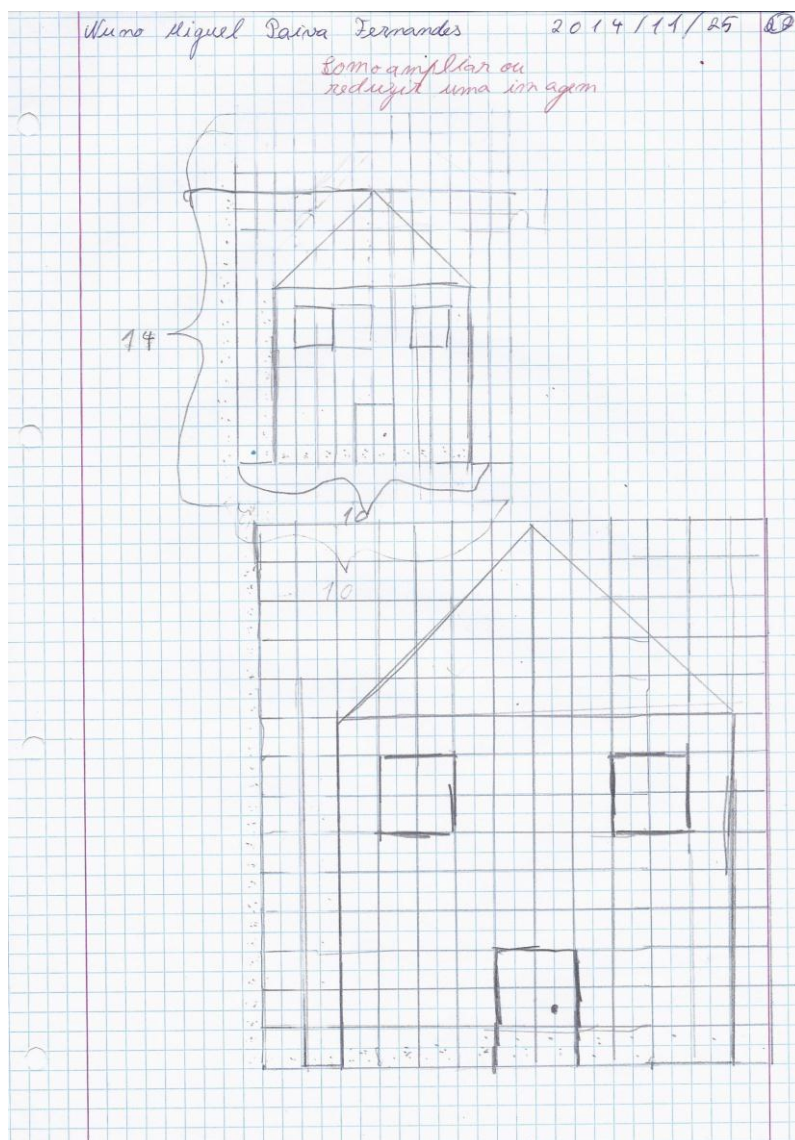


Figura 29: Exemplo de uma ampliação efetuada pelas crianças:

Fases da construção da maqueta



Figura 30: Medição para o corte das ameias.



Figura 31: Corte das ameias.



Figura 32: Colagem das “pedras” nas muralhas e torre de menagem.



Figura 33: Pintura do castelo



Figura 34: Castelo finalizado.

No fim da semana resolveram uma ficha de trabalho, para consolidação dos conteúdos abordados no decorrer da semana. Durante a resolução da ficha puderam consultar os textos analisados, pois o pretendi valorizar a consulta e a informação por eles destacada.

ESTUDO DO MEIO

Nome: _____ Nº _____

Data: ___/___/___

1. A que reino pertencia o Condado Portucalense?

2. Como se chama o processo de recuperação das terras ocupadas pelos Muçulmanos?

3. Quem foi o primeiro rei de Portugal?

4. Qual foi o tratado que reconheceu Portugal como reino independente?

5. Completa corretamente o texto sobre a formação de Portugal com as expressões a seguir apresentadas.

D. Henrique	independente	Portucalense	D. Henrique	S. Mamede
D. Teresa	Zamora	Alexandre III		

D. Afonso VI, rei de Leão deu a _____ o governo do Condado _____ . D. _____ nunca conseguiu tornar o Condado Portucalense _____ .

Após a morte de D. Henrique, sucedeu-lhe _____ , mas a sua governação não favorecia os interesses portucalenses.

Com a ajuda de alguns nobres, D. Afonso Henriques travou contra D. Teresa a Batalha de _____. Foi reconhecido rei de Portugal, pelo tratado de _____ , em 1143. A independência do Reino de Portugal só se consolidou em 1179, com o reconhecimento do papa _____ .

Figura 35: Ficha de trabalho de Estudo do Meio sobre D. Afonso Henriques, página 1.

6. Faz as correspondências.

Batalha de Cerneja	■	D. Afonso Henriques fratura uma perna, ficou preso. Em troca da sua liberdade devolve as terras da Galiza.
Paz de Tui	■	Os muçulmanos invadem o sul do Condado.
Batalha de Ourique	■	D. Afonso Henriques derrotou as forças leonesas. Deixou de prestar vassalagem ao primo.
Desastre político- militar de Badajoz	■	Aparição de Cristo. Vence cinco reis mouros.

7. Observa a imagem.



a) Indica o nome de duas cidades conquistadas por D. Afonso Henriques.

8. Coloca (V) verdadeiro e (F) para falso:

O Rei governa o país.	
O Rei paga impostos.	
O Clero tratava da agricultura.	
O Clero é responsável pela Igreja, possuía terras e não pagava impostos.	
A Nobreza lutava ao lado do rei, em caso de guerra.	
O povo vendia produtos em feiras e mercados.	

Figura 36: Ficha de trabalho de Estudo do Meio sobre D. Afonso Henriques, página 2.

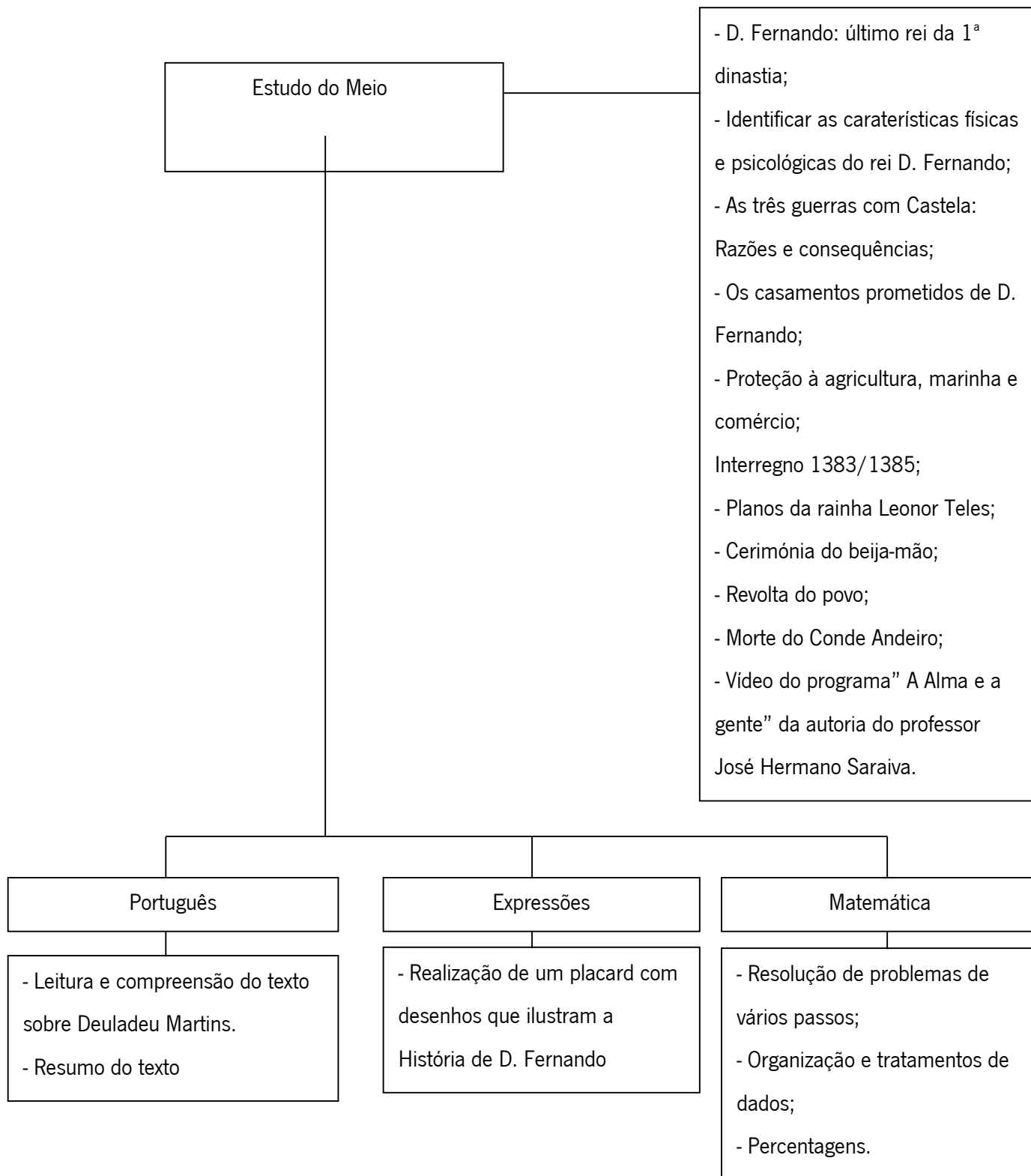
No final da realização da ficha, desenvolvi com a turma um diálogo sobre a importância dos textos informativos que tinham em sua posse e aos quais tinham acabado de pesquisar informação. Questionei-os sobre o que achavam acerca destes textos, se achavam importante pesquisar a informação como fizeram, ou se achavam que a informação que consta no manual é suficiente para eles. No decorrer da conversa, obtive respostas das quais destaco algumas:

-“No texto informativo número 3 (Lopes, 2001, pp. 30-36), as cópias estão mais explicadas” (M)

-“ No texto informativo número 3 fala mais de batalhas e outros assuntos que o manual, mas o texto informativo número 2 (s/n, 2013, pp. 27-32) está mais completo” (Ma)

-Eu acho importante estudar estes assuntos para aprendermos mais sobre a História de Portugal, que é o nosso país” (G)

Articulação Curricular para explorar a História de D. Fernando



Esta semana, a fim de que o estudo fosse mais autónomo por parte das crianças, elaborei uma guia de estudo. Deste modo, todo o grupo soube o que ia aprender a seguir, bem como fazer leitura autónoma dos textos informativos facultados. Verifiquei que esta estratégia suscitou o interesse nas crianças, pois ficaram com mais curiosidade. Alguns levaram livros para a escola para ler para os colegas, outros fizeram leituras em livros e na internet que, depois, comentavam os conhecimentos nas aulas. Deste modo, posso dizer que este método foi relevante para a aprendizagem da História de D. Fernando.

Objetivo geral:

- Apresentar à turma livros lidos, justificando a escolha e recomendando a sua leitura.

Nesta parte os objetivos a atingir serão indicados em cada exercício do guia de estudo ou outros relacionados com o tema.

Terça-feira 06-01-2015

D. Fernando 1383-1385

D. Fernando foi o último rei da 1ª dinastia, isto deveu-se às políticas inconstantes que manteve durante o seu reinado.

D. Fernando era filho de D. Pedro I e de D. Constança, e subiu ao trono com 22 anos. O cronista Fernão Lopes descreve-o assim: Era mancebo valente, ledo e namorado. De formoso parecer, bem composto de corpo e muito vistoso. Tinha grande força nos braços e não havia homem que mais tivesse. Cortava muito bem com a espada e ^{de armas}premeitava bem (a lança), a cavalo.

Além destas qualidades era prestável, generoso e muito liberal para todos, recebendo muito bem os estrangeiros. Era ainda grande caçador e não perdia nenhuma ocasião para fazer montaria, caçar javalis

De seu pai, o rei D. Pedro I, D. Fernando herdara um reino rico e em paz.(...)"

Maria de Lurdes Mendes
Reis e Rainhas de Portugal, Impala, 2004
(Excerto do texto informativo, página 44)

Preenche o quadro e faz a caracterização do rei D. Fernando com base na informação do texto.

D. Fernando	
Características Físicas	Características psicológicas
<i>forte, bonito, valente, bem composto, vistoso, prestável, generoso, liberal, elegante</i>	<i>prestável, valente, namorado, formoso</i>

Figura 37: Exercício 1 do guia de estudo sobre o rei D. Fernando

O exercício a realizar no guia de estudo teve como principal objetivo conhecer melhor o rei D. Fernando. Neste, apresenta-se um texto ao qual teriam de retirar as características físicas e psicológicas do rei, para, de seguida, as escrever numa tabela. Para realizar este exercício, as crianças tiveram de fazer algumas inferências, passando algumas expressões para sinónimos.

Como por exemplo:

“mancebo valente, composto de corpo” → Pessoa forte

“muito vistoso” → Elegante

Acrescento, ainda, outros objetivos da presente atividade:

- Distinguir a informação essencial da acessória;
- Identificar informação implícita;
- Identificar ideias-chave;
- Preencher grelhas de registo;
- Identificar, por expressões de sentido equivalente, informações contidas explicitamente em textos informativos.

Este exercício serviu também para verificar os conhecimentos que as crianças tinham em relação a este rei, pois sabiam, por exemplo, que era filho de D. Pedro e D. Constança.

No exercício seguinte, apresentei-lhe uma tabela na qual lhes pedi que escrevessem a informação que achassem mais importante contida no manual e nos textos informativos.

Este torna facilmente visível a falta de informação constante no manual e o quão podem aprender se forem pesquisar nos textos informativos. Realçando, desde modo, a sua importância.

Abaixo indico um exemplo do exercício realizado. Nas imagens do exercício, é possível verificar que as crianças falam no número de texto. Isto acontece, porque se tornou necessário criar uma estratégia para identificar facilmente os textos. A certo momento, havia alguma confusão, pois já eram várias as cópias que tinha de um mesmo livro. Assim, para solucionar, numerámos os textos.

Lê o último parágrafo do texto do teu manual, na página 50. Retira a informação que achas mais importante. De seguida faz o mesmo com os textos informativos.

Informação do manual	Informação dos textos informativos
<p><u>pág. 50</u></p> <ul style="list-style-type: none"> para desenvolver a marinha e o comércio, fundou a Companhia das Índias em 1480. mandou construir grandes embarcações para fazer crescer o comércio exterior. desenvolveu a indústria da extração do sal fundou a lei das Sesmarias. 	<p>Título do texto informativo: <u>"Reis e Rainhas de Portugal" de Maria de Lourdes Mendes, pág. 44</u></p> <p>De _____</p> <p>scrição da informação:</p> <ul style="list-style-type: none"> filho de D. Pedro I, de D. Constança subiu ao trono com 22 anos era valente, feroz, composto de corpo e espírito, era generoso, cortês, bom com espada e boa palavra ^{palavra} fantástico, fazia memória, era prático, lidava bem os estrangeiros, respeitava a liberdade os súbditos, casava ^{casava} bom e mereceu o reino rico e em paz. <p>texto informativo (9)</p> <p>D. Fernando julgava-se com direito ao trono de Castela.</p> <ul style="list-style-type: none"> Na 3ª guerra, D. Fernando pediu auxílio aos ingleses e terminou com um tratado que estabeleceu ^{com} o casamento de D. Beatriz, única filha de D. Fernando, com D. João I de Castela.

Figura 38: Exercício nº2 do guia de estudo sobre o rei D. Fernando

- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;

- Perceber a importância de ler em mais que uma fonte.

- Sintetizar a informação.



Figura 40: Leitura dos textos informativos



Figura 41: Leitura dos textos informativos

No decorrer da leitura e análise dos textos informativos, surgiram algumas dúvidas em relação ao texto dos casamentos prometidos por D. Fernando, pois não compreendiam por que razão D. Fernando não podia casar com quem ele queria, pois, “se era rei, ele é que mandava”. Ora, para que percebessem, comecei por pegar em alguns elementos da turma e dei início a uma dramatização. Nesta, constavam D. Fernando, o rei de Castela e sua filha Leonor de Castela, o Duque de Lencastre e sua filha Leonor de Lencastre. Então, fui-lhes contando a História e eles, de imediato, a dramatizaram, inventando a falas das suas personagens. Apenas quando disse ao “D. Fernando” para se justificar com o Duque de Lencastre é que perceberam o “dilema” que D. Fernando passou na altura. Se, por um lado, tinha prometido ao Duque de Lencastre casar-se com a sua filha em troca da sua ajuda nas guerras contra Castela, por outro lado, se não fizesse o que o rei de Castela voltava a invadir o Condado Portucalense que já se encontrava muito desbastado. Após esta intervenção, embora não a tivesse planeado, aproveitei o momento e pedi para que escrevessem o texto dramático correspondente ao que acabara de realizar.



Figura 42: Escrita da peça de teatro

Abaixo segue-se um exemplo de um texto produzido pelas crianças.

“Teatro de D. Fernando

Narrador: Um dia, D. Fernando de Portugal, estava a olhar para o espelho, a admirar a sua beleza.

D. Fernando: Ai! Que beleza que eu sou!

Narrador: Na segunda guerra com Castela, pediu ajuda ao Duque de Lencastre.

D. Fernando: Sr. Duque de Lencastre, queria pedir-lhe ajuda para combater contra os castelhanos, por favor!

Duque de Lencastre: Está bem, mas vais ter de te casar com a minha filha D. Leonor de Lencastre!

D. Fernando: Está bem, eu caso com a sua filha. Vamos para a batalha!

Narrador: Prepararam-se e foram para Castela. Mas...o rei de Castela ganhou!

Rei de Castela: Ganhei! Ganhei! Ganhei!

D. Fernando – Perdi! Podemos assinar o Tratado de Paz de Alcoutim?

Rei de Castela: Está bem! Vamos lá assinar. Mas ...vais ter de casar com a minha filha Leonor de Castela!

D. Fernando: Não pode ser! Eu já estou comprometido a casar-me com D. Leonor de Lencastre!

Rei de Castela: Paciência! Senão não assino este tratado!

D. Fernando: Está bem eu caso-me com a sua filha!

Narrador: Então D. Fernando foi até Lencastre.

D. Fernando: Desculpe lá, mas vou ter de me casar com Leonor de Castela.

Duque de Lencastre: Está bem, mas vai ter de me dar algumas terras suas!

D. Fernando: Ok! Dou-te, Évora, Beja, Algarve e Portalegre! Chega? (como não havia a informação das terras doadas por D. Fernando ao Duque de Lencastre cada criança colocou as que acharam por bem).

Duque de Lencastre: Pode ser! Já não precisas casar com a minha filha.

(a partir daqui, a história é um pouco ficcional, pois aludi ao que se passou a seguir e eles imaginaram como teria acontecido. No dia seguinte, porém, analisámos os textos correspondentes a esta parte da História. No dia seguinte, confrontamos estes textos escritos por eles com os textos informativos, para entenderem até onde tinham factos reais)

Narrador: D. Fernando estava sentado num banco de jardim e viu D. Leonor Teles, a passear com o marido e com o seu filho.

D. Fernando: (a pensar) estou apaixonadíssimo por ela! Mas ela é casada. O que vou fazer?

Narrador: D. Fernando teve uma ideia, iria escrever uma carta ao Papa para anular o casamento. Foi avisar o povo que ia casar com ela.

D. Fernando: Meu caro povo vou-me casar com D. Leonor Teles!

Povo: Não! Não! Não! Não queremos D. Leonor Teles como rainha!

D. Fernando: (a mentir) Pronto, eu não me caso, mas a carta vai!

Narrador: Um dia, chegou o mensageiro!

Mensageiro: (tuturu) O Papa aceitou, o casamento será anulado.

D. Fernando: Fixe, estou tão contente! Yupi!Yupi!Yupi!

Narrador: D. Fernando chamou o casal para lhes avisar

D. Fernando: (achorar - improvisar) o Pa-pa te-ve de de de a-nu-lar o o o ca-sa-men-to!

Marido: Não pode!

D. Fernando: Pode sim! Se o Papa disse que anulou o casamento, anulou e ponto final!!!

Narrador: O ex-marido e o seu filho fugiram para Castela.

Mais tarde D. Fernando casou-se com D. Leonor Teles, às escondidas. Uns anos depois, tiveram uma filha chamada Beatriz. Quando cresceu, D. Leonor e D. Fernando, casaram a sua filha com o rei D. João I, de Castela.

Carta que D. Fernando escreveu com as condições para a existência deste casamento, era desejo de D. Fernando que a sua filha não fosse rainha de Portugal, pois, seria o rei de

Castela a governar. Para contornar esta situação o rei fez um documento com uma série de exigência, sendo destacada pelas crianças a que está abaixo descrita.

Caros súbditos!

Quando eu e D. Leonor Teles morrermos, se o filho de D. Beatriz tiver mais de 14 anos será rei de Portugal.

D. Fernando I

Mais tarde, D. Fernando Morreu.

D. Fernando: Estou-me a sentir mal! (morre/desmaia)

D. Leonor: Ai que estou tão triste! Muito triste!

Narrador: D. Leonor ficou regente do reino e organizou uma reunião com os nobres, para avisar-lhes de uma coisa que D. Fernando não queria.

D. Leonor: Nobres! Para o castelo.

Narrador: E lá foram os nobres.

D. Leonor: Meus senhores e minhas senhoras, quando a minha filha crescer será rainha de Portugal!

Nobre1: Nós não queremos muito!

Nobre2: Nem nós, nem o povo!

Nobre3: Mas se você quer, será!

Narrador: D. Leonor tinha um conselheiro castelhano que se chamava Conde Andeiro. Ela gostava desse conselheiro por isso fazia o que ele queria. Então Portugal poderia perder a independência.

Para abordar conteúdos da área de Português, analisámos o texto sobre a lenda de Deuladeu Martins, uma senhora de Monção que se mostrou valente aquando do cerco castelhano à Vila de Monção. Após algum tempo de cerco o pão começou a escassear. Em vez de desanimar esta mulher mandou os últimos pães para os castelhanos, fazendo-os pensar que ao contrário deles, os portugueses tinham mantimentos para aguentar um cerco prolongado. Visto isto, levantaram o cerco e retornaram a Castela. Assim, Deuladeu livrou os portugueses do cerco e da fome. Esta é recordada pela sua astúcia e valentia digna de um verdadeiro chefe.

A fim de que percebessem o texto fomos lendo parágrafo a parágrafo, no fim de cada um a criança que leu fez o resumo das ideias-chave que escreveram à frente de cada parágrafo.

Escreveram o significado das palavras e expressões desconhecidas à semelhança do que já havia sido feito em outros textos.

Deuladeu Martins

APL 2244

Este pão é nosso!!!
Nós temos muito!!!

Deuladeu Martins é uma mulher. A esposa de capitão-mor da vila, Vasco Gomes de Abreu. A vila de Monção foi cercada pelos soldados de Castela.

Ela era forte, corajosa, amada.

PLAVIA farras, mas não manteimentos.

Deuladeu Martins foi fazer pão. Apenas tinha um pouco de farinha. Mas não chegou para tanto. Não desanimou porque a dificuldade de fazer o pão era grande.

A ideia foi: tirar o pão aos castelhanos e eles pensaram que ela tinha mais comida.

Infelizmente tinham chegado as coisas a um ponto em que estava passado o tempo para os actos de valor, isto é, em que era inútil para os cercados o valor das armas. A fome, zombando do esforço humano, ia pôr termo a tão heróica resistência.

Deuladeu Martins, que, enquanto teve pão para dar, o ia repartindo pelos soldados, adiando a hora fatal do rendimento da praça, chegou uma vez ao seu celeiro, e só encontrou uma exígua porção de farinha, com que apenas poderia fabricar alguns poucos pães. A outro qualquer desfalecer-lhe-ia o ânimo e romperia em lágrimas, vendo, nesses miseros restos do seu provimento triste anúncio da morte ou do cativo. Porém, a uma alma daquela tèmpera a grandeza do infortúnio costuma exaltar o espírito e o pensamento. E, com efeito, a iminência do perigo sugeriu-lhe uma ideia luminosa, que Deus se dignou de coroar.

A resoluta dama, sabendo que aos inimigos começava a escassear o pão, pega da farinha, manda-a amassar e cozer, e, depois, enchendo o regaço com os pães que ela produzira, sobe às muralhas, e daí os lança aos Castelhanos, dizendo-lhes:

— A vós, que não podendo conquistar-nos pela força das armas, nos haveis querido render pela fome, nós, mais humanos, e porque, graças a Deus, nos achamos bem providos, vendo que não estais fartos, vos enviamos esse socorro, e vos daremos mais, se o pedirdes.

Ficaram os inimigos tão desconcertados com esta acção (que os fez crer em que a praça estava abundante de mantimentos) que, perdendo a esperança de a submeter, e, já cansados, levantaram o ceno.

Os inimigos não tinham mantimentos e foram-se embora.

Figura 43: Texto “Deuladeu Martins” analisado

Neste seguimento no exercício seguinte do guia de estudo, pedi que fizessem o resumo da lenda, tendo em atenção as partes constituintes de um texto. Este exercício surgiu porque me apercebi de que alguns elementos da turma, apesar de oralmente fazerem o resumo na escrita não respeitam as partes do texto, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão.

in 03-01-2015

Faz o resumo da lenda que acabas-te de ler, tem em atenção as partes que constituem o texto.

Deuladeu Martins

Deuladeu Martins era esposa do capitão-mor. Dessa altura a vila de Alarcão foi cercada pelos castelhanos.

Existia muitas armas mas não havia alimentos suficientes para ganhar aos castelhanos.

Deuladeu Martins foi fazer pão mas viu que tinha um organismo de farinha e não chegava para todos.

Deuladeu Martins decidiu fazer os pães para atirar aos castelhanos e assim eles iam pensar que os portugueses tinham muita comida.

Os castelhanos ouviram e pensaram e levantaram o cerco.

Figura 44: Exemplo de um resumo do texto “Deuladeu Martins”

Para terminar pedi-lhes que fizessem linhas na parte da folha que estava vazia e que escrevessem possíveis perguntas de interpretação e as suas possíveis e respetivas respostas. Assim, foi possível perceber melhor o que tinham compreendido do texto. Este exercício vai também ao encontro das metas de aprendizagem determinadas pelo Ministério da Educação Português, designadamente.

- Recontar histórias lidas, distinguindo introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre textos.

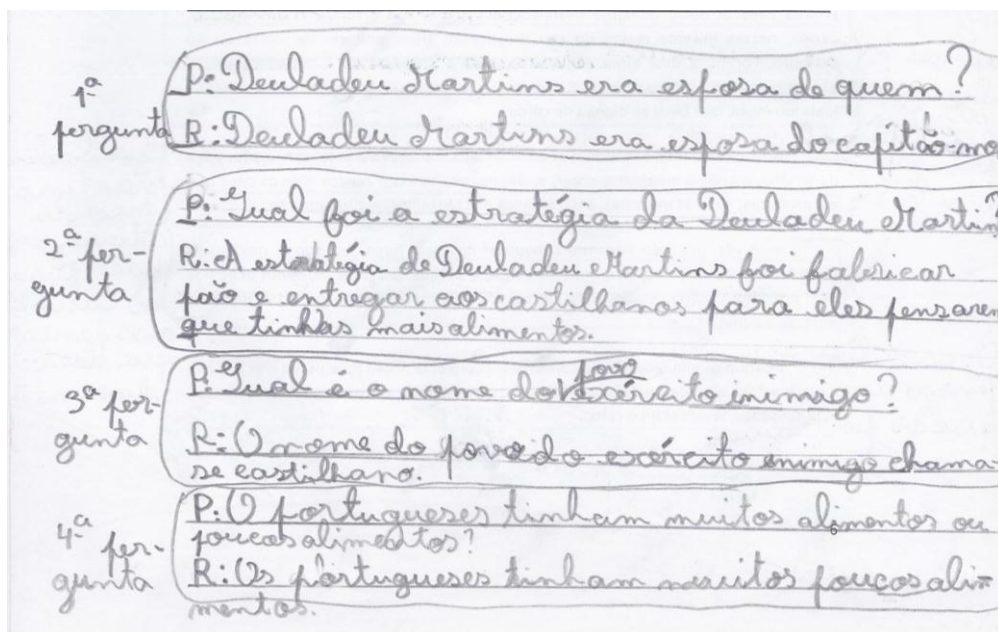


Figura 45: Exemplo do exercício resolvido

Na área da Matemática, realizaram uma ficha de trabalho subordinada à História do rei em estudo. Esta, para além de dar a conhecer mais um pouco da História, objetivou rever alguns conteúdos da área em questão.

Registo, assim, os seguintes objetivos:

- Resolução de problemas de vários passos;
- Organização e tratamentos de dados;
- Percentagens

Esta ficha, por ser muito extensa, foi realizada ao longo da semana. Desta forma, foi possível dinamizar mais um pouco dentro do projeto.

13

Nome: Leandro Alberto Gonçalves Couto Nº: 13

1. Para promover a agricultura e obrigar o regresso aos campos, D. Fernando assinou a Lei das Sesmarias. Com esta lei os donos dos terrenos eram obrigados a cultivar a terra para não ficarem sem ela.

Observa o pictograma seguinte que representa o número de pessoas que regressaram às suas terras.

Évora	
Beja	
Guarda	

Legenda: = 10 Pessoas

a) A qual das cidades regressaram mais pessoas?

Regressaram a guarda a mais pessoas. ✓

b) Quantas pessoas regressaram a Évora?

Regressaram a Évora 40 pessoas. ✓

c) Quantas pessoas regressaram às suas terras no total?

40 + 10 + 60 = 110

Ao todo, regressaram as suas terras 110 pessoas. ✓

d) Qual é a moda deste pictograma?

A moda deste pictograma é guarda. ✓

e) Completa a tabela com os dados do pictograma.

Categoria	Frequência absoluta	Frequência relativa
Évora	40	$\frac{40}{110}$
Beja	10	$\frac{10}{110}$
Guarda	60	$\frac{60}{110}$
Total	110	$\frac{110}{110} = 1$

f) Constrói um gráfico de barras com os dados do pictograma.

Número de pessoas que regressaram para a sua terra.

2. Um agricultor tem um terreno quadrangular com 625 m² de área, utilizou $\frac{1}{4}$ para semear trigo e $\frac{1}{4}$ para semear cevada. Quantos m² de área estão ainda vazios.

$625 \text{ m}^2 \div 4 = 156,25$

$1 \times 625 = 625$

$\frac{625}{4} = 156,25$

$625 - 156,25 - 156,25 = 312,5$

Ainda estão vazios 312,5 m² de área.

Qual o perímetro do terreno? Apresenta todos os cálculos.

$P = 4 \times 156,25 = 625$

$P = 312,5 \times 4 = 1250$

O perímetro do terreno é 1250 m

3. O gráfico seguinte refere-se à disposição das árvores, que um nobre mandou plantar no seu terreno.

Completa, observando o gráfico. TOTAL das árvores = 100

$50 + 20 + 25 + 5 = 100$

100%

$25 \times 60 = 1500$

$60 \div 4 = 15$

$50 \times 50 = 2500$

$50 \div 2 = 25$

50% é metade

50% das árvores são 50 árvores

$50\% = \frac{50}{100} = 0,5$

25% das árvores são 25 árvores

$25\% = \frac{25}{100} = 0,25$

20% das árvores são 20 árvores

$20\% = \frac{20}{100} = 0,2$

5% das árvores são 5 árvores

$5\% = \frac{5}{100} = 0,05$

4. D. Fernando, o Duque de Lencastre e o Conde Andeiro estão a lançar setas ao alvo.

Cada um lança duas setas.

D. Fernando Duque de Lencastre Conde Andeiro

D. Fernando acertou no 10 e no 5, e portanto a sua pontuação foi de 15 pontos.

Duque de Lencastre acertou as duas setas no 10 e ficou com uma pontuação de 20 pontos.

Para ganhar o jogo, o Conde Andeiro tem de obter uma pontuação maior do que o D. Fernando e do que Duque de Lencastre.

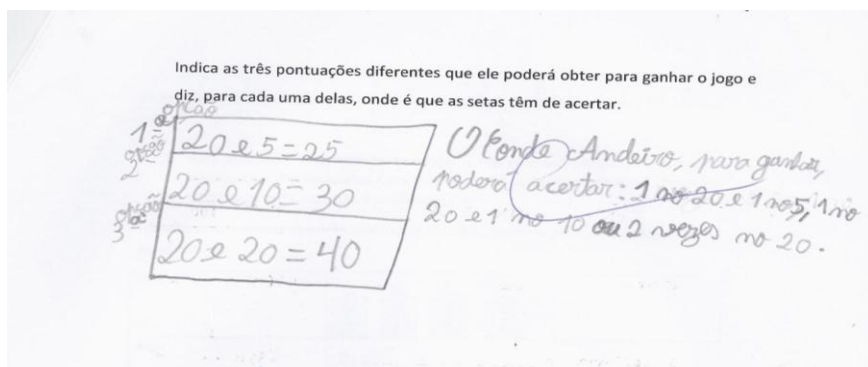


Figura 46: Fichas de Trabalho de Matemática subordinada ao tema do projeto

A turma no geral fez a parte da estatística com facilidades. Os alunos demonstraram algumas dúvidas na parte da resolução de problemas de vários passos e percentagens, facto que revela a necessidade de se ter de realizar mais exercícios deste tipo, para que consolidem as aprendizagens. Os exercícios foram corrigidos no quadro para explicar as dúvidas existentes.

Ao nível das expressões, com o objetivo de perceber se a turma entendeu a História de D. Fernando, solicitei que se organizassem em grupos e que cada grupo representasse por desenho uma parte a História de D. Fernando.

Para ajudar a selecionar o que cada elemento de cada grupo iria desenhar, escrevi no quadro as situações da vida do rei que a turma ia dizendo. Depois, cada grupo selecionou o que ia desenhar.

O resultado foi o seguinte:



Figura 47: Placard com a História de D. Fernando

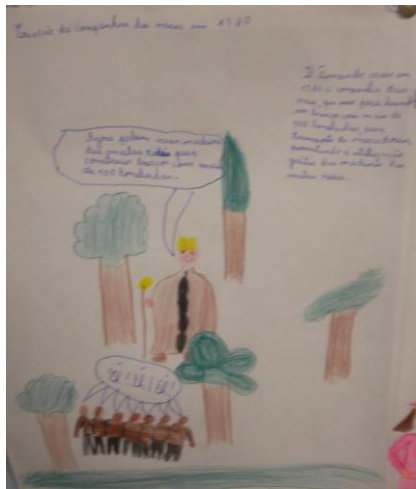


Figura 48: Exemplos de alguns trabalhos das crianças sobre D. Fernando

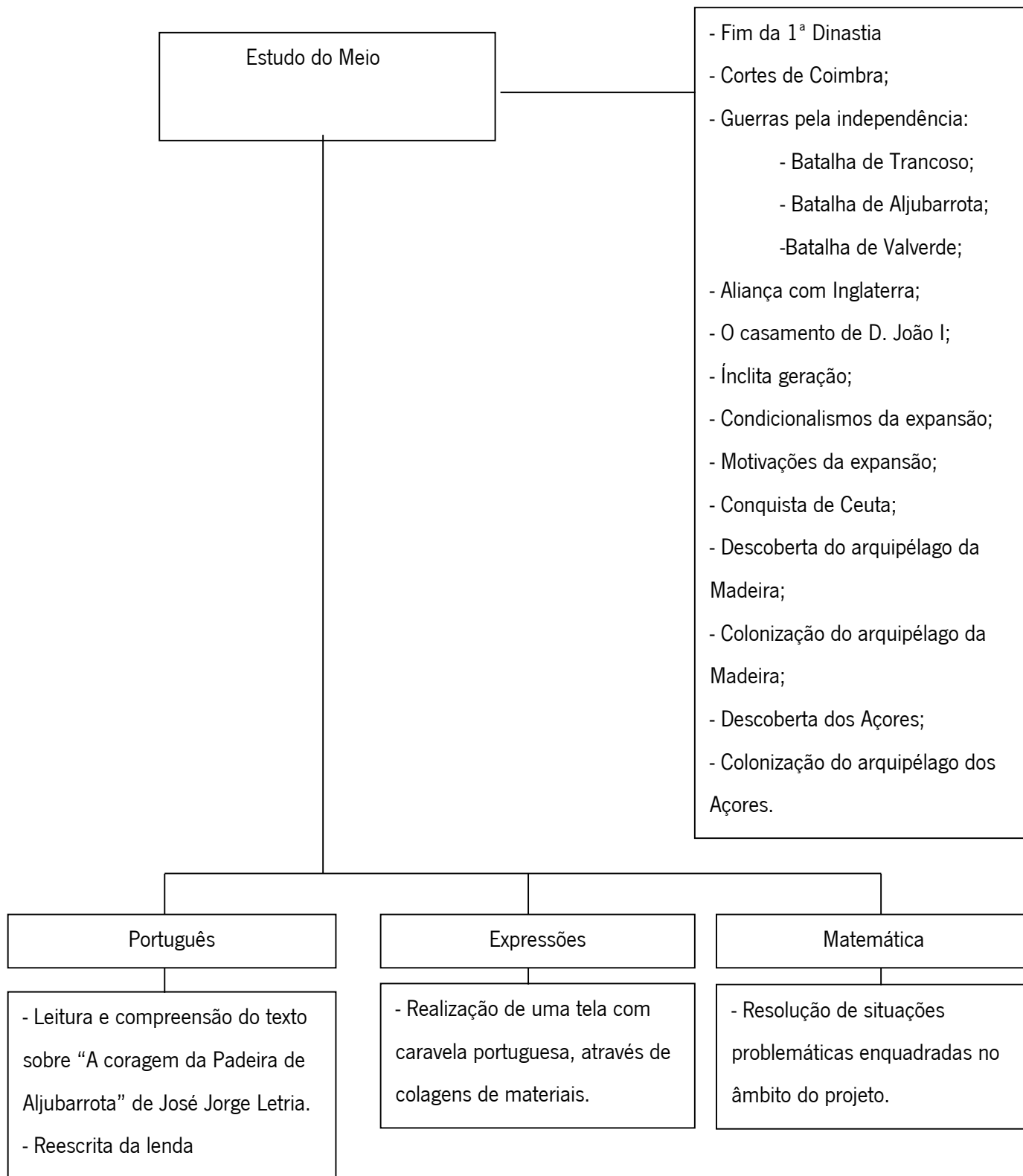
A fim de consolidar a aprendizagem, visualizaram parte do programa “Minha alma minha gente” <https://www.youtube.com/watch?v=QHBT2yFvdAE>, apresentado pelo Professor Hermano Saraiva. Assim tiveram presente mais uma fonte de aprendizagem. Após a visualização do filme, entabulámos um diálogo sobre o filme e pediram-me o endereço web para verem em casa o programa na íntegra. Falei-lhes também de outros programas que o professor fez sobre

outras pessoas da História e dou como exemplo a rainha D. Leonor Teles.



Figura 48: Visualização do programa de Hermano Saraiva sobre D. Fernando

Articulação Curricular para explorar a História de D. João I – Mestre de Avis



No sentido de abordar a figura histórica do monarca D. João I, voltei a realizar um guia de estudo, pois pude observar que era uma boa estratégia. No entanto, focalizei neste apenas a área de Estudo do Meio. Este guia contém perguntas de interpretação, para retirar do texto as partes mais importante de cada assunto solicitado, como já havia pedido e um texto com espaços para preencher. Apesar de não constar no guia, abordei com a turma a lenda da padeira de Aljubarrota e, na área de Matemática, realizaram um problema de vários passos sobre a batalha de Aljubarrota.

O texto estudado na área do Português foi “A Coragem de uma mulher do Povo – A História da Padeira de Aljubarrota”, de José Jorge Letria.

Os objetivos a atingir com a esta aula ao nível da compreensão oral foram:

- Apropriar-se de novos vocábulos;
- Descobrir pelo contexto o resultado das palavras desconhecidas;
- Leitura;
- Escrever um texto respeitando a sua estrutura;

Registo, ainda, as seguintes experiências de aprendizagem:

- Compreender o texto;

- Escrever, na parte final do guia de estudo, as partes do texto que acharam mais importantes relativas à história. Estas anotações ajudaram a escrever o reconto da lenda.

O texto foi lido em voz alta e lentamente, para que as crianças tivessem tempo de efetuar as suas anotações. Sempre que foi necessário, parei a leitura para esclarecer dúvidas e dar tempo á escrita.

Abaixo indico um exemplo de um reconto.

Reconstrução da história / lenda da padaria de Aljubarrota

O nome da padaria de Aljubarrota era Brito de Albarosa, uma mulher forte, valente e muito destemida. Ela nasceu no Algarve e os seus pais tinham uma taberna. Aquela mulher tinha cabelos negros, uma boca grande e conta a lenda que ela tinha seis dedos em cada mão.

Quando os seus pais morreram, D. Brito tornou-se ferreiro e vendia a taberna dos pais. Com o ferreiro ela viajou pelo mundo, até que um dia foi castela, e o seu barco foi arrebitado por homens africanos. Eles prenderam-na e venderam-na como escrava a um africano muito rico. Infelizmente, D. Brito de Albarosa conseguiu fugir de África e refugiou-se em Aljubarrota, em Portugal. Ela comprou uma padaria e casou-se com um lavrador.

Em 1385, perto da sua casa, aconteceu a Batalha de Aljubarrota comandada por D. Nuno Álvares Pereira. Ela queria participar na guerra, mas não podia ir à batalha, os castelhanos estavam a perdê-la. Então sete deles refugiaram-se no forno da padaria da D. Brito. Quando ela chegou mandou-os esboçar, mas não foi, a mulher pagou na pé de calo com o pão no forno e deu-lhes uma tarefa, até morrerem. Depois D. Brito reuniu algumas mulheres e disse-lhes para pagarem em qualquer coisa e mataram os castelhanos que estavam escondidos noutros lugares.

Por toda a vida, a história de D. Brito de Albarosa tornou-se lenda de Portugal.

Figura 49: Exemplo de um “Reconto” realizado por uma criança

Área curricular: Matemática

Tal como a área curricular de português é fulcral para a comunicação dos indivíduos, também a área de matemática se reveste de uma indiscutível relevância. Creio que todos concordamos que, durante o nosso dia-a-dia, a usemos em variadíssimos contextos.

A atividade de matemática referente a esta semana consistiu na colocação da hipótese/premissa de que, certamente, Nuno Álvares Pereira usou a matemática para saber quantos homens precisava para desenvolver as suas táticas de guerra, nomeadamente para saber quantos soldados precisaria para desempenhar determinada tarefa. O problema abaixo escrito é exemplo da importância desta unidade curricular.

Nome: Mateus Nº 19

Em 1385, os Portugueses derrotaram os Castelhanos na Batalha de Aljubarrota. Apesar de se apresentarem em grande inferioridade numérica, serviram-se de boas táticas de defesa para obrigarem os soldados Castelhanos a retirar. Na preparação da sua defesa os Portugueses construíram "covas de lobo".

Sabendo que:

- O exercito Português era constituído por cerca de 10 000 soldados;
- Para cada cova de lobo eram necessários dois soldados;
- Cada cova de lobo demorou ^{30 min} meia hora a construir.

No final de duas horas, quantas covas de lobo tinha o exercito Português construídas a sua defesa na batalha? Apresenta todos os cálculos.

$10000 : 2 = 5000$ (covas de lobo que foram feitas)
 $5000 \times 4 = 20.000$

$$\begin{array}{r} 5000 \\ \times 4 \\ \hline 20000 \end{array}$$

1 cova = 30 min
 2 covas = 1 h
 3 covas = 1,30 h
 4 covas = 2 h

R: Os portugueses fizeram em 2 horas
 20.000 covas de lobo.

Figura 50: Exemplo de um exercício de matemático relacionado com a História de Portugal.

A turma conseguiu elaborar uma resposta rapidamente, sendo que alguns alunos conseguiram chegar ao valor sem fazer cálculos auxiliares, explicando o seu raciocínio de modo eficaz.

No que respeita à área das expressões, realizaram a caravela portuguesa sobre tela com recurso a materiais tridimensionais, como se pode verificar nas imagens abaixo:





Figura 51: Etapas da construção da tela com a Caravela Portuguesa

À semelhança do que fiz em relação à semana anterior, os objetivos referentes ao guia de estudo serão discriminadas no início de cada exercício.

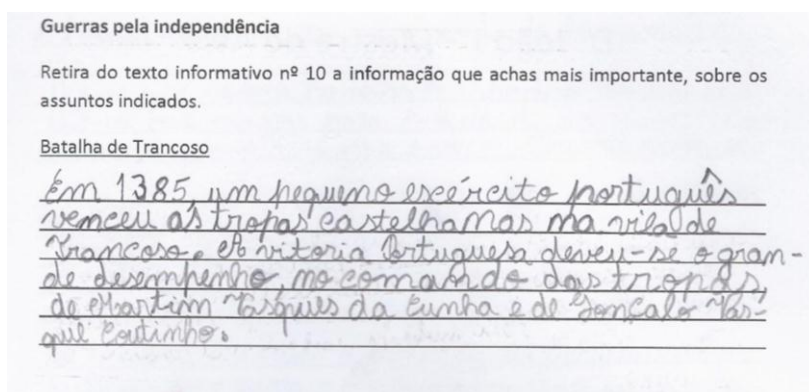
A primeira parte do guia de estudo refere-se as guerras pela independência.

Nesta altura o condado portugalense estava prestes a ser governado pelos castelhanos devido às más decisões de D. Leonor Teles, que se orientava pelo conde Andeiro, conselheiro galego. Acreditou que o seu genro D. João I de Castela a ajudasse na defesa contra os portugueses que não a queriam como governante.

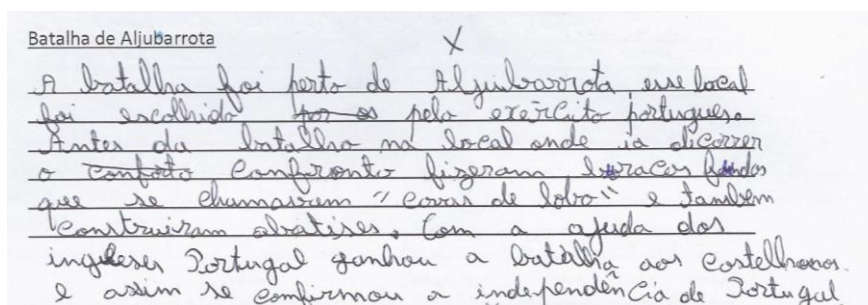
Nesta altura já havia rei, D- João I. No entanto, o rei de Castela não se conformou com a decisão do Dr. João das Regras e várias vezes invadiu o Condado.

Para a realização destas questões fizemos leitura em voz alta e comentámos os textos. Sempre que foi necessário, para perceberem a História, recorri ao teatro improvisado, ou seja, transformava o texto em questão em teatro. Após a leitura do texto de cada batalha pedi que fizessem o exercício relativo a cada uma delas, retirando do texto as partes mais relevantes.

Abaixo faculto exemplo desses textos.



Texto 1: Descrição da Batalha de Trancoso



Texto 2: Descrição da Batalha de Aljubarrota 1

X Batalha de Aljubarrota

Os castelhanos reuniram um poderoso exército entre 20.000 e 30.000 homens. Os portugueses tinham cerca de 10.000 homens. Os portugueses ganharam a batalha graças a alguns obstáculos naturais que se situavam entre os dois campos de batalha. No lado de Castela os aliados eram os franceses. Do lado português os aliados eram os ingleses.

Texto 3: Descrição da Batalha de Aljubarrota 2

No caso da Batalha de Aljubarrota coloquei dois exemplos, pois embora tratem a mesma batalha completam-se.

X Batalha de Valverde

De Nuno Álvares Pereira, já para ter a certeza que os castelhanos não voltavam a invadir Portugal, limitou-se a Castela, perto de Olivença. Os exércitos eram muito diferentes, mas mesmo assim Portugal ganhou, mesmo tendo um exército pequeno.

Texto 4: Descrição da Batalha de Valverde

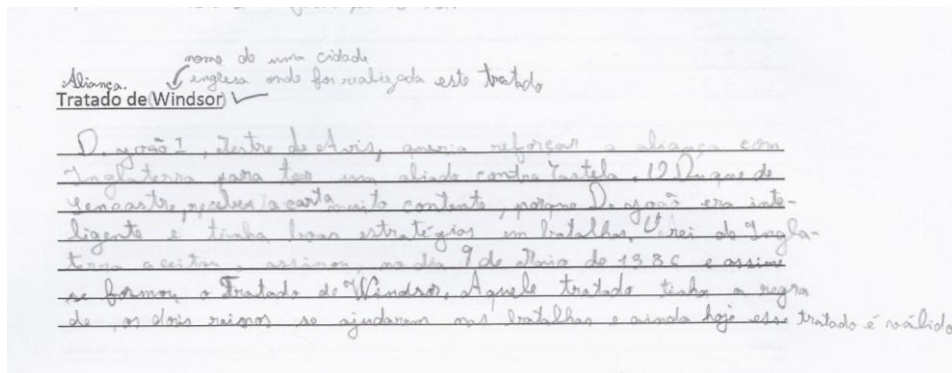
Implementei a mesma estratégia (a explicação da existência de uma nova sociedade e para o tratado de Windsor).

Nova Sociedade ✓

As aulas ao longo do ano I de Portugal decidia quem pensava quem a oposição à legislação da a parte da nobreza. As terras e os cargos que pertenciam à antiga nobreza. As terras das restantes coisas, a uma parte dos habitantes, tinham-as concedido ao rei. O rei também

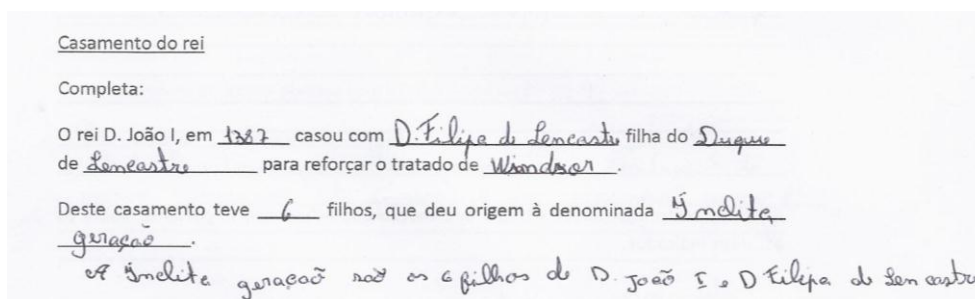
fundou a Casa dos Vinte e Quatro que servia para a povo reclamar das suas profissões em quém se dirigia ao juiz do Povo que transmitia a informação ao rei.

Texto 5: Descrição da constituição da Nova Sociedade



Texto 6: Descrição da constituição do Tratado de Windsor

O exercício seguinte refere-se ao casamento de D. João, Mestre da Ordem de Avis com Filipa de Lencastre, acontecimento que reforça o tratado de Windsor.



Texto 7: Casamento do rei

Também é visível nesta imagem os apontamentos que as crianças iam fazendo durante as aulas. Nesta altura, alguns já os faziam autonomamente, enquanto a outros ainda era necessário dizer para o fazer.

Durante a realização do guia de estudo, questionei-me se devia falar tão pormenorizadamente sobre a expansão ultramarina, uma vez que alguns dos conteúdos abordados já iam para além o que era pedido para o 1º ciclo. Após refletir sobre este aspeto, decidi arriscar, porque, afinal, havia interesse por parte das crianças.

Expansão Ultramarina

Quais as razões para os portugueses serem os primeiros na expansão ultramarina?

Os motivos para os portugueses serem os primeiros na expansão ultramarina são: condições geográficas: Portugal tinha por si uma longa costa marítima. Condições técnicas e científicas: Portugal tinha pessoas com bons conhecimentos sobre navegação. Condições políticas: Portugal era o único reino europeu com estabilidade política. Estabilidade política, na sequência de crise de 1383-85 e com as suas fronteiras definidas, além de que tinha uma sociedade estruturada e com ambições a vários níveis.

Texto 8: Descrição da Expansão Ultramarina

Indica alguns motivos para a expansão ultramarina

Os motivos para a expansão ultramarina são:

- 1 - Falta de dinheiro;
- 2 - Não podiam aumentar o território;
- 3 - Falta de metais preciosos;
- 4 - Falta de especiarias;
- 5 - Rotas de comércio do norte de África;
- 6 - Desejava aumentar os seus rendimentos/dinheiro;
- 7 - Dignidade / apresentava-se como defensor da fé;
- 8 - Desejava tinha uma oportunidade de expandir o cristianismo.

Texto 9: Descrição dos motivos da Expansão Ultramarina

A conquista de Ceuta era muito importante para os portugueses. Porquê?

A conquista de Ceuta era muito importante para os portugueses, porque possuía muito comércio, riqueza e podia-se expandir o cristianismo / fé de Cristo.

Texto 10: Descrição da Conquista de Ceuta

Descoberta do Arquipélago da Madeira

Quando foi a descoberta da Madeira, após a conquista de Ceuta, dois navegadores portugueses, João Gonçalves Zarco e Tristão da Cunha, foram surpreendidos por uma tempestade, ao regressar a Portugal, e foram obrigados a parar numa ilha do litoral Atlântico. Quando regressaram a Portugal e mencionaram a notícia, eles não foram acreditados à ilha, mas no ano seguinte foram um grupo de cinquenta homens a descobrir a ilha e dar-lhe o nome de Madeira pela sua enorme madeira.

Texto 11: Descrição da Conquista de Ceuta

Como foi organizada a colonização das ilhas de Porto Santo e da Madeira?

A colonização das ilhas de Porto Santo e da Madeira foi dividida em capitânicas - donatárias, sob a administração de

capitães - donatários, que tinham de defendê-las, povoá-las e explorá-las economicamente. Uma em Funchal, outra em Machico e outra em Porto Santo foram dadas por alguns cabanos do Algarve, entre D. João e D. João II. E alguns estrangeiros

Quem comandou a expedição que descobriu o Arquipélago dos Açores?

Quem comandou a expedição que descobriu o Arquipélago dos Açores foi Diogo Silves.

Quais foram as atividades desenvolvidas nos Açores?

As atividades desenvolvidas nos Açores foram: a mineração de prata; produção de vinho e também as plantas tintórias como a urzela e o pastel.

O que acontecia ao lucros obtidos com estas atividades?

Os lucros obtidos com estas atividades foi serviam para construir navios e para o prosseguimento da expansão marítima.

Texto 12: Colonização e descoberta das ilhas da Madeira e Açores

3.1.5. Método de recolha de dados

Para a realização e recolha de dados, utilizei suporte digital, como máquina fotográfica e câmara de vídeo, e escrito, diário de bordo, bem como guiões de atividade, onde as crianças colocaram apontamentos ou informação que achassem importante e definições.

Porém, perdi parte dos vídeos, uma vez que não ficaram audíveis, ou com muitas falhas. Deste modo, tive de me suportar mais no diário de bordo e nos apontamentos realizados nas grelhas de observação.

4.1. Análise de resultados

Devemos avaliar não só no final do projeto, mas ao longo deste, para, assim, termos o seguimento da evolução de cada aluno. Este desenvolvimento foi notável no decorrer das aulas. Desde a estranheza inicial de ter vários textos para procurar a informação à dificuldade em retirar o essencial de cada texto e de se situar no tempo, foi possível chegar, por fim, a um ponto em que—eles mesmo procuravam informação sobre os assuntos abordados, efetuando, até, pesquisas na internet ou levando livros para ler nas aula e confrontar ideias.

O Ministério da Educação promulgou algumas leis que regulam a avaliação, a fim de certificar as competências adquiridas pelos alunos ao longo da vida escolar/académica. Porém, devemos ter em conta não só a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento das capacidades e atitudes através do “Saber/Fazer” e “Saber/Ser”. Na turma em questão, houve algumas situações problemáticas e certos conflitos que necessitaram da intervenção da professora titular para que se conseguissem resolver. Não no decurso—das minhas intervenções, mas no que diz respeito a algumas atitudes tidas no recreio com alunos de outras turmas e da mesma turma, situações/gestos que devem ser consideradas na avaliação da capacidade de socialização de cada aluno, ou da forma como estes reagem aos comportamentos do outro em sociedade. O professor não é apenas aquele que ensina conteúdos. Este contribui também para a formação de cidadãos responsáveis pelos seus atos em sociedade, devendo este saber quando deve intervir para a resolução de problemas, para além das aulas propriamente ditas.

De acordo com Mendonça, A. “*A avaliação tem vindo a ter um papel fundamental nas reformas das práticas pedagógicas.*” (Mendonça, 2012, p. 32) No entanto, não deve ser desvalorizada a metodologia do professor. Este tem de analisar e refletir as suas práticas, não só mas também através dos resultados do seu público-alvo, no meu caso uma turma do 4º ano.

Segundo Zabala (2001,p. 194) in (Mendonça, 2012, p. 34) é necessário “*a utilização de formas de ensino totalmente abertas, em que as próprias tarefas, a organização grupal e as relações professor aluno, permitam um conhecimento constante do grau de aproveitamento*

realizado". Deste modo, o professor irá perceber se a estratégia adotada é a mais eficaz para a sua turma, ou se é necessário mudar a estratégia de ensino.

Confesso que este foi um aspeto sobre o qual refleti muito, pois tendo em conta a idade e a possível abertura da turma para um trabalho de pesquisa e análise como este, tive receio por várias vezes se a estratégia que estava a utilizar em cada momento era a mais eficaz. Foi necessário algumas vezes mudar de estratégia ao longo da aula. Para as crianças, era, por vezes, complicado perceber alguns aspetos da vida real dos reis. Isto deve-se também ao facto da leitura de contos em que o rei tem poder para decidir e fazer, de certa forma, o que quer, e ninguém intervém nas decisões deste. Ora, na História, não é bem assim. É-lhes mostrado outra realidade, em que o rei não decide tudo sozinho, tem conselheiros, há interesses noutros reinos, tem de pensar bem o que vai fazer e como vai fazer para a resolução de um determinados problemas, tem de escolher aliados, sendo estes pessoas do seu reino ou de outros reinos que o possam ajudar em caso de guerra. Estes aspetos mostraram-se um pouco controversos para o modo como as crianças viam os reis. Este aspeto que fez despertar interesse em saber mais. No caso de D. Afonso Henriques, ficou visto na turma como um homem lutador, que combateu pelo seu sonho e de seu pai D. Henrique em tornar o Condado Portucalense num reino independente. Foi E um grande conquistador. No caso de D. Fernando, o que suscitou mais interesse e indignação foi o caso das três Leonores. Chamaram-lhe inicialmente "namorado". E não percebiam por que razão ele não podia casar com quem ele queria, se era rei... Causaram algum mau estar e indignação as atitudes da rainha Leonor Teles, após a morte de D. Fernando, sendo esta alvo de alguma críticas por parte da turma. Já no caso de D. João I, Mestre da Ordem de Avis, entusiasmaram-se muito pelas guerras com Castela e pelas táticas de guerra utilizadas pelo Condestável Nuno Álvares Pereira.

4.2. Avaliação do Projeto - O ponto de vista dos alunos

No final da minha última intervenção ou da implementação do meu projeto, pedi aos alunos que escrevessem sobre o projeto, que fizessem a sua avaliação. Para lhes facilitar a tarefa, dei orientações, para que a fizessem em três partes distintas. Na primeira parte, pedi que explicassem o que aprenderam sobre os reis. Na segunda, pedi para que dissessem o que fizeram. Para tal, foram dizendo e escrevendo no quadro alguns verbos que os ajudaram a

relembrar o que foi efetuado ao longo do projeto. E, por fim, na terceira, pedi que dessem a sua opinião sobre o projeto.



Figura 52: Opinião das crianças sobre o projeto realizado

Estivemos a desenvolver um projeto sobre a História de Portugal

Lemos e comparamos os textos do nosso livro (manual) com textos informativos de outros livros.

1ª Parte

Aprendemos muitas coisas:

Sobre D. Afonso Henriques:

“Foi o primeiro rei de Portugal, casou com D. Mafalda e lutou contra os castelhanos.”

(Alexandre, 9 anos)

“Os cruzados, quando iam para as lutas usavam uma cruz ao peito”

“D. Teresa casou com D. Henrique e tiveram o D. Afonso Henriques.”

“D. Afonso Henriques reinou durante muito tempo, até lhe deram o cognome O Conquistador.” (Bárbara, 9 anos)

D. Afonso Henriques foi o Primeiro rei de Portugal, fez muitas batalhas. Uma delas chamava-se a cinco chagas de Cristo (Batalha de Ourique²⁵), porque se D. Afonso

²⁵ Consultar página 23.

ganhasse a batalha pedia que fizessem uma bandeira com as cinco chagas de Cristo.”

(Flávia, 9 anos)

“D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal o seu cognome era o conquistador porque não devia lutar nas guerras simplesmente devia estar sentado no seu trono, mas não, ele era valente.” (Gonçalo, 9 anos)

“D. Afonso Henriques deu o nome ao nosso país de Portugal, conquistou muitas cidades, teve muitas batalhas, teve muitos problemas para ser rei.” (Helena I., 9 anos)

“D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal. No seu reinado houve a reconquista cristã. No século XI houve o casamento dos seus pais. Travaram a batalha de S. Mamede que foi com a sua própria mãe. O Tratado de Zamora, Batalha de Cerneja, casamento de D. Afonso Henriques.” (Hugo, 9 anos)

“D. Afonso Henriques foi o rei que viveu mais tempo. Chamaram-no o conquistador.” (Leandro, 9 anos)

“D. Afonso Henriques: o seu cognome foi o Conquistador, porque conquistou muitas terras, foi ele quem conquistou as terras de Portugal.” (Leonor, 9 anos)

“D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal, teve a batalha de S. Mamede, a batalha de Cerneja, a Paz de Tui, assinou o tratado de Zamora, casou com D. Mafalda de saboia e teve a batalha de Ourique.” (Maria, 9 anos)

“D. Afonso Henriques conquistou (quase todo o território que Portugal tem) Portugal, menos o Algarve.” (Francisco, 9 anos)

“D. Afonso Henriques conquistou várias terras, tornou Portugal independente, ganhou contra cinco reis mouros, casou com D. Mafalda. Lutou contra a sua mãe na batalha de S. Mamede.” (Manuel, 9 anos)

“Conquistou várias cidades, o cognome era conquistador, Casou com D. Mafalda e teve um filho chamado D. Sancho I.” (Matilde, 9 anos);

“Foi o primeiro rei de Portugal, conquistou muitas terras, deu a independência a Portugal.” (Miguel, 9 anos)

“D. Afonso Henriques foi o conquistador, o primeiro rei de Portugal, pôs Portugal independente, até o conquistar não desistiu, criou a primeira dinastia. (Nali, 9 anos)

Sobre D. Fernando:

D. Fernando “Era formoso, belo casou com D. Leonor Teles.

Casou a sua única filha com o rei de Castela e podíamos perder a independência.”

(Alexandre, 9 anos)

D. Fernando casou com D. Leonor Teles e fizeram uma grande asneira. Casaram a sua filha D. Beatriz com o rei de Castela.” (Bárbara, 9 anos)

“D. Fernando um dia decidiu casar a sua única filha D. Leonor (D. Beatriz), com o rei de Castela e ele não sabia que estava a por a independência em perigo, porque se ele casasse a sua filha com um rei de Castela, Portugal passava a ser de Castela mas houve uma batalha em que a sua filha perdeu e Portugal continuou com a sua independência.”

(Flávia, 9 anos)

“D. Fernando era um grande formoso e gostava de muitas mulheres conhecia uma, mas via a outra mais gira e queria a mais gira. Ganhou muitas batalhas (D. Fernando perdeu todas as batalhas contra Castela) e era bem vestido, etc. (Gonçalo, 9 anos)

“D. Fernando casou com D. Leonor Teles, construiu a companhia das Naus, desenvolveu o comércio.” (Helena I., 9 anos)

“D. Fernando fundou a Companhia das Naus, a Lei das Sesmarias e construir grandes embarcações.” (Hugo, 9 anos)

“D. Fernando casou com D. Leonor Teles.” (Leandro, 9 anos)

“D. Fernando casou com D. Leonor Teles, teve uma única filha D. Beatriz. Casou-a com um rei castelhano. Portugal ia perder a independência.” (Leonor, 9 anos)

“D. Fernando inventou a Companhia das Naus, fez a aliança anglo-portuguesa, casou com D. Leonor Teles, teve três guerras com Castela e perdeu-as todas.” (Maria, 9 anos)

“D. Fernando casou a sua única filha com o rei de Castela”; (Francisco, 9 anos)

“D. Fernando tinha dois casamentos prometidos com Leonor de Lencastre e Leonor de Castela e não casou com nenhuma delas, foi com Leonor Teles. Fez quase Portugal perder a independência. Criou a Lei das Sesmarias, porque não queria ver o povo a pedir esmola.” (Manuel, 9 anos)

“O seu cognome era Formoso, porque era elegante, bem constituído. Casou com D. Leonor Teles e teve uma filha, D. Beatriz.” (Matilde, 9 anos)

“Era muito namoradeiro, casou com Leonor Teles. Portugal quase perdeu a independência por ele ter casado a sua filha com o rei de Castela.” (Miguel, 9 anos)

“D. Fernando foi o último rei da primeira dinastia, o seu cognome era formoso, ele casou com D. Leonor Teles e teve vários filhos²⁶, mas só sobreviveu D. Beatriz que casou com o rei de Castela. (Nali, 9 anos).

“O seu cognome era o Conquistador porque vários reinos foram conquistados por ele, até rezou a Deus na luta contra os cinco reis mouros e Deus deu-lhe força para ganhar.” (Pedro, 9 anos)

“D. Fernando, os eu cognome era O Formoso graças à sua aparência física, mas a formosidade não tinha nada a ver com a aparência psicológica.” (Pedro, 9 anos)

²⁶ D. Pedro, nasceu por 1370 e D. Afonso, nasceu por 1371 morreram de tenra idade.

Sobre D. João I – Mestre da Ordem de Avis:

D. João I, Mestre da Ordem de Avis *“Matou o Conde Andeiro, era irmão bastardo de D. Fernando e casou com D. Filipa de Lencastre.”* (Alexandre, 9 anos)

D. João I casou com D. Filipa de Lencastre e tiveram 6 filhos, D. Henrique, D. Pedro, D. Duarte, D. Isabel, D. João e D. André (em vez de D. André o nome correto é D. Fernando).

Aconteceu a batalha de Atouros com a técnica do quadrado” (Bárbara, 9 anos)

“D. João I casou com D. Filipa e teve 6 filhos, eles eram muito famosos pela sua educação e o seu filho D. Henrique sabia muitas coisas que tinham a ver com o mar”. (Flávia, 9 anos)

“D. João I cognome O de Boa Memória educou os seus filhos, era sincero.” (Gonçalo, 9 anos)

“D. João I Mestre de Avis ganhou a batalha de Aljubarrota, Trancoso e Valverde, Casou com Filipa Lencastre.” (Helena I., 9 anos)

“D. João I casou com Filipa de Lencastre. Assinou a aliança entre Portugal e Inglaterra. Conquistou a cidade de Ceuta, etc.” (Hugo, 9 anos)

“D. João I Mestre de Avis chamaram-no O de Boa Memória; foi aclamado defensor e regedor do reino.” (Leandro, 9 anos)

“D. João I Mestre de Avis foi o primeiro rei da segunda dinastia, chamada dinastia de Avis ou Joanina. Foi um rei muito bom, foi ele que matou o conselheiro da D. Leonor Teles (mulher de D. Fernando), o conde Andeiro.” (Leonor, 9 anos)

“D. João I Mestres de Avis matou o Conde Andeiro, teve a batalha de Atoleiros, a de Aljubarrota, a de Trancoso e a e Valverde. Começou uma nova dinastia, casou com D. Filipa de Lencastre, os eus filhos são a Ínclita Geração, fizeram descobertas, inventou as caravelas.”
(Maria, 9 anos)

“D. João I era filho bastardo de D. Pedro, mas era a única esperança para Portugal. Conquistou Ceuta.” (Francisco, 9 anos)

“D. João I casou com Filipa de Lencastre e teve seis filhos que todos juntos chamavam-se a Ínclita Geração. Ganhou contra os castelhanos nas batalhas de Valverde, Aljubarrota, Trancoso e Atoleiros com a tática do quadrado.” (Manuel, 9 anos)

“D. João I era o mestre de Avis, acreditava na Fé de Cristo.” (Matilde, 9 anos)

“Venceu muitas vezes os castelhanos em guerras e confirmou a independência na batalha de Aljubarrota, usando as covas de lobo.

Batalha de Trancoso; os portugueses dominaram e venceram os castelhanos com a tática do quadrado; (a tática do quadrado foi usada pela primeira vez na Batalha de Aljubarrota, com o comando do condestável Nuno Álvares Pereira)

Batalha de Aljubarrota: os portugueses venceram e confirmaram a independência de Portugal” (a independência só foi confirmada na batalha de Valverde, há alguma confusão com as batalhas) (Miguel, 9 anos)

“D. João I iniciou a segunda dinastia porque salvou Portugal de perder a independência”
(Nali, 9 anos).

2ª Parte

O que fizemos:

“Escrevemos textos e resumos sobre reis;

Lemos textos literários e não literários sobre o rei D. Afonso Henriques;
Lemos histórias sobre o rei F. Fernando, D. Afonso Henriques;
Desenhámos as caras dos reis e o corpo dos reis;
Cantámos canções sobre os reis de Portugal;
Pintámos os reis, pintamos castelos dos reis
Falámos sobre a primeira dinastia;
Resolvemos problemas de Matemática com o Estudo do Meio;
Pensámos felicidade quando vi o primeiro rei de Portugal;
Fizemos uma caravela e uma maqueta do Castelo de Guimarães.
Representámos um teatro sobre D. Afonso Henriques.” (Alexandre, 9 anos)

“Cantámos algumas canções sobre D. Afonso Henriques;
Senti muita alegria quando começámos a trabalhar a História de Portugal;
Penso se estivesse nesta altura como me sentiria;
Cantámos músicas sobre D. Fernando;
Comparámos os textos informativos com o manual de Estudo do Meio;
Ouvimos e vimos vídeos na internet sobre a História de Portugal;
Respondemos a muitas perguntas dos (sobre os) reis da História de Portugal;
Construímos a tela da caravela Portuguesa;
Cantámos músicas sobre D. João I Mestre de Avis;
Construímos (a maqueta do) o castelo de D. Afonso Henriques.” (Bárbara, 9 anos)

“Desenhámos muitas coisas sobre os reis;
Lemos textos informativos e lemos no nosso livro de Estudo do Meio sobre D. Afonso
e outros reis;
Cantámos algumas músicas sobre os reis de Portugal;
Falámos sobre alguns reis, batalhas e outras coisas.” (Flávia, 9 anos)

“Construímos uma maqueta de um castelo;
Refletimos sobre os reis e as rainhas;
Pensámos nos reis;
Fizemos peças de teatro;

*Escrevemos textos sobre eles e histórias, não os esqueceremos;
Imaginámos D. Leonor Teles;
Desenhámos D. Afonso Henriques e outros reis de Castela;
Cantámos músicas sobre os reis.” (Gonçalo, 9 anos)*

*“Escrevemos textos sobre os reis;
Lemos textos informativos sobre reis;
Desenhámos reis e rainhas;
Falámos sobre os reis da primeira dinastia;
Respondemos a fichas de interpretação;
Fizemos uma maqueta sobre o castelo de Guimarães;
Pensámos nos reis que aprendemos;
Senti muito entusiasmo quando comecei a aprender a História de Portugal.” (Helena I. 9 anos)*

“Escrevemos as informações mais importantes, que retiramos dos outros textos. Lemos lendas que nos ajudaram a desenvolver a nossa aprendizagem de forma divertida. Construímos maquetas e uma Caravela Portuguesa. Sentimos as emoções das batalhas. Imaginámos o que se passava naquela altura. Comparámos textos lidos. Falámos sobre aquilo que aprendemos. Respondemos nas fichas de final de semana. Cantámos poesias e canções sobre os reis que aprendemos. Resolvemos problemas à base do que aprendemos. Vimos vídeos de alguns reis de Portugal. Pintámos a Caravela Portuguesa.” (Hugo, 9 anos)

*“Escrevemos textos e histórias sobre os reis;
Lemos textos informativos e histórias;
Desenhámos a batalha e os reis;
Falámos sobre as batalhas e a vida dos reis;
Respondemos a perguntas sobre o que aconteceu na História de Portugal;
Perguntámos coisas sobre batalhas, os reis, os nomes dos reis;
Representámos a batalhas e casamentos...;
Fizemos teatros, resumos, histórias e textos;
Sentimos muita adrenalina, vontade de estar nas batalhas...;*

Pensámos como seria aquele tempo, como seria estar nas batalhas ao lado dos portugueses...;

Vimos filmes sobre as batalhas, sobre os reis e seus reinados;

Construímos placards, castelo e caravela portuguesa.” (Leandro, 9 anos)

“Escrevemos muitas anotações sobre o que falamos;

Lemos textos informativos sobre reis D. Afonso Henriques, D. Fernando e D. João I;

Desenhámos reis e rainhas de Portugal;

Falamos sobre guerras, tratados, batalhas, etc.;

Respondemos aos guias de auxílio, a questionário, fichas etc.;

Representámos teatros e canções sobre os reis e rainhas de Portugal;

Comparámos textos informativos com o manual;

Fizemos uma maquete sobre o castelo de Guimarães (pertencia a D. Teresa, mãe de D.

Afonso Henriques) e uma tela com a caravela portuguesa;

Vimos e escutamos filmes sobre opiniões de pessoas e filmes de batalhas;

Pensámos nos reis que aprendemos;

“Sentimos entusiasmo e um pouco de tristeza, porque há muitas mortes.” (Leonor, 9 anos)

“Escrevemos informações para percebermos as partes que não percebemos;

Lemos textos informativos para sabermos mais coisas;

Desenhámos o que aprendemos;

Cantámos canções divertidas sobre alguns reis;

Pintámos caravelas e desenhámos para o estudo ser divertido.” (Maria, 9 anos)

“Escrevemos textos sobre a História de Portugal;

Lemos textos informativos sobre a História de Portugal;

Desenhámos a morte do Conde Andeiro;

Construímos uma maquete do Castelo de Guimarães e a Caravela Portuguesa;

Imaginámos o D. Afonso Henriques contra os cinco mouros;

Cantámos músicas sobre os reis de Portugal;

Falámos sobre D. Fernando;
Respondemos ao guia de auxílio;
Comparámos a informação do manual com s textos informativos;
Sentimo-nos muito contentes por aprender mais coisa sobre a História de Portugal;
Refletimos ao ler a História do passado;
Perguntámos à professora dúvidas;
Fizemos um friso cronológico;
Resolvemos problemas sobre o passado.” (Manuel, 9 anos)

“Escrevemos o que aconteceu sobre as batalhas (de Aljubarrota, Atoueiros, Ourique);
Lemos lendas de reis, rainhas e padeiras;
Desenhámos reis, batalhas, castelos e princesas;
Cantámos canções sobre reis e rainhas;
Falámos de batalhas, reis, castelos (dar a nossa opinião);
Respondemos a questionários sobre os reis;
Perguntámos as nossas dúvidas à professora;
Representámos teatros sobre D. Afonso Henriques;
Sentimos muita adrenalina” (Francisco, 9 anos)

“Escrevemos coisas que falamos;
Lemos textos informativos;
Desenhámos a caricatura do rei D. Fernando;
Falámos sobre povos, casamentos, reis, costumes, cognomes...;
Perguntámos coisas para perceber o que se passou e o que queriam...;
Representámos a vida dos reis, com quem se casaram, o que gostavam de fazer...”
Fizemos trabalhos manuais como a caravela portuguesa e o castelo;
Pensámos como seria fixe viver naquela época;
Sentimos emoção e entusiasmos ao ler a vida dos reis” (Matilde, 9 anos)
“Falámos sobres os reis e textos informativos;
Respondemos a perguntas e a opiniões diferentes;
Dialogámos sobre o texto lido e sublinhar a informação (saber estudar);
Representámos teatros, poesias, canções;

*Fizemos moldes, desenhos e pinturas;
Pensámos em teatros, canções, textos, em mortes e em adrenalina;
Construímos a caravela;
Ouvimos histórias e canções” (Miguel, 9 anos)*

“Escrevemos em guia de auxílio, avaliação intermédia, resumos sobre o que aprendemos, textos...; Lemos os resumos, textos informativos, respostas de algumas perguntas feitas no livro de Estudo do Meio; Comparámos os textos informativos com o livro de Estudo do Meio; Falámos do que aprendemos, Fizemos teatros e um friso cronológico; Cantámos músicas sobre os reis.” (Nali, 9 anos)

*“Escrevemos textos de reis de Portugal (D. Afonso Henriques, D. Fernando...)
Lemos biografias/textos informativos sobre reis de Portugal;
Vimos filmes de reis de Portugal no retroprojektor;
Resolvemos problemas de matemáticos relacionados com Estudo do Meio;
Desenhámos reis de Portugal” (Pedro, 9 anos)*

3ª Parte

A minha opinião sobre este projeto de História.

*“Eu acho que aprendi muito bem os reis D. Fernando, D. Afonso Henriques e D. João I.”
(Alexandre, 9 anos)*

“Eu acho que este projeto foi muito bom para nós, porque ficamos a saber mais sobre a História de Portugal e também ficamos a saber ainda melhor com os teatros. Adorei este projeto.” (Bárbara, 9 anos)

“A minha opinião sobre este projeto de História é boa, porque aprendi quem foi o primeiro rei e muitas coisas sobre o meu país.” (Flávia, 9 anos)

“Eu acho que este projeto foi muito bom, pois verificamos, aprendemos e não nos esqueceremos. Representamos e relembramos.” (Gonçalo, 9 anos)

“Eu acho que este projeto da História de Portugal foi espetacular, porque aprendi melhor e gosto de aprender coisas novas.” (Helena I, 9 anos)

“Eu acho que foi muito divertido. Chegava a casa e dizia à minha mãe tudo o que tinha aprendido. Aprendi, mesmo, mesmo muito com o vosso projeto. Obrigada pelo esforço que fez, para que nós aprendêssemos. Diverti-me muito a aprender. (Hugo, 9 anos)

“Foi uma boa ideia, aprendemos muitas coisas e ao compararmos os textos informativos com o manual aprendemos ainda melhor.” (Leandro, 9 anos)

“Eu acho que com este trabalho e com os projetos que andamos a fazer aprendemos muito sobre reis e rainhas de Portugal, batalhas, etc.

Eu gosto de aprender e quando aprendo fico a saber o que se passou no sítio e no país onde vivemos.” (Leonor, 9 anos)

“Eu acho que este projeto da História de Portugal foi muito engraçado e divertido, adorei aprender desta maneira a fazer pequenos teatros, a ler textos informativos, a construir coisas, aprendi imenso, também construíram o friso cronológico.” (Maria, 9 anos)

“Eu acho que aprendi muito sobre a História de Portugal.” (Manuel, 9 anos)

“Eu acho que este projeto sobre História de Portugal me fez aprender muitos sobre a vida dos reis.” (Francisco, 9 anos)

“Eu acho que é interessante, porque ficamos a saber mais e é mais fixe do só ler livros.” (Miguel, 9 anos)

“Eu acho que correu muito bem e aprendemos muitas coisas só que já nos esquecemos de alguns estudos e que vamos ter de relembrar. Foi muito divertido (...)” (Nali, 9 anos)

“A minha opinião sobre este projeto de História de Portugal é que agora não vou dificuldade sobre os reis.” (Pedro, 9 anos)

A unidade curricular Prática de Ensino Supervisionado II ajudou-me enquanto futura profissional da educação a desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem e práticas pedagógicas. Para tal, passei por várias etapas, formando e reformulando pensamentos e estratégias. Este foi um processo contínuo ao longo da prática supervisionada, procurando melhorar o meu desempenho enquanto futura professora. Esta foi a primeira vez que entro em contato com o 1º ciclo, com implementação de atividades. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois sinto que aprendi muito, no ambiente educativo em que estive inserida. Tomei consciência do que é ser professor e da sua real responsabilidade. É fundamental que um professor esteja sempre preparado para imprevistos, ou seja, mesmo quando temos as atividades bem planeadas as crianças podem-nos surpreender com perguntas, ou então depararmo-nos com o facto da estratégia que tínhamos pensado desenvolver não estar a resultar. Pelo que o professor tem de ser perspicaz e rapidamente realizar uma outra estratégia mais vantajosa.

O trabalho realizado no decorrer do estágio fez-me refletir no quotidiano escolar e observar com mais atenção esse contexto particular. No decorrer das primeiras semanas de observação, pude constatar o quão difícil é gerir uma turma que, tendo vinte de cinco crianças, tem ainda uma com necessidades educativas especiais. Note-se que a maior parte do tempo a professora cooperante está sozinha a turma. Esta era uma situação em que pensei bastante, principalmente. No decorrer das aulas de educação especial, as professoras tinham chamado a nossa atenção para esta realidade. No entanto, é diferente ouvir falar e ver como é na realidade. Pude observar como esta conjugação pode ser realizada. Porém, tenho consciência de que só observar não chega. Havia sempre alguém para dar atenção individualizada à criança à qual me referi, pois éramos três adultos na sala de aulas. Quero com isto dizer que há aprendizagens que só as teremos ao longo da nossa vida, com a nossa prática profissional. O estágio foi apenas uma pequena amostra da realidade. Só quando tivermos uma turma à nossa responsabilidade, é que poderemos ter mais experiência. Por outro lado, ter alguém connosco nesta fase foi muito importante, pois houve orientação imediata, por vezes, até, durante a intervenção.

O projeto sobre a História de Portugal foi muito interessante, tanto para mim como para as crianças. Para mim, pois sendo normalmente conteúdos lecionados de forma “muito teórica”, obrigou-me a pensar estratégias para contrariar esta realidade, pensando formas de dinamizar; para as crianças, porque além do interesse demonstrado pelo conhecimento da História do nosso país, realizaram aprendizagens com materiais e estratégias diversificadas. Tudo o que foi pensado e repensado para que as crianças tivessem aprendizagens significativas, não tendo em aula um ambiente monótono, uma vez que as aulas exigiram bastante tempo de leitura. Optei por continuar as aprendizagens em outras áreas curriculares e a área das expressões foi uma delas. Nesta aula, ponderam realizar desenhos com a legenda de parte da História que escolheram. Durante a realização da maqueta e da caravela foram explorados os castelos e o que existia e para que servia. O mesmo aconteceu em relação à tela com a caravela, para a realização desta pedi que realizassem pesquisas na internet.

Nesta sequência, posso dizer que a área das tecnologias foi também um recurso mobilizado, respondendo aos gostos e aos interesses das crianças.

Tudo, no meio educativo, deve ser pensado, tendo em conta as crianças, os seus desejos e necessidades. Nesta instituição, estava tudo muito bem organizado, desde materiais, a distribuição das crianças pelos salões em tempo de chuva. O pessoal não docente faz um trabalho organizado, tendo horários específicos para tudo. Esta organização dá estabilidade às crianças, pois sabem como tudo acontece para além da sala de aula. A organização da instituição permite que as crianças participem de forma estruturada, construindo assim aprendizagens através do seu envolvimento nas atividades, fomentando o espírito crítico.

Em suma, considero que a minha experiência e o projeto implementado foram muito relevantes para mim e para o grupo de alunos com quem tive a oportunidade de trabalhar. Senti naturalmente muitas limitações e dificuldades, decorrentes da tomada de consciência da necessidade pessoal de aprofundar os meus conhecimentos em vários domínios científicos. Fica, assim, a expectativa de o poder fazer nos anos vindouros e de me poder tornar uma profissional consciente, empenhada, rigorosa e capaz de se encontrar próxima dos alunos.

- Arenilla, L., Gossot, B., Rolland, M.-C., & Roussel, M.-P. (2013). *Dicionário de Pedagogia 2ª edição*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Azevedo, M. O., Freitas M. Pinto, M. I., & Azevedo Lopes, M. C. (2009). *Da Comunicação à Expressão - Gramática Prática de Português*. Lisboa: Lisboa Editora.
- Barros, T. d. (1948). *Sumário de História de Portugal*. Porto: Editora de Educação Nacional de Adolfo Machado.
- Barth, M. (n.d.). *Pensador*. Retrieved 2015 йил 09-04 from Pensador:
<http://pensador.uol.com.br/frase/NTQxODcx/>
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2012). *Metas Curriculares de Português*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Caimi, F. E. (2007 йил 27-Junho). *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História*. Retrieved 2015 йил 17-03 from 21. Tempo: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03.pdf>
- Editores, T. (2001). *A Bandeira ao longo dos séculos*. Retrieved 2015 йил 23-Novembro from Site Junior: <http://www.junior.te.pt/servlets/Rua?P=Portugal&ID=214>
- Educação, M. d. (2004). *Organização Curricular e programas Ensino*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Educação, M. d. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

²⁷As o

Obras referenciadas na bibliografia ativa constituem o *corpus* textual-base e servem, naturalmente, como pontos de partida para a exploração de outros títulos.

- Fernandes, E. (1997). *Análise Psicológica - O Trabalho cooperativo num contexto de sala de aula*. Retrieved 2015 йил 26-03 from Scielo:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v15n4/v15n4a04.pdf>
- Freitas, M. L., Solé, G. S., & Pereira, S. (2010). *Metodologias de História*. Porto: Plural Editora.
- Garralón, A. (2012 йил 21-Maio). *Leitores-pescadores e leitores-caçadores*. Retrieved 2015 йил 2-Fevereiro from Revista Emilia: www.revistaemilia.com.br/imprime.php?id=201
- Guimarães, D., Neto, H., Neto, J., & Alves, S. (2014). *Estudo do Meio 4º Ano - Projeto Desafios*. c: Santillana Constância.
- Lopes, C. F. (2001). *História Elementar e Cronológica de Portugal*. Porto: Porto Editora.
- Magalhães, A., & Alçada, I. (2001). *Portugal Histórias e Lendas*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Manfredi, S. M. (1993). *academia.edu*. Retrieved 2015 йил 07-04 from Metodologia do ensino - diferentes concepções:
http://www.academia.edu/9700768/METODOLOGIA_DO_ENSINO_-diferentes_concep%C3%A7%C3%B5es
- Marcelo, M. d. (2004). *Reis e Rainhas de Portugal - 35 Histórias*. Sintra: Edições Impala.
- Mendonça, A. M. (2012). *Instrumentos de Avaliação no Contexto do Ensino e Aprendizagem da Matemática*. Funchal, Portugal:
<http://repositorio.uma.pt/bitstream/10400.13/395/1/MestradoAdelaideMendon%C3%A7a.pdf>.
- MILLER, B. G. (2012/2013 йил Dezembro/Janeiro). Research Says/ Nonfiction Reading Promotes Student Success. *Now What?*, pp. 80-82.
- Ministério de Educación, C. y. (n.d.). *El Libro Informativo*. Retrieved 2015 йил 23-março from El Libro Informativo:
http://www.ite.educacion.es/formacion/materiales/8/cd_2013/m5_5/el_libro_informativo.html
- Moss, B., & Loh, V. S. (2012). *35 Estratégias para desenvolver a leitura com textos informativos*. Porto Alegre: Penso Editora LTDA.

Piaget, J. (1998). O Julgamento moral da criança (1977). *Sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do psicólogo.

s/n. (2013). *História de Portugal 1º e 2º Ciclo*. Porto: Porto Editora.

Sampaio, M. A. (2010 йил 28-Junho). *O primeiro rei*. Retrieved 2014 йил 20-Setembro from Youtube.com: <https://www.youtube.com/watch?v=LgSgL9ObAs0>

Sampaio, M. A. (2010 йил 28-06). *O Primeiro Rei*. Retrieved 2014 йил 12-10 from Youtube.pt: <https://www.youtube.com/watch?v=LgSgL9ObAs0>

Saraiva, P. H. (2012 йил 10-09). *A Alma e a Gente(RTP) - D. Fernando Rei Fraco Forte Gente*. From youtube.com: <https://www.youtube.com/watch?v=QHBT2yFvdAE>

Solé, G. (2009). *A História no 1º Ciclo do Ensino Básico: a Concepção do Tempo e a Compreensão Histórica das Crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*. Braga: Não editado.



Universidade do Minho
Instituto da Educação

Pedido de autorização

A intencionalidade deste pedido é requerer a autorização para que sejam tiradas fotografias aos alunos do 4º ano da turma B, da Escola E.B.1 de Nogueira, nas atividades escolares. Se forem tiradas fotografias e feitas filmagens será com o objetivo de auxiliar e demonstrar a elaboração de documentários ou trabalhos científico-pedagógicos e académicos. Desta forma, vimos por este meio solicitar o consentimento para que sejam autorizadas a fotografar e filmar os alunos.

Nº	NOME	AUTORIZAÇÃO
1	[REDACTED]	Sim
2	[REDACTED]	Sim
3	[REDACTED]	Sim
4	[REDACTED]	Sim
5	[REDACTED]	Sim
6	[REDACTED]	Sim
7	[REDACTED]	Sim
8	[REDACTED]	Sim
9	[REDACTED]	Sim
10	[REDACTED]	Sim
11	[REDACTED]	
12	[REDACTED]	
13	[REDACTED]	Sim
14	[REDACTED]	Sim
15	[REDACTED]	Sim
16	[REDACTED]	Sim
17	[REDACTED]	Sim
18	[REDACTED]	Sim
19	[REDACTED]	Sim
20	[REDACTED]	Sim
21	[REDACTED]	Sim
22	[REDACTED]	Sim
23	[REDACTED]	Sim
24	[REDACTED]	Sim
25	[REDACTED]	Sim

Autorização para recolha fotográfica:

Eu, Maria Armada Barata Portugal Duarte, professora titular da turma, informo que autorizo que as alunas Cristina Jesus Ribeiro Fernandes (PG25506) e Vera Alexandra Pessoa da Silva (PG25485), do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade do Minho, tenham acesso a:

- Fotografias do espaço;
- Fotografias das crianças;
- Gravação Áudio;
- Gravação Vídeo;
- Fotografias dos trabalhos das crianças.

Data: 21/10/2014 A Professora Titular, Maria Armada Barata Portugal Duarte



Universidade do Minho
Instituto da Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Prática de Ensino Supervisionada II (PES II)

Contexto Educativo: Escola Básica N.º 1 de Nogueira, 4º B

Data: 25 a 28 de outubro (9ª semana)

Alunas Estagiárias: Vera Alexandra Pessoa da Silva

Prof.ª Cooperante: Maria Armada Portugal Barata Duarte

Área de Conteúdo	Atividade	Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos Didáticos	Organização do Grupo	Critérios de Avaliação	
						Instrumentos	Indicadores
Terça – feira 25/11/2014							
ESTUDO DO MEIO - Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	Revisão da aula anterior, sobre a fundação do Reino Portugal; -“Somos historiadores” leitura, compreensão e comparação de textos informativos sobre D. Afonso Henriques. <ul style="list-style-type: none"> • Batalha de Cerneja; • Paz de Tui - Análise de imagens.	- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local. -Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal. - Localizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.	- Rever a aula anterior através da visualização de imagens. Em cada imagem as crianças terão de dizer uma frase explicativa; - Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte.	- Cadernos diários; - Lápis; - Borrachas; -Projeter; - Cópias do texto; -Manual; -Lápis; -Borracha.	-Individual; -Coletivo	- Observação;	- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação-Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.

PORTUGUÊS (10h-10h30)	- Leitura e compreensão do texto “A gesta de Egas Moniz”.	Compreensão oral: -Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; Leitura: Ler de modo autónomo, em diferentes suportes.	- Compreender o texto; -Perceber a importância da palavra dada; -Sublinhar palavras ou expressões do texto que não compreendam.	- Cópias do texto;-	-Coletivo	- Observação.	- Atenção; - Participação e empenho;
EXPRESSION E DUCAÇÃO PLÁTICA (11h-12h30)	- Construção de uma maquete do “castelo de Guimarães”	-Fazer a ampliação de uma imagem. - Fazer construções a partir de representação no plano (maqueta)	- Compreender como se fazem as ampliações, para ampliar o tamanho das imagens do castelo.	- Lápis; - Borrachas; -Projeto; - Cartolinas; -Cartões; -Material reciclável diverso.	- Coletivo	-Observação	- Atenção; - Validade do raciocínio matemático; - Trabalho cooperativo; - Respeito e cumprimento das regras.
Quarta- feira 26/11/2014							
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	Revisão da aula anterior, sobre a fundação do Reino Portugal; -“Somos historiadores” leitura, compreensão e comparação de textos informativos sobre D. Afonso Henriques.	- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local. -Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal.	- Rever a aula anterior através da visualização de imagens. Em cada imagem as crianças terão de dizer uma frase explicativa; - Perceber a importância dos livros informativos,	- Cadernos diários; - Lápis; - Borrachas; -Projeto; - Cópias do texto;-Manual; -Lápis; -Borracha.	-Individual; -Coletivo	- Observação;	- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação-Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e

	Batalha de Ourique; Casamento com Mafalda de Sabóia; Conquista de Lisboa e Santarém.	- Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.	nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte.				comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.
PORTUGUÊS (10h-10h30)	- Leitura e compreensão do texto “Séc. XII, nasce uma nação” Texto poético.	Leitura: Ler de modo autónomo, em diferentes suportes. - Reconhecer características essenciais do texto poético: estrofe, verso, rima e sonoridades.	- Compreender o texto; -Perceber a importância da palavra dada; -Sublinhar palavras ou expressões do texto que não compreendam.	- Cópias do texto;-	-Coletivo	- Observação.	- Atenção; - Participação e empenho; - Respeito e cumprimento das regras.
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA (11h-12h30)	- Construção de uma maquete do “castelo de Guimarães”	-Fazer a ampliação de uma imagem. - Fazer construções a partir de representação no plano (maqueta)	- Compreender como se fazem as ampliações, para ampliar o tamanho das imagens do castelo.	- Lápis; - Borrachas; -Projedor; - Cartolinas; -Cartões; -Material reciclável diverso.	- Coletivo	-Observação	- Atenção; - Validade do raciocínio matemático; - Trabalho cooperativo; - Respeito e cumprimento das regras.

Quinta-feira 27/11/2014

<p>ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional</p>	<p>Revisão da aula anterior, sobre a fundação do Reino Portugal;</p> <p>-“Somos historiadores” leitura, compreensão e comparação de textos informativos sobre D. Afonso Henriques.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sociedade portuguesa nos séculos XII a XIV (pág. 51, manual); • Portugal no século XII. (pág. 35, História Elementar e Cronológica de Portugal) 	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>-Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal.</p> <p>- Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.</p>	<p>- Rever a aula anterior através da visualização de imagens. Em cada imagem as crianças terão de dizer uma frase explicativa;</p> <p>- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;</p> <p>- Perceber a importância de ler mais que uma fonte.</p>	<p>- Cadernos diários; - Lápis; - Borrachas; -Projedor; - Cópias do texto; -Manual; -Lápis; -Borracha.</p>	<p>-Individual; -Coletivo</p>	<p>- Observação;</p>	<p>- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação-Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.</p>
---	---	--	---	--	-----------------------------------	----------------------	---

<p>MATEMÁTICA (10h-10h30)</p>	<p>- Realização de uma ficha de trabalho.</p>	<p>- Resolução de problemas de vários passos; - Sólidos geométricos; - Ângulos convexos e ângulos côncavos; - Classificação de ângulos.</p>	<p>- Resolução de problemas.</p>	<p>-Livro de fichas; -Lápis; -Borracha.</p>	<p>-Individual</p>	<p>- Observação; - Registos dos alunos.</p>	<p>- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação</p>
<p>EXPRESSÃO EDUCAÇÃO PLÁSTICA (11h-12h30)</p>	<p>- Construção de uma maquete do “castelo de Guimarães”</p>	<p>-Fazer a ampliação de uma imagem. - Fazer construções a partir de representação no plano (maqueta)</p>	<p>- Compreender como se fazem as ampliações, para ampliar o tamanho das imagens do castelo.</p>	<p>- Lápis; - Borrachas; -Projeto; - Cartolinas; -Cartões; -Material reciclável diverso.</p>	<p>- Coletivo</p>	<p>-Observação</p>	<p>- Atenção; - Validade do raciocínio matemático; - Trabalho cooperativo; - Respeito e cumprimento das regras.</p>

Sexta-feira 28/11/2014

<p>ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional</p>	<p>Revisão da aula anterior, sobre a fundação do Reino Portugal;</p> <p>-Vídeo sobre D. Afonso Henriques;</p> <p>- Ficha de avaliação;</p>	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>-Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal.</p>	<p>- Rever a aula anterior através da visualização de imagens. Em cada imagem as crianças terão de dizer uma frase explicativa;</p> <p>- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;</p> <p>- Perceber a importância de ler mais que uma fonte.</p> <p>- Consolidação das aprendizagens através da visualização de um vídeo.</p>	<p>- Cadernos diários;</p> <p>- Lápis;</p> <p>- Borrachas;</p> <p>-Projeter;</p> <p>- Cópias do texto;</p> <p>-Manual;</p> <p>-Lápis;</p> <p>-Borracha.</p>	<p>-Individual;</p> <p>-Coletivo</p>	<p>- Observação;</p>	<p>- Atenção;</p> <p>- Iniciativa;</p> <p>- Pertinência da intervenção;</p> <p>- Cooperação-Atenção;</p> <p>- Participação e empenho;</p> <p>- Discussão e comparação de ideias/opiniões;</p> <p>- Respeito e cumprimento das regras.</p>
---	--	---	--	---	--------------------------------------	----------------------	---

<p>EXPRESSÃO EDUCAÇÃO PLÁSTICA (11h-12h30)</p>	<p>- Construção de uma maquete do “castelo de Guimarães”</p>	<p>-Fazer a ampliação de uma imagem. - Fazer construções a partir de representação no plano (maqueta)</p>	<p>- Compreender como se fazem as ampliações, para ampliar o tamanho das imagens do castelo.</p>	<p>- Lápis; - Borrachas; -Projeto; - Cartolinas; -Cartões; -Material reciclável diverso.</p>	<p>- Coletivo</p>	<p>-Observação</p>	<p>- Atenção; - Validade do raciocínio matemático; - Trabalho cooperativo; - Respeito e cumprimento das regras.</p>
--	--	---	--	--	-------------------	--------------------	---



Universidade do Minho
Instituto da Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Prática de Ensino Supervisionada II (PES II)

Contexto Educativo: Escola Básica N.º 1 de Nogueira, 4º B

Data: 06 a 09 de janeiro (12ª semana)

Alunas Estagiárias: Vera Alexandra Pessoa da Silva

Prof.ª Cooperante: Maria Armada Portugal Barata Duarte

rea de Conteúdo	Atividade	Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos Didáticos	Organização do Grupo	Critérios de Avaliação	
						Instrumentos	Indicadores
Terça – feira 06/01/2015							
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	<p>Revisão das aulas sobre os reis já abordados.</p> <p>-D. Fernando: Último rei da 1ª dinastia.</p> <p>-Identificar as características físicas e psicológicas do rei D. Fernando</p> <p>-As três guerras com Castela:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Razões; • Consequências; <p>- Análise comparativa de textos.</p>	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>-Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal.</p> <p>- Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.</p>	<p>-Em cada imagem as crianças terão de dizer uma frase explicativa;</p> <p>- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;</p> <p>- Perceber a importância de ler mais que uma fonte.</p>	<p>- Cópias dos textos</p> <p>- Lápis;</p> <p>- Borrachas;</p> <p>- Câmara de vídeo e projetor.</p>	-Coletivo	- Observação;	<p>- Atenção;</p> <p>- Iniciativa;</p> <p>- Pertinência da intervenção;</p> <p>- Cooperação</p> <p>- Atenção;</p> <p>- Participação e empenho;</p> <p>- Discussão e comparação de ideias/opiniões;</p> <p>- Respeito e cumprimento das regras.</p>

PORTUGUÊS	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e compreensão do texto sobre a lenda de Deuladeu Martins. - Realização do resumo da lenda. 	<p>Compreensão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; <p>Leitura:</p> <p>Ler de modo autónomo, em diferentes suportes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o texto; -Perceber a importância da palavra dada; -Sublinhar palavras ou expressões do texto que não compreendam. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cópias do texto; 	<ul style="list-style-type: none"> -Coletivo - Pares 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Participação e empenho;
Quarta- feira 7/01/2015							
MATEMÁTICA (9h-9h45)	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de uma ficha de trabalho, baseada em conteúdos de estudo do meio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução de problemas de vários passos; - Organização e tratamento de dados; - Percentagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução de problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> -Fichas de trabalho; -Lápis; -Borracha. 	<ul style="list-style-type: none"> -Individual 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Registos dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Raciocínio
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional (11h-12h30)	<p>Revisão da aula anterior;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os casamentos prometidos; - Proteção à agricultura, marinha e comércio. - Interregno 1383/1385 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local. - Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cópias dos textos - Lápis; - Borrachas; 	<ul style="list-style-type: none"> -Coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de

	- Análise comparativa de textos.						ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.
Quinta-feira 8/01/2015							
MATEMÁTICA (9h-9h45)	- Continuação da realização de uma ficha de trabalho, baseada em conteúdos de estudo do meio.	- Resolução de problemas de vários passos; - Organização e tratamento de dados; - Percentagens	- Resolução de problemas.	-Fichas de trabalho; -Lápis; -Borracha.	-Individual	- Observação; - Registos dos alunos.	- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Raciocínio
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional (11h-12h30)	Revisão da aula anterior; - Análise comparativa de textos. - Os casamentos prometidos (comparação de textos; -Planos da rainha D. Leonor Teles - Cerimónia do beijamão; - Revolta do povo;	- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local. - Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas. - Leitura de textos informativos em voz alta, para que seja possível uma reflexão em coletivo.	- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte.	- Cópias dos textos - Lápis; - Borrachas;	-Coletivo	- Observação;	- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.

	- Morte do Conde Andeiro;						
Sexta- feira 9/01/2015							
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	<p>Revisão da aula anterior, sobre a fundação do Reino Portugal;</p> <p>-Vídeo sobre D. Fernando, do programa "A Alma e a Gente" da autoria do professor José Hermano Saraiva</p> <p>- Breve reflexão sobre o vídeo.</p>	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>-Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal.</p>	<p>- Consolidação das aprendizagens através da visualização de um vídeo.</p>	<p>- Lápis;</p> <p>- Borrachas;</p> <p>-Projeter;</p> <p>-Computador com ligação à internet</p> <p>- Cópias do texto;</p>	-Coletivo	- Observação;	<p>- Atenção;</p> <p>- Iniciativa;</p> <p>- Pertinência da intervenção;</p> <p>- Cooperação;</p> <p>- Atenção;</p> <p>- Participação e empenho;</p> <p>- Discussão e comparação de ideias/opiniões;</p> <p>- Respeito e cumprimento das regras.</p>

<p>EXPRESSÃO EDUCAÇÃO PLÁSTICA</p>	<p>- Elaborar um placard com desenhos que ilustrem a História de D. Fernando.</p>	<p>-Perceber a História do reinado de D. Fernando.</p>	<p>- Consolidação das aprendizagens.</p>	<p>- Lápis; - Borrachas; -Lápis de cor; -Folhas de papel brancas.</p>	<p>- Grupo</p>	<p>-Observação</p>	<p>- Trabalho colaborativo; - Respeito e cumprimento das regras; -Desenho da figura humana;</p>
------------------------------------	---	--	--	---	----------------	--------------------	---



Contexto Educativo: Escola Básica N.º 1 de Nogueira, 4º B

Data: 13 a 16 de janeiro (13ª semana)

Área de Conteúdo	Atividade	Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos Didáticos	Organização do Grupo	Critérios de Avaliação	
						Instrumentos	Indicadores
Terça – feira 13/01/2015							
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	Fim da 1ª dinastia -Cortes de Coimbra -Guerras da independência; <ul style="list-style-type: none"> • Batalha de Trancoso • Batalha de Aljubarrota (ouvir a musica sobre esta batalha) • Batalha de Valverde - Visualização do mapa das batalhas -Aliança com Inglaterra	- Conhecer personagens e factos da história nacional -Localizar e colocar os fatos e as datas estudadas no friso cronológico da História de Portugal. - Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.	-Realizar um pequeno teatro, com a explicação dos acontecimentos decorridos na assembleia; Os alunos que desempenharem um papel terão de defender o ponto de vista da sua personagem. - Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte. -Localizar no mapa as batalhas realizadas.	- Cópias dos textos - Lápis; - Borrachas; - Computador e projetor.	-Coletivo	- Observação;	- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.

Quarta feira 14/01/2015

<p>PORTUGUES</p>	<p>- Leitura e compreensão do texto “A Coragem de uma mulher do povo – A História da Padeira de Aljubarrota” de José Jorge Letria</p> <p>- Reescrever a lenda.</p>	<p>Compreensão oral: -Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; -Leitura -Escrever o texto respeitando a sua estrutura.</p>	<p>- Compreender o texto; -Escrever no guia de auxílio as partes que acham mais importantes da história, estas anotações ajudaram a reescrever o texto.</p>	<p>- Lápis e borracha; - Guia de auxílio.</p>	<p>- Individual</p>	<p>- Observação.</p>	<p>- Atenção; - Participação e empenho;</p>
<p>MATEMÁTICA</p>	<p>- Resolução de situações problemáticas, enquadradas no projeto sobre a História de Portugal.</p>	<p>- Resolução de problemas de vários passos;</p>	<p>- Resolução de problemas.</p>	<p>-Fichas de trabalho; -Lápis; -Borracha.</p>	<p>-Individual</p>	<p>- Observação; - Registos dos alunos.</p>	<p>- Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Raciocínio</p>

<p>ESTUDO DO MEIO. - Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional</p>	<p>Revisão da aula anterior;</p> <ul style="list-style-type: none"> - O casamento de D. João I; - Ínculta geração; - Condicionais da expansão; - Motivações de expansão. 	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>- Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.</p>	<p>- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;</p> <p>- Perceber a importância de ler mais que uma fonte.</p>	<p>- Cópias dos textos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lápis; - Borrachas; 	<p>-Coletivo</p>	<p>- Observação;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.
<p>Quinta- feira 15/01/2015</p>							
<p>ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional (11h-12h30)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Conquista de Ceuta; -Descoberta do arquipélago da Madeira; - Colonização do arquipélago da Madeira; - Descoberta do arquipélago dos Açores; - Colonização do arquipélago dos Açores. 	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</p> <p>- Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas.</p> <p>- Leitura de textos informativos em voz alta, para que seja possível uma reflexão em coletivo.</p>	<p>- Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História;</p> <p>- Perceber a importância de ler mais que uma fonte.</p>	<p>- Cópias dos textos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lápis; - Borrachas; 	<p>-Coletivo</p>	<p>- Observação;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.

EXPRESSÃO EDUCAÇÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer o desenho de uma caravela em tela, usando aplicações de modo a ficar com volumes. - Legendar as partes constituintes da caravela 	-Perceber a constituição e as partes da caravela.	- Consolidação das aprendizagens.	<ul style="list-style-type: none"> - Cola; -Feltro; -Velcro; -Tecidos; -Jornais; -Cartões; -Guaches -Entre outros materiais recicláveis. 	- Grupo	-Observação	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho colaborativo; - Respeito e cumprimento das regras; ;
Sexta- feira 16/01/2015							
ESTUDO DO MEIO.- Bloco 2: Passado do Meio Local e o Passado do Meio Nacional	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do texto do manual pág. - Breve reflexão oral sobre o texto do manual e dos textos informativos analisados durante a semana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local. - Técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar e tomar notas. - Leitura de textos informativos em voz alta, para que seja possível uma reflexão em coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a importância dos livros informativos, nomeadamente para o estudo da História; - Perceber a importância de ler mais que uma fonte. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cópias dos textos; - Manuais; - Lápis; - Borrachas; 	-Coletivo	- Observação;	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Iniciativa; - Pertinência da intervenção; - Cooperação Atenção; - Participação e empenho; - Discussão e comparação de ideias/opiniões; - Respeito e cumprimento das regras.

<p>EXPRESSÃO EDUCAÇÃO PLÁSTICA</p>	<p>- Terminar a tela com a caravela portuguesa</p>	<p>-Perceber a constituição e as partes da caravela.</p>	<p>- Consolidação das aprendizagens.</p>	<p>- Cola; -Feltro; -Velcro; -Tecidos; -Jornais; -Cartões; -Guaches -Entre outros materiais recicláveis.</p>	<p>- Grupo</p>	<p>-Observação</p>	<p>- Trabalho colaborativo; - Respeito e cumprimento das regras;</p>
------------------------------------	--	--	--	--	----------------	--------------------	--